

BRAMCO

Vai para Soares Feitosa
este

MINERAR O BRANCO

Com o abraço de

Ronaldo Werneck
C. Itaguara

verão/22/

Ronaldo
Werneck

MINERAR O BRANCO

© 2008 ronaldo werneck

EDITORA ARTEPAUBRASIL

projeto gráfico/capa

raimundo gadelha

coordenação editorial e gráfica

fernando borsetti

capa/design gráfico/editoração eletrônica

denise zinetti bitencourt

poemas/design gráfico

ronaldo werneck

fotos

henrique frade – humberto ribeiro – jorge napoleão – pedro comello

restauração & tratamento de fotos

júlio mauro

revisão de texto

antônio jaime soares

fotolitos & impressão

manuela editorial ltda.

patrocínio:



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Werneck, Ronaldo

Minerar o branco / Ronaldo Werneck. --
São Paulo : Manuela Editorial, 2008.

SBN 978-85-99629-14-7

1. Poesia brasileira I. Título.

08-09851

CDD-869.91

Índices para catálogo sistemático:

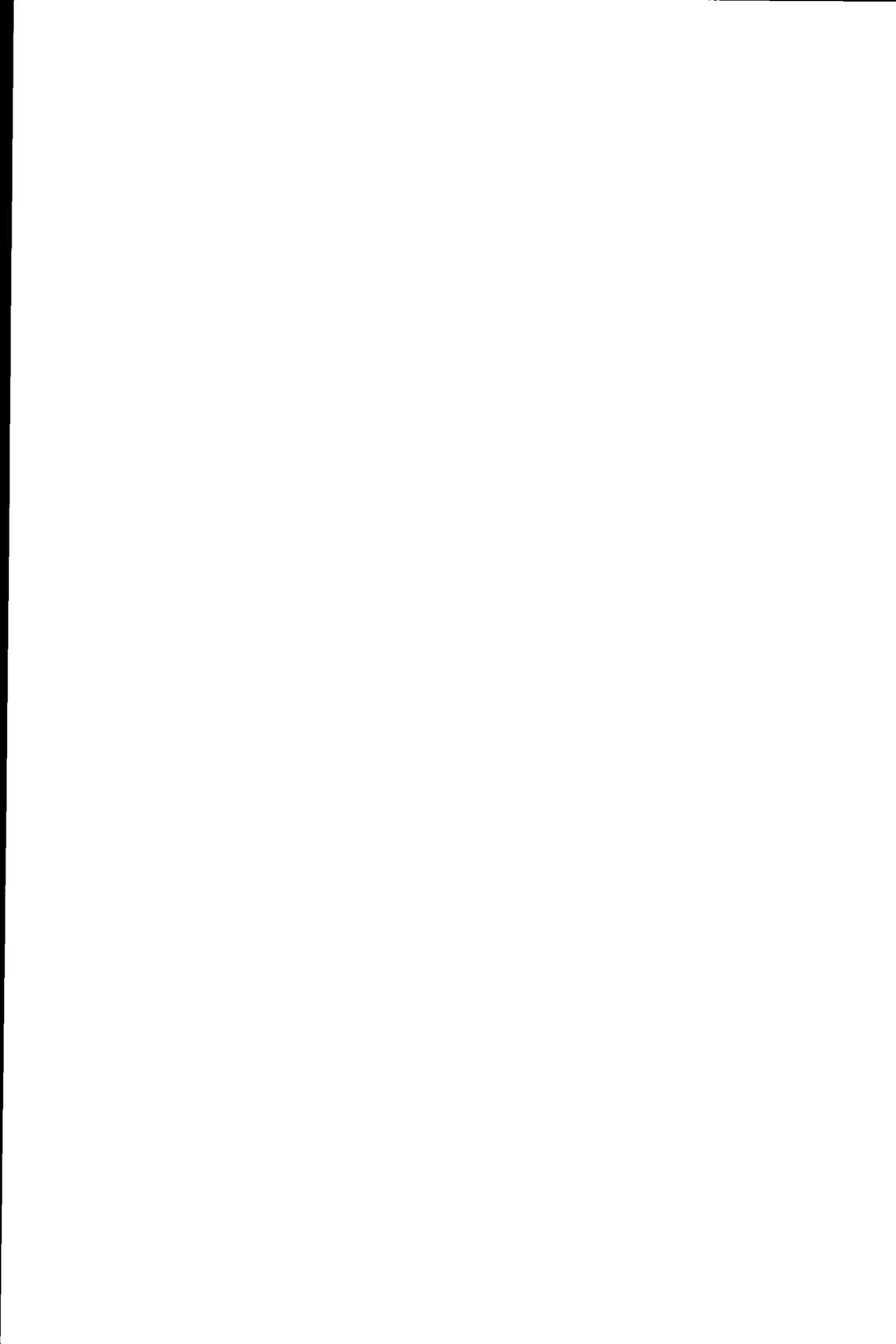
1. Poesia : Literatura brasileira 869.91

MINERAR O BRANCO

Ronaldo
Werneck



artepaubrasil
São Paulo, 2008



para Rosa Maria, irmã de fé
e – mamãe na memória –
Dona Zeca-Maria José



O escuro se nutre de alvas
o claro de escuridões.
Poemas, de que se nutrem?
De poesia algumas vezes
como o Diabo se nutre
de Deus, quando Deus existe.

Guilhermino Cesar

“La poésie c’est autre chose”

Jean Cocteau, d’après

Oswald de Andrade

"Catarioca" sou – de Cataguases, na Mata Mineira.

Mas no Rio/mar de muitos janeiros morar.
Do mar à mata, do asfalto à volta. Das minas do
início, apenas (re)tirar a gravata. E reassumir os
suspensórios do menino de sua mãe. A minha.
Solto no mundo, preso à infância. É isso. Isto é,
são muitos issos esses poemas. Daqui e dacolá,
nunca se sabe de qual lugar. Ressurgem de
recantos minerados, obscuras minas, brutas pedras
(di)lapidadas. Ou fulgurações do agora e do depois.
Sóis que se quis. Que se quis, que se quis.
Beijo. Boca da noite-manhã.

Ronaldo Werneck

Baden-Bar de Ipanema: finicius regado a tônica e guaraná.

Já sem a garota, mas no Tom de Vinicius.

Rio, 24 maio 2008



MINERAR O BRANCO

- 15 *Lirismo a partir da linguagem* / Sérgio de Castro Pinto
17 *Fragmentos num espelho cubista* / Jair Ferreira dos Santos
20 *É Ode? Só (p)Ode* / Nuno Rebocho
25 *Miner(ação) de Ronaldo Werneck* / Olga Savary

33 PRETO NU BRANCO

37 PRETO

- 38 Olha Cá
39 Preto Nu Branco
40 Elementos
41 De Céu e Nuvem
43 À Pesca
44 O Ter e o Tudo
46 Viver este Poema

47 BRANCO

- 48 *Ser/tão Pós-moderno*
49 *Aguarde sua Vez*
58 *Política do Troco*
60 *É Lixo Só*
61 *O Rifle em Riste*
63 *Claro & Clean*
65 *La Muerte y la Muerte de El Bodegón*
68 *Americantina*

71 NU

- 72 *O Goleiro Atônito*
73 *Romântico Incurável*
74 *Miurezas*
75 *Annamanhece*
79 *Escorpialma*
82 *Old Fashion*
84 *No Coração da Metrópole*
86 *Trinta outonos outros*

- 89 NU BRANCO PRETO
90 Back in Life
91 Terra à Vista
93 Acácias
94 A Voz
96 A Noite do Iguana
98 O Ópera Apaga Carlos Saura
100 O Bonde da História
101 (A)guardar Godard
103 Nada essa balada no ar do Harry's Bar
105 Reviver Veneza
106 Roda el món i torna al Born
111 Veralgaravia
113 Mar de Camões Amar Florbela Espanca
114 Nunca Sem Poesia

115 TEMPOS DE MINERAÇÃO

- 119 MINERAÇÃO
121 Partida: fade-out
122 A poesia nos braços
124 O sol sobre a lua
127 Sim, sim: cinco minutos

- 135 MINASCER
137 Flagrante
138 Vem da mata o menino
140 Havia avencas na varanda
141 MinasCer
142 Acqua vitae
143 Um dia: aquele
144 Rio Pomba a vagar
145 Paisagem com vaca
146 Superior
147 Susto
150 Voa o velho Vectra
152 Pela mata erra o poeta

- 153 Política Municipal
- 154 Bh blues
- 155 Pindamoraminas
- 157 Ah! Há controvérsias

159 CINE-VERDE

- 161 Roteiro
- 162 Maurianas
- 165 Ascânio em 4x3
- 166 Nas barbas do enfado
- 167 Balada pro Chico Peixoto
- 168 Duas décadas déjà

169 TRÊS CANTOS ARGELINOS

- 171 El-Dzejair El-Beida
- 175 Hôtel du Port
- 178 L'après-midi à Tipasa

185 AO SUL DO EQUADOR

- 187 Science-fiction
- 188 Ecostinção
- 190 Travo exportável
- 191 Lunetas tropicais

193 QTO MAIS ME AFASTO

- 195 Bye, Rio: Bye-bye
- 196 ChristInRio
- 198 Balada do foyer
- 200 Rio de vidro
- 202 Qto mais me afasto

207 QUATRO TEMPOS NATALINOS

- 209 Natal letal
- 210 Velhos Natais
- 212 Natal de Casanova
- 213 Trem de Natal

215 CANTAR D'AMOR E D'AMIGOS

- 217 Baden-Baden

- 219 Íris, retinas
220 Dedicatória
222 Zoeira & Alfaia
223 Quero moça que
224 Seis anos procéis
225 Cançãozinha para Maria Teily
227 Legenda
229 Cadê Teresa?
230 Matusalém no Pelourinho: Caymmi então em seu caminho
231 Zôo
232 Meninas-cos'è?
234 Ché-ché, Mister Cheng!
237 Lina lê-se em ardósia
238 Súbita sinuca

241 SONETOS PRA QUE TE QUERO

- 243 Soneto das meias pretas
244 Do Sonetário do Glauco
244 soneto & ½
245 *aldebarã*
245 *concepção com sol*
246 *rimbaud me roubou*

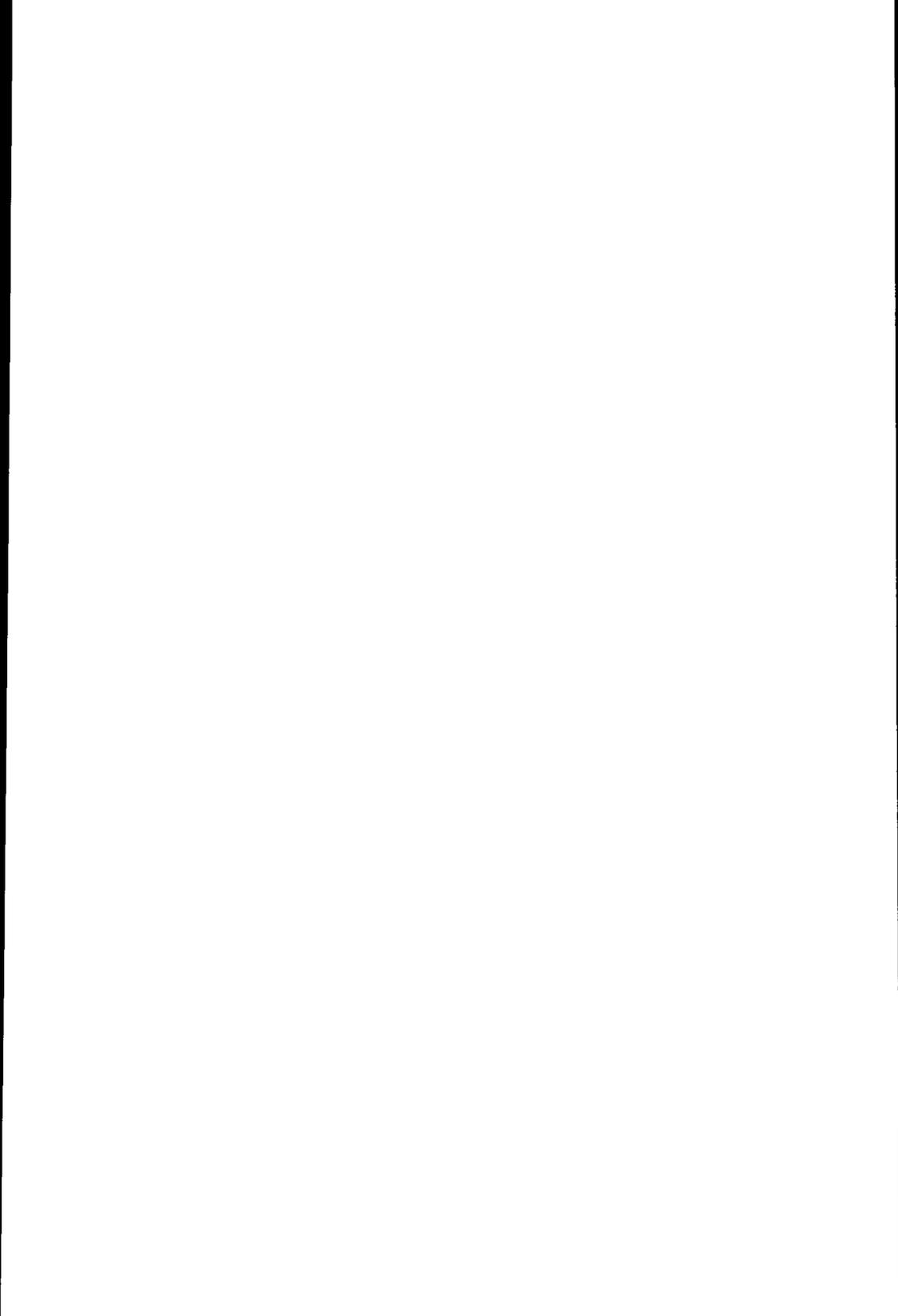
247 BRICABRAQUE

- 249 Terrível torresmo
250 Era uma quinta-feira de uma noite
252 Escritório
255 VateCínio
256 Sol antigo
259 Eleva/dor
260 Vôo
261 Eletrecístico
263 Up-to-date
264 Nordeste
265 Do corpo do ser do resto

267 ALVÍSSARAS & LANTEJOULAS

escrever é um suicídio branco
não escrever, um suicídio em branco

Sérgio de Castro Pinto



LIRISMO A PARTIR DA LINGUAGEM

Sérgio de Castro Pinto

Ronaldo Werneck foi um dos poucos poetas de vanguarda a lançarem mão do lirismo, contrariando, com este procedimento, o discurso impessoal da Poesia Concreta. Nem por isso, porém, ele deixou de ser um beneficiário direto das importantes conquistas poéticas de Augusto, Haroldo de Campos e Décio Pignatari. Ou seja, a par do apelo visual, a sua poesia também investe na paronomásia – figura de linguagem usada, indiscriminadamente, pela poesia das décadas de 60 e 70 – sem descurar, no entanto, do uso da metáfora, à época praticamente abolida pelas vanguardas de um modo geral.

Quanto ao lirismo de Ronaldo Werneck, diria tratar-se de um lirismo elaborado a partir da linguagem, em consonância com o preceito emitido por Wordsworth segundo o qual “A poesia é emoção recolhida na tranqüilidade”. Quer dizer, é um lirismo pensado, amadurecido, desses que, dificilmente, se resolvem de um jato, de um jorro, abruptamente. Lirismo de um poeta cujo ecletismo reside no fato de, vanguardista, jamais o foi desses empedernidos, de carteirinha, que muitas vezes sacrificam o que têm a dizer em prol do estilo. Enfim, Ronaldo Werneck é daqueles poetas que privilegiam a maleabilidade da forma para transmitir estados d’alma, sentimentos, emoções, embora o faça “(...) com mão serena e contida,/ sem deixar que se derrame/ a flor que traz escondida”

Pois bem. De tudo fica uma lição: das vanguardas, Ronaldo Werneck soube extrair os muitos recursos que elas acrescentaram para uma melhor performance do poeta diante do poema. Isto, porém, sem abdicar do

seu lirismo inato, orgânico, visceral. Circunstância que sempre o individualizou e o distinguiu no contexto das vanguardas e fora delas, conforme ratifica este excelente *Minerar O Branco*.

Sérgio de Castro Pinto

*Poeta e professor de literatura na
Universidade Federal da Paraíba*

FRAGMENTOS NUM ESPELHO CUBISTA

Jair Ferreira dos Santos

Vivemos tempos voláteis, a fidelidade é um pecado mortal, quase um crime. Pois não é que, na contramão como sempre, Ronaldo Werneck reúne em *Minerar O Branco* dois livros – *Preto Nu Branco* e *Tempos de Mineração* – que tecem a mais fina estampa com o ideário da poesia de vanguarda, sobre o qual construiu sua identidade literária?

Refrescando a memória: o poeta se embrenha mineiramente por aquele antiversejar radical que entre os anos 1950 e 80 teve a matriz estabelecida pela poesia concreta, neoconcreta, práxis e processo, irmãs cujas rixas eram sobre detalhes em suas três linhas de montagem: sintaxe visual do texto no lugar do discurso, trabalho sobre a palavra isolada, apropriação dos signos da cultura de massa.

Minerar O Branco mescla produções recentes a inéditos mais antigos para falar das andanças e ficanças, amorosas ou não, do autor mundo afora, não sem um pequeno bloco de metapoemas para dizer o que pensa do seu ofício. A ênfase e volume maiores, no entanto, incidem sobre Minas Gerais, isto é, o passado, a busca não programada, quem sabe, de uma mineiridade difusa.

Se os acasos da roda viva levam Ronaldo a Veneza, a Paris e induzem a flagrar o Rio como “esse cais coalhado de caos”, uma irremediável pulsão de pretérito o devolve para “dentro da minas noite menina/ cristal de sonho arisco”, para Cataguases, a terra natal mais precisamente, onde ainda respira uma terna lembrança de seu pai que “prima pelo primário” mas é “plus que ordinário, superior Hisbelo”, e a uma mulher chamada

Cris ele pede: "acorde esse trem dentro de mim".

Dos metapoemas, em que a poesia é declarada "um cantar para dentro/ um falar sozinho", sendo indispensável "escrever/ por/ vício", passamos a cerimônias de gratidão aos seus mestres, Rimbaud e o mar à frente, depois Maiakóvski, Humberto Mauro e Ascânio Lopes, poeta cataguasense tema de um dos excelentes trabalhos do livro, iniciado com este admirável octossílabo nada livre: "ressurge ascânio estranho e triste".

São textos que têm a dignidade de não cortejar o mistério, embora o mencionem. Seu foco não é a descoberta por meio de metáforas e abstrações intelectualizadas, mas o fluir da vida em diferentes situações ou narrativas, suas tensões e intensidades captadas pelas mutações da palavra solta, contraída, desdobrada para dar conta da trama de sensações e percepções em exercício em nossos corpos. Não há um sentido das coisas, há uma deriva de experiências a escoar-se pelo papel.

Nisso a retórica vanguardista de Ronaldo Werneck é incomparável. Destituído o verso, entram em cena os jogos verbais com paronomásias em cascata, desmonte silábico dos vocábulos, trocadilhos nunca infames, palavras-valise como "minascer", "sempremente" – ludismo cujo destaque é o corte que estipula no branco da página a dicção do olhar, se podemos falar assim. O resultado é como se Minas e o resto aparecessem, transcriados, em fragmentos refratados num espelho cubista.

Na fidelidade a esse transmutar contínuo dos

objetos talvez resida a chave para se penetrar na poesia com altas taxas de invenção de Ronaldo Werneck, pois ela reflete aquele famoso *Make it new, seu imbecil*, blague do autor com o mote de Ezra Pound, outra de suas fontes, transformada em auto-advertência irônica e disciplina de criação, ambas cumuladas de sucesso.

Jair Ferreira dos Santos

*Ficcionista, poeta, ensaísta, autor
do livro de contos Cybersenzala*

É ODE? SÓ (P)ODE

(lendo as mineirações de Werneck)

Nuno Rebocho

eu garimpo ronaldo
mineiro werneck
de palavras gerais
essenciais
no discurso nu
de quem apalpa o mundo
e se reveste de sons
& cores & dons & amores
e/ou estupores

(palavras que são boca e têm cu)
dia & noite mineirando
no deck da viagem bandeirante
ronaldo nu branco
desespera

de mandjaku branku
que texto prometeu e adormeceu
/ desconfiai dos brancos

& dos garimpeiros
& dos salineiros
& dos solteiros
& dos vindeiros
& dos cativeiros
& dos aventureiros
& dos romeiros
& dos quintadeiros
& dos marinheiros
& dos vinhateiros
& dos primeiros

shit! shut! tudo MERDE (desconfiai)
tudo grogue (desconfiai)
tudo palavras (desconfiai)

 fios que deslizam desde
 as ideias até a um fundo
 que aprofunda o mundo
 por dentro do vulcão
 até ao deslumbre
 da buracona

 (eu sei do que falo)

eu falo da mineiração & dos tempos
de werneck:

 "opresso é o poema"

 – inverso é o esquema
 de (re)saltar da cama
 como "a poesia salta do branco"
 (poesia é fêmea). branqueamos
 a culpa nhô deus de todos os diabos
 e raptamos os genes dos nossos pecados
 – poeta é macho

é o falo que emprenha a circunstância: ah
é difícil amar sem luta: coincidência
sobreatlântica desde as minhas ilhas
às ilhas de minas onde ronaldo escava
sílex e sílabas & sinais
palavras-minério no mistério dos sais
(onde está o ouro ó alquimista)
como outra ora naveguei volfrâmios
& guerras & danos + enganos

depois sobraram escórias gravilhas
atapetando caminhos e hoje arrumo

rumo jorras
e as porras
& as porras
as esporras
as esperas
as feras

eu sei do que não falo (mineira inconfidên-
cia)

ó meu general dos caminhos vai veloz a
vida

& eu sei do que não falo e porque calo
o calor da revolta a escolta pra briga
a dor de barriga a cantiga a caatinga
a água do poema a fractura da perna
o martírio ridículo a caserna a lanterna
a renúncia o crime a desistância
a instância a consistência

camarada

escrevo nu: no segundo piso de um prédio
de palmarejo

(cidade da praia cabo verde) nu vou à va-
randa

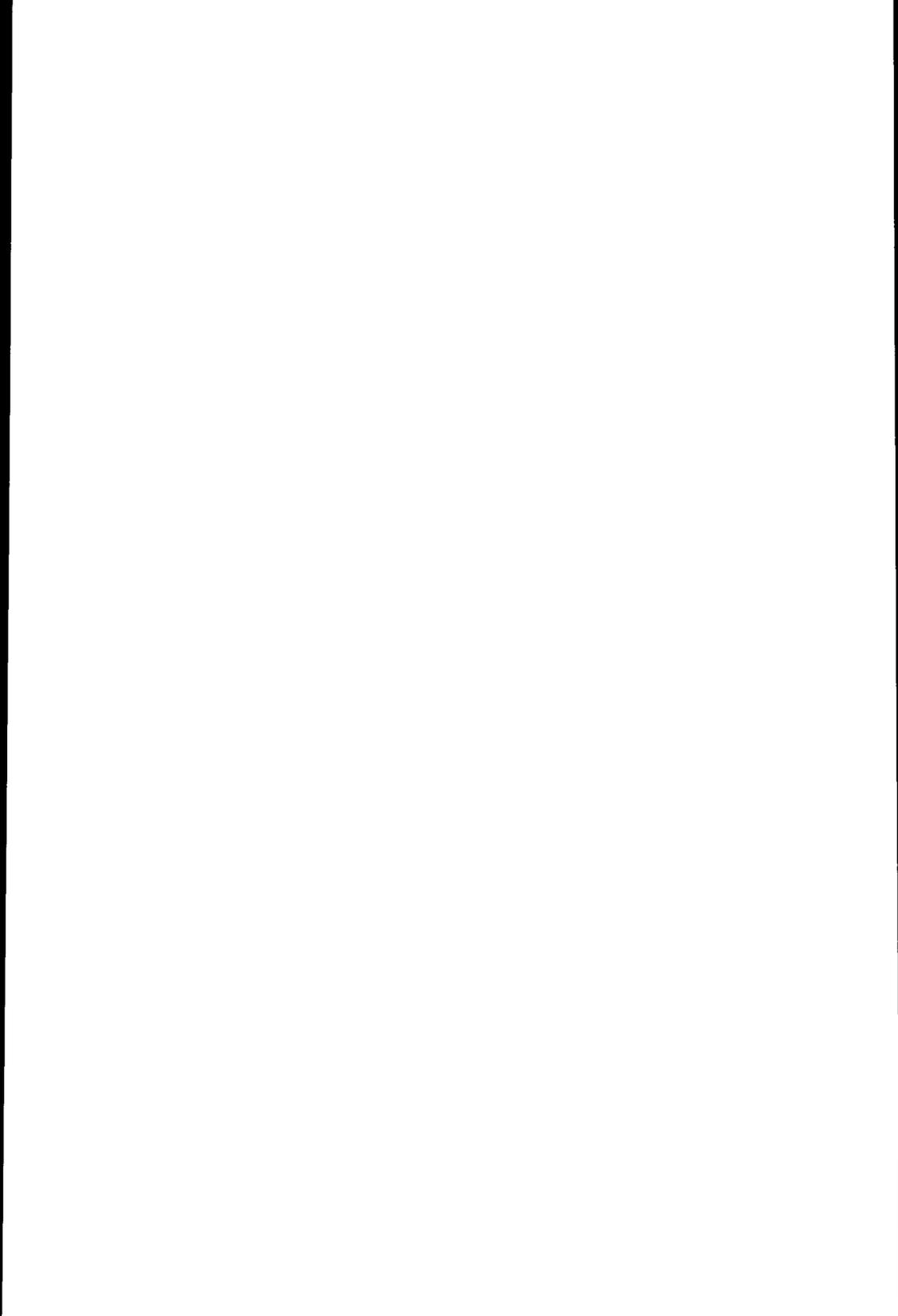
e do outro lado da rua no segundo piso de

um prédio
de palmarejo (cidade da praia cabo verde) uma
crioula
nua (é lua) adivinha-me e ao meu cio na brisa e en-
tão
lhe grito: "morrer é no fundo pura sacanagem"
– a crioula indigna-se recolhe-se e fecha a janela
– despe-se a aragem
ar
cor agem

Nuno Rebocho

Poeta e jornalista português

Cidade da Praia, Cabo Verde, 05 Junho 2008



Miner(ação) de

RONALDO WERNECK

Olga Savary



25

Luzes, câmera, ação: criar asas – e o poeta idem – nessa grande viagem que é a poesia, também navio e porto. Do alto de suas sete pirâmides, visualizando tudo por cima dos ombros, o poeta olha do centro de si mesmo. Amalgamado ao seu criar, o poeta invoca a sua verdade e a beleza, matérias nobres da tessitura poética, da mais genuína alegria, filha da solidão, esse alimento primordial do ato criador, pão do sentimento básico do sentir-se só para alcançar a plenitude. Porém sem isolar-se entre seus pares. Só e solidário.

Esta luta com as palavras é luta insana, jamais acaba, mas é prazerosa: pugilato amoroso, orgástico.

E o poeta pode tudo, pode até ser um fingidor, porém não mente. Ele é o sujeito da verdade imponderável, a mais real. E realidade é somente aquilo onde podemos colocar a imaginação. Assim, a poesia está em tudo, basta ter olhos para ver, emoção para sentir e consciência para refletir; ela está aí para ser vista, sentida, refletida. Porque poesia é emoção que pensa e pensamento emocionado.

Escritor é aquele que exercita a melhor das artes: a convivência consigo mesmo, sem medo, de olho na própria face refletida no espelho. Solidão e solidariedade é seu binômio. Cria só, mas salta atrás do relâmpago da solidariedade em meio à escuridão. Quanto ao poeta, ele bem pode ser o aparente perdedor se olharmos o mundo de um ponto de vista materialista. O poeta pode perder uma aparente felicidade, futilidades, chances, lances. Pode perder tudo e nada, porque jamais perderá a gana de lutar.

Pois é irrefreável, efervescente, pós-moderna, eivada de oxímoros, que surge para o leitor a poesia de Ronaldo Werneck neste seu novo livro: *Minerar O Branco*, livro uno, mas que não é um, são dois (*Preto Nu Branco* e *Tempos de Mineração*). Tal é a serena inquietação, se pudermos utilizar estes opostos reunidos, do fazer poético de RW. A poesia de Ronaldo Werneck é antes de tudo uma poesia inteligente, enriquecida por rara sensibilidade, alegria, vigor, beleza, também não isenta de certo mistério, até porque a própria poesia não abre mão de magia e mistério.

Réguas e compassos jamais escreveram um verso, quanto mais um poema. Poesia anseia por ambigüidade e desmedida, por sinuosidade de curva, não de retas. Poesia não é o caminho mais curto entre dois pontos, e o importante é o caminhar. Esta parece ser a proposta de RW: poesia substantiva, que não carece de ornatos. Nem arremate. Aberta é o que ela é nestes dois livros, dois num só. Suave e cortante, ao mesmo tempo, sua poesia faz-se de mel e fere como pedra. Tem algo de Éden, de paraíso

perdido e segredo revelado de geografia urbana. Traz o sol para dentro de casa e também estrelas notívagas a espreitar das frestas da janela da sala e do quarto.

Ronaldo Werneck baseia-se na decantada complexidade humana para urdir uma poesia observadora da vida, com as devidas perplexidades, a corrosão do tempo sobre a desestruturação dos seres e sua consequente experiência social. Há aqui reflexão e sensações, forte conotação filosófica, de mãos dadas com a poesia, redimensionando o léxico e seu significado. É uma poesia que estiliza a realidade para recriá-la mais verdadeira dentro de uma nova ética e estética, quebrando e alterando velhas estruturas lingüísticas convencionais. Inovadora, seu conteúdo inusual revela o sonho poético exaustivamente trabalhado pelo Autor.

Eis uma poiesis permeada de potencial estético latente e até manifesto. Aqui, poesia e filosofia se buscam e se aliam no exposto contínuo de significado da condição humana. Nada é somente o que parece. Ronaldo Werneck constrói o edifício de sua poesia aguçada com argamassa, cal, sim, mas igualmente com sangue e suor. Veias nas vigas, este poeta abre ao leitor sua caverna e seus salões, quartos, corredores, seu verso-casa. Onde ele nos leva? Talvez jardins suspensos? Sim e não. Com certeza à epilepsia dos lençóis, entre altar e febre terçã. Carne, músculos e ossos.

Dói a poesia das grossas veias? Porém o poeta é o total iconoclasta, mas sem ser um masoquista: sabe o que faz e adora o que faz. Do contrário, não retornaria em tantos livros, não abandonaria a invisibilidade. RW também investe na ironia. O reino do poeta escrito sobre a areia, em cima da poeira? Digamos que mais é em cima do caos nosso de cada dia. Porém aspirando à harmonia plena, quixote às voltas com a verga da palavra. Assim, então, poderia ser considerado o último romântico? Pode ser, desde que se apresentando ao mundo revestido da armadura de sua consciência e de sua lucidez, até os ossos.

É mestre Antonio Candido, em uma palestra na

Oficina Literária Afrânio Coutinho (OLAC), em 1989, quem diz que o Romantismo não acabou. E Propércio reitera num verso que o amor é nu e não gosta dos artesãos de sua beleza. Este, Ronaldo Werneck, é aquele que chama e conclama tudo e todos para a vida. Mesmo que a resposta do outro seja só dúvida e imobilidade. O inédito está embutido em todo dia e sempre para quem cria. Ainda que o outro, os outros, se percam, distantes, no silêncio. Porque o poeta é aquele que inicia seu itinerário no carro do sol, em direção aos crepúsculos de fogo.

Conheci Ronaldo Werneck e sua poesia desde meados da década de 60, bem antes do surgimento, em junho de 1969, do semanário O Pasquim, do qual fui fundadora desde o Número Zero, ou seja, antes do Número 1, junto com equipe inicial de sete: Jaguar (presidente desde o começo até o encerramento, em princípio da década de 90), Claudius, Fortuna, Prósperi, Sérgio Cabral, Tarso de Castro e eu. De fato, sete a equipe fundadora. Eu era a única mulher da equipe, criando a seção "As Dicas", a mais lida do jornal, com coluna registrando eventos culturais de toda ordem, desde lançamentos de livros, exposições de artes plásticas e gráficas, até espontâneas recomendações de bares e restaurantes (e primeira vez que jornalista dava na coluna o preço do que o leitor-freguês iria degustar, uma inovação pioneira que todos reclamaram, mas que depois virou praxe e todos os outros jornais, revistas e os próprios restaurantes copiaram).

Como não registrei, até o jornal O Globo copiou, lançando tempos depois a sua coluna "As Dicas". Diga-se, a bem da verdade, que sem o mesmo charme da minha "As Dicas" n' O Pasquim. A coluna mais tarde se ampliou e outros, não só eu, passaram a escrever nela. Rebelde, inovadora, eu sempre tive esse espírito pioneiro. Não só no jornalismo, nas inovações que criei n' "As Dicas", como também na literatura. Gosto de en-

frentar convenções e, assim, fui dos primeiros brasileiros e a primeira escritora a escrever, traduzir e divulgar os clássicos poetas japoneses do haicai no Brasil, no início da década de 1940, menina ainda. Pioneira a escrever e publicar o primeiro livro todo em temática erótica – Magma, “Prêmio de Poesia 1982 da Academia Brasileira de Letras”, e de organizar Carne Viva – 1ª. Antologia Brasileira de Poesia Erótica (1984), com 77 poetas de todos os estados. E sou provavelmente o único poeta a utilizar palavras em tupi na poesia e na ficção, sempre.

Voltando a O Pasquim, fui contratada a trabalhar neste hebdomadário pelo jornalista Sérgio Cabral, que gostou das colunas “As Dicas”, que para ele levei. Quando todos foram presos pela ditadura, por dois meses, em novembro e dezembro de 1970, por motivos ridículos que hoje todos sabem, por pouco não fui presa também, por causa da homenagem a Neruda, como sua principal tradutora no Brasil. De Pablo Neruda traduzi 11 livros (nove de poesia, uma peça teatral e as memórias “Confesso que vivi”). Traduzi para O Pasquim e para o jornal Tribuna da Imprensa poemas de Pablo Neruda em páginas inteiras. Na terceira semana, o censor avisou: “Cuidado, não repita a dose. A senhora sabe que este ‘Arruda’ é comunista? Não publique mais este comunista”. Qualquer criança sabia da posição ideológica do poeta chileno. A censura, ignorante como sempre, não sabia nada do poeta, nem seu sobrenome correto... Um horror. Uma curiosidade: foi a única vez, ao que eu me lembro, de ter tido meus poemas publicados nas primeiras páginas dos jornais (ocupando os “buracos”, os “rombos”, feitos pela censura, nas notícias que eles não queriam que saíssem). Como dizia Alceu de Amoroso Lima (o Tristão de Ataíde, pseudônimo que ele adotou), só a poesia driblava a burrice da censura com sua linguagem metafórica, que confundia os “cabeças” da censura nos chamados anos de chumbo.

N’O Pasquim mantive-me por anos como escritora, jornalista e tradutora, participando também

como entrevistadora, principalmente dos entrevistados escritores, tais como Clarice Lispector, Mário Quintana, Nélida Piñon, entrevistas que sugeri como pauta e das quais participei. Desde então convivo com a poesia de Ronaldo Werneck, que me disse um dia querer prefácio meu para um livro dele. Adiada a solicitação por tantos anos, eis que esta me veio agora para Minerar O Branco, onde a inquietude de RW não faz por menos: este livro não é um só, mas dois em um.

Rever seu texto, para estudá-lo, é estimulante, por ser combativo, inteligente, jovem e maduro a um só tempo, assim como foi se tornando com o passar dos anos. Criação selvagem, no melhor sentido do termo, significando rebeldia, mas sem perder a ternura (no dizer de Guevara), puro humanismo. Dialogar com RW é exercitar o lado mineiro dos Savary: o parentesco com Aníbal e Maria Clara Machado (pai e filha, mais os outros escritores do clã dos Machado), os poetas Augusto de Lima, Carlos Drummond de Andrade e Murilo Mendes, entre outros.

Ler, reler e dialogar com esta poesia é quase que vivê-la, semelhante ao poeta, sempre alerta, como no dizer de Picasso: "Espero que a chamada inspiração me encontre acordado". E RW não pára de viver seu poema, qualquer dos muitos poemas de seu singular e plural livro, numa poiesis pensada, mas também, e muito, bem vivida: poesia-vida. Assim se inicia este livro que é "arte/ fato/ é arte/ físsil// (...) escrever/ por vício/ puro viço" Metapoesia em "poemóviles", uma vez que "a poesia salta do branco", "o poema é opresso" e igual a "leite submerso". Nuvem e peso, poesia será um vôo em vão que se desvela e resvala? Ou um cantar pra dentro, um falar sozinho? Pó, fumaça, passarinho, poesia não é coisa que passa, é fundamental e fica. Puro ritmo, a poesia de RW é a pesca das palavras: "palavra pilastra/ símbolo/ que se perde/ – estratégia/ uma palavra –/ paradigma/ (...) some na selva dos sintagmas", palavra-

poita, "emblema/ sem prumo/ voa", poesia que é proa e popa em sua eterna caça – e "Pesca" para o bico fino do poeta: diadema.

Contentamento de escrever, embora no exílio das palavras, este exílio para o poeta é tudo. Tudo é o viver do poema, como a mineiridade remetendo e dialogando com o conterrâneo João Guimarães Rosa em "Ser/tão pós-moderno": "(...) sonho sons sem lastro/ coda que plange/ rouca/ sem fim de dó/ deca/ afônica/ sinfonia/ iconoclasta/ – verde vaca que vem pára e pasta". Multifacetada, intertextual, a poesia werneckiana é combativa, de feroz e irônica crítica social na parte "Aguarde sua vez". Entre palavra e imagem, RW deseja "reescrever" a realidade crua, para aprimorar a consciência das pessoas e melhorar este mundo tão desigual.

Estilhaçada, sim, é esta poesia, às vezes trocadilhesca, sempre inteligente e lúcida: "como você/ um operário/ que na terra/ cava/ a vida avara". Súbita, violenta, mas humanística e terna, a poesia de RW é cheia de miurezas, uma brava palavra-miúra, uma escrituracinema, é "algaravia/ melopéia/ virgem-vadia". E nunca sem poesia: "dois dias sem comer/ sobrevive um ser/ saudável: subvive// sem poesia, não/ não vive nem um dia". Palavras-mistério: "cor/ cel", só atalho, pura alegria, tirocínio, sempre em mente, o poema só suor, simplesmente, simplesmente, o ofício.

Caracol entre montanhas, entre mata e asfalto, convívio e consentida solidão, ensimesmado, labirinto de si mesmo, acqua vitae em vida ardente, assim vai a vida por um cio, a vida-poesia do poeta. Cantando cidades e gentes, amigos, a poiesis de RW é semente, pandorga, cor, usina, ofício, solidão, crença, humor, amor. Amor/ humor, como queria Oswald de Andrade. Também "cosmonostalgia", "silvo/ selvagem", solto no mundo, presença/ausência do poeta no Rio, em Cataguases e onde mais sua inquieta vontade o levar, sonho e de leite agora ÁGORA. Porque todo lugar é lugar de poeta, inteiro e dividido. Quanto mais se afasta, mais o poeta

gosta. "Tudo salamaleques/ do Ronaldo Werneck". Lírica e social, a poesia de RW é chave, descoberta, asa.

É mais: vício, virtude, visagem, atitude, porto/ viagem, perda, perdição, achado, candura/crueldade. Muralha e magia palpável. Representante em Minas da poesia na tendência de então do poema processo, sua poética, experimental, volta-se também para o soneto, só que um soneto contemporâneo, moderno (por que não?), sintético, nem concreto nem clássico, pessoalmente werneckiano no julgar do poeta Glauco Mattoso. O poema "Terrível Torresmo", quase no final do livro, bem werneckiano, é de uma queixa/alegria, se pudermos dizer assim: "terrível torresmo/ desejar a si/ très bon appétit/ assim a sós mesmo". Eis o bardo cotuba, bardo-aldebarã.

"Alvissaras e lantejoulas" encerra o livro com louvações à poesia de RW, porém mais recentes. Convido e leio com gosto esta poesia desde seu início, penso que até antes do Autor tê-la publicado no primeiro livro, junto com seus pares de Cataguases: Chico Peixoto, Rosário Fusco, os irmãos escritores Branco, Francisco Marcelo Cabral (esplêndido poeta), Lina Tâmega Peixoto, Ruffato, os ases de Cataguases. Ronaldo Werneck é igualmente um ás cataguasense e do Brasil, poeta-dragão, cheio de escamas e arestas, puro arpão. Poesia? Tem é que ser feita com paixão (e compaixão), até porque se não for dessa maneira nada na vida funciona. Força é exercer o ardor, não atraioá-lo, jamais arrefecer. Paixão é de raiz, inexistente antídoto. É na palavra poética, parece dizer Werneck, que a vida se mantém. Perenemente amuralhada. Forte igual muralha e evolada asa.

Olga Savary

Poeta, jornalista,

ficcionista, ensaísta, tradutora.

Membro titular do PEN/UNESCO

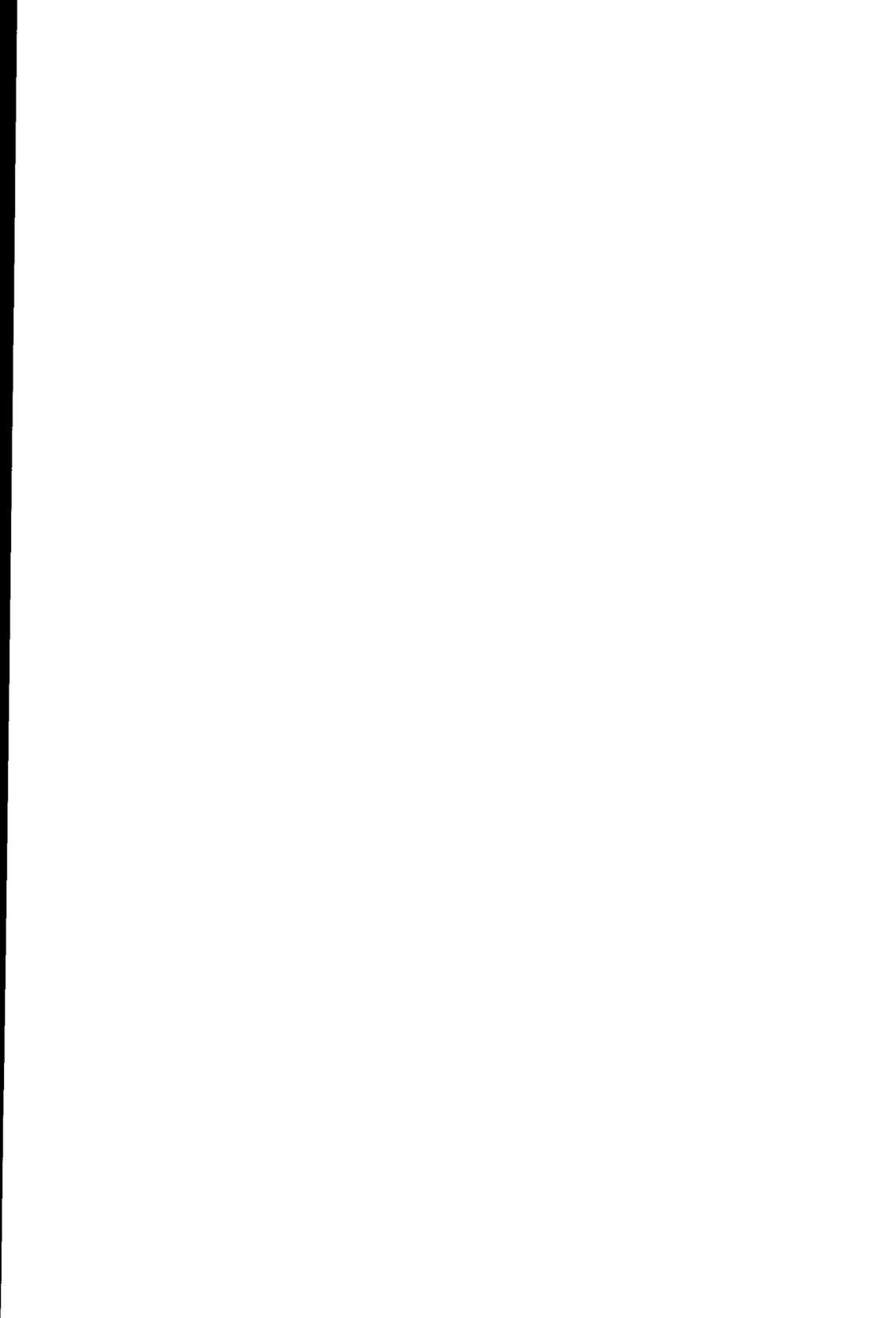
PRETO

NU

BRANCO

Não se sujeitando
a um poder celeste
ei-lo senão quando
de nudez se veste,
roga à escuridão
abrir-se em clarão.

Drummond



PRETO

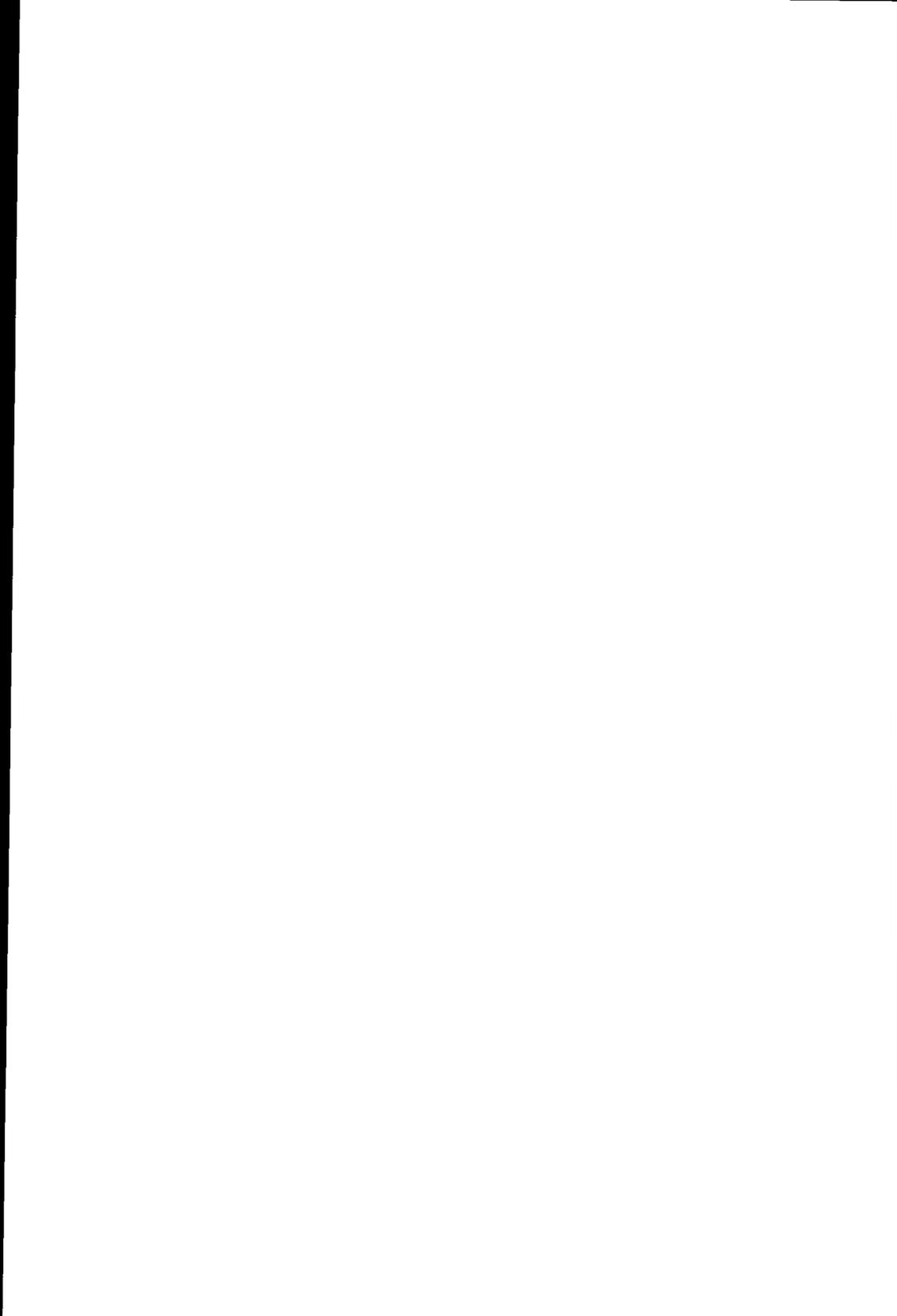
BRANCO

NU

NU

BRANCO

PRETO



PRETO

OLHA CÁ

we know

é arte/fato

é arte/fissil

mas deixa doer

il faut

escreviver

por

vício

puro

viço

PRETO NU BRANCO

Tudo bem oculto
sob as aparências
de água-forte simples:
de face, de flanco.
O preto no branco.

Manuel Bandeira

não leia
de arranco:
opresso é
o poema:
eco
mas a poesia
salta
do branco
– ecco!

tato nas tetas
– e aproveite:

são
compassos
os pretos
dispersos
nu
branco
retretas
leite
submerso

ELEMENTOS

*Poema é composição,
mesmo da coisa vivida,
um poema é o que se arruma,
dentro da desarrumada vida.*

João Cabral de Melo Neto

poemar

puras

palavras

para

pó

e

mar

poeira parada no ar

arar

arar

terra

água

pó

mar

lagostins

laranjas

maçãs

merluzas

fogo

lento

poemar

medusas

vento

movimento

lavras

placentas

poemóviles

DE CÉU E NUVEM

para Olga Savary

Poesia é falar sozinho

Mário Quintana

pois é
:
do ocaso
de céu e nuvem
caída do acaso
vem
sem véu
vem
nuvem

pois é
nuvem
peso
pó poesia
pois é um vôo em vão que se desvela
e resvala

sentinela
inconstante
coisa
de momento
coisa
que cala
pois é
poesia
um cantar pra dentro
um falar sozinho

coisa
que passa
pó
fumaça

passarinho
coisa
que passa
que não se liga
mas cala baixinho
e fala
e fica

À PESCA

– problema:

um ícone

cai

palavra-pilastra

símbolo

que se perde

– estratégia

uma palavra-

paradigma

sai dos eixos

e some na selva dos sintagmas

uma palavra

poita e outra barco e outra peixe e outra feixe e arco e face

uma palavra-pingo

de lágrima

solta-se

emblema

sem prumo

voa

e

vira

de ponta-cabeça

popa-proa-dilema

e súbito

volta

e gira

sol

dado

diadema

O TER E O TUDO

d'après et pour
Francisco Marcelo Cabral

*E nada resta, mesmo, do que escreves
e te forçou ao exílio das palavras,
senão contentamento de escrever.*

Carlos Drummond de Andrade

NADA

cada

coda

cota

rota

reta

reto

rito

roto

foto

feto

fato

falo

talo

tato

nato

nado

fado

fodo

todo

tido

TUDO

mudo

medo

ledo

lado
fado
fada
foda
toda

coda
cada

NADA

VIVER ESTE POEMA

po
vi este po
sem ver te poema
eu
vou sem
viver
es po
eu

não
não vou
morrer
não vou eu
morrer
não vou eu sem ver este poema
sem poema
não
vou
sem viver
eu
não
eu vi
viver este poema
eu poema
eu este poema
sem ver
viver
sem viver
não vou
morrer te poema
não eu
sem poema
sem viver este poema
não
morrer não vou eu sem viver este poema

BRANCO

SER/TÃO PÓS-MODERNO

A garupa da vaca era palustre e bela,
uma penugem havia no seu queixo formoso;
e na frente lunada onde ardia uma estrela
pairava um pensamento em constante repouso.

Jorge de Lima

cãs
sei
de
ser
tão
só
ícone gasto

48

– BASTA!

sonho sons sem lastro
coda que plange
rouca
sem fim de dó
deca
afônica
sinfonia
iconoclasta

– verde vaca que vem pára e pasta

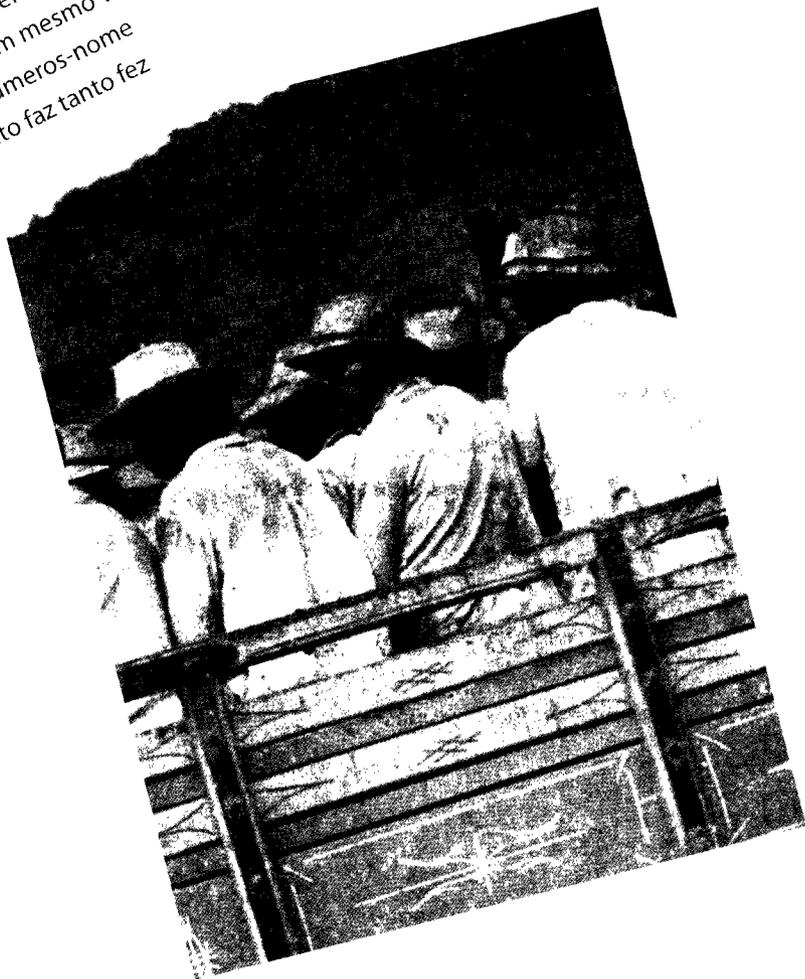
AGUARDE SUA VEZ



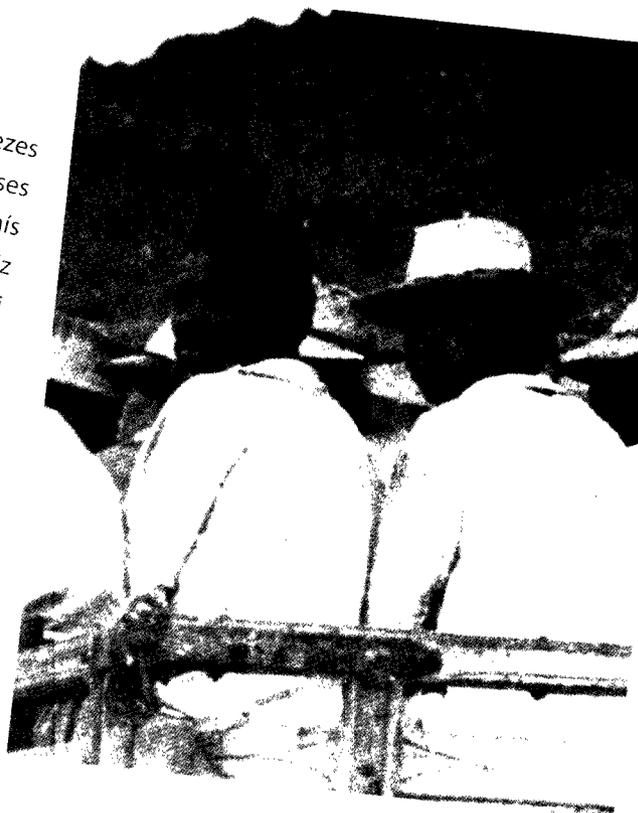
ah! era uma vez
aquela história
que sempre demora
horas, ora-ora
dentro da memória



que era uma vez
em país: um dois três
onde quem não come
não tem mesmo vez
só números-nome
tanto faz tanto fez



fez não fez fé fezes
do rabo das reses
do bumbum do país
torcendo o nariz
há muito não sai
sal mingau ou sopa:
nada dali cai
nada vem da boca



um dois três e tome
um dois três e fome:
fome: três dois um
e resta um segredo
qualquer, qualquer um
rroer o dedo



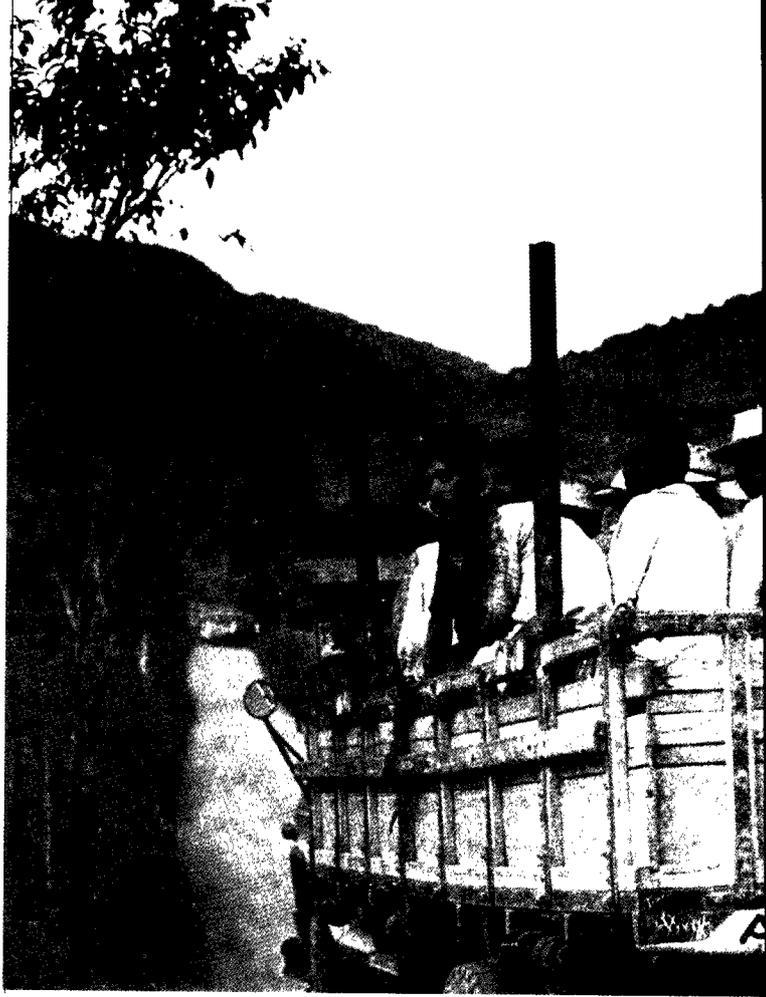
outro, outro: quatro
e cinco e o sapato
já comido pelo
rato, um barato
um só pesadelo:
nós, sola e cadarço
reses e meninos
já, aqui, no laço
roídos, franzinos



ora, ora-veja
assim é e seja
um país, dois, três
ah, essa não vez
era uma vez: ah!



Henrique Frade





POLÍTICA DO TROCO

do meu cansaço não

nada dei

pra você

do aço

do abraço não

nada sei

você meu papo

meu papel

na babel

do abc

não dei nada

nada sei

dos laços

de mim-você

das vozes graves

das greves

de mim-você

dos não-sei-porquê

não dei nada

nada sei

apenas mais um

como você

um operário

da palavra

osso raro

entre

a lavra e o erário não

não nada não dei
nada não
nada sei não

como você

um operário

que na terra
cava

a vida avara

um operário

que no ar erra e ara e se solta
do centro e se despenca
e cavuca

e cavuca

pra dentro mais pra dentro e em si se embrenha

É LIXO SÓ

altaneiro

torcendo o nariz

deste janeiro

desce

o país

da rampa

pra campa

e pede bis

ao coveiro

– dane-se o mau-cheiro!

O RIFLE EM RISTE

forjado de mágoa
e dor-mais-que-dor
dor que se formata
esse rifle junto ao corpo
esse grito
suspense e rouco
junto à amada

tão adjunto

esse rifle-brilho
a clarear a mata
o rifle em riste

limite
entre amor
e
amor
o que resiste

balas bailam tontas

zunem zonzas

a metralha ruge
a mortalha rouge

natinovo leão
de latinoamérica

faz-se o fuzil

e sem ofício

corte na sorte

difícil

amar sem luta

faz-se o fuzil

e sabe a sangue essa gruta

faz-se

forja

o fuzil

faca foice corte

seu ofício e morte

rútila fruta

CLARO & CLEAN

sobre a mesa
supimpa
& clean
& clara
& limpa
farinha não há
nem água ou jabá

lá
toalhas rendadas
faianças
manteigueira du pont
cá
farinha não há
nem água ou jabá

janta-se um rato
ato roto e raro
de fera que espera
– erva daninha
esperância de jabá

um rato no crato
jabá não há nem
água nem farinha

ceará
cearemos
todos num assalto
num só lance
num só brandir

de garfos
facas & alfaías

sim
tudo muito raro
claro & clean
farinha não há
– facões no ar

LA MUERTE Y LA MUERTE DE EL BODEGÓN

Espero o amanhã que cante/ El nombre del hombre muerto/
Não sejam palavras tristes/ Soy loco por ti de amores/
Um poema ainda existe/ Com palmeiras, com trincheiras/
Canções de guerra/ Quem sabe canções do mar/
Ai hasta te comover/ Ai hasta te comover
Gilberto Gil/Capinan

1.
clara é a tarde
sem pássaros
corte no azul
a sorte
lado a lado
o corpo-vida
lance de dados
jogo de corte
o corpo horizontal
braço-bússola
a morte-fuga
diagonal-norte

2.
amigo
não chores
la muerte
burguesa e limpa
claro instantâneo
numa fotografia
morte-ruptura –
fenda! fenda!

sem sentido sonho ou lenda

é outro o pranto
lúcidas trilhas
do canto
a morte oferenda
da vida – passo certo
caminho claro

inserto

3.

bodegón! bodegón!
à morte azul-
piscina
frouxa colcha de retalhos

surge súbita
a pré-fabricada
nas oficinas
da américa latina

das oficinas da américa
das oficinas de sombra e medo
suja morte em selva

vida

lidalívida lediviva
la muerte sem arcanjos

sujo de selva

e sangue
fora do encantamento
o corpo-roto
de selva & sangue
o mito-morto

em higueras, os andes vulcânicos
a morte risco na vida
meridiano da sorte

4.

de selva e sangue
faz-se o mito-morto
de selva e sangue – *mi bodegón* –

tão junto da verdade
como o sangue do corpo
o céu avermelha

sol & selva
el cielo rojo de higueras
torna rubra a pálida face
do herói tombado

y el cielo baja
rojo de espanto
sobre *mi caballero*

Cataguases, dez/1967

AMERICANTINA

dantes
a cordilheira

dos andes
não é o rio

ganges

nem maias mais maias moram
nos brancos nuncas do himalaia

buenos aires
não é paris

nem o sena o prata

que contracena

em noite pequena
lua-que-lua

solta na rua

de pedra e prata

salve as matas

as mulatas

e o inca sem gravata

salve o fiel da balança

a rumba que fidel dança

o samba que não descansa

morte à rampa
onde elle

desce

pra sua campa

acesos das meninas
chiquitas bacanas
ganges
a cordilheira

que alucina
viva sampa
e os olhos
as mais ladinas
de copas
e cabanas
não
não é o
nos andes
antes
nunca
dantes

NU

o mundo

em suas mãos
gira

em torno
do sol
solta-se

pés
e
volta
além
dos pontas e dos

gol
dolo
tento
num só

revés
súbito
e
violento

O GOLEIRO ATÔNITO

ROMÂNTICO INCURÁVEL

sem
ti

mental

eu
sou

MIUREZAS

são farpas

são ilhas

as palavras

no dorso

nos flancos

são ilhas

súbitos trancos

ao som de banderillas

são ilhas

estrela ferida

de leve

profunda

indelicadamente

cascos

cravos

faíscas na arena-mesa

são ilhas

singrando corcovas atônitas

pânico
paùra

são palavras-banderillas
e de leve

ferem os ases

profundamente

os mais

os audazes

bravos

miúras

ANNAMANHECE

Gravura, sim. Cinema, não.

Anna Carolina

só pra dizer

*anna carol
(só pra mim)
carolanna
(só pra mim)*

carolim

enfim

só pra dizer

1.

seis meses mais velho

nada de novo

em mim

e sob o sol

a não ser o próprio

novo a cada dia

e novelhíssimos

cabelos brancos

trade mark

of 1943

(de)generation

sim

se insiste

a pulseira

vermelha

o colete

tudo o mais resiste

até quando?

3.

pensando em você

até quando?

percevejos na parede

maiakóvski me olha

maiaca me mira

por seu cartão afora

fora-fora de itabira

e não dá dodói

apenasmente

uma viagem ao desconhecido

exatamente como esta

agora iniciada pelo leminski

na boca

meu bem ainda

sufoca

a bandeira

do maiatédio

é melhor morrer de vodka

ainda bem

76

4.

pensando em você

2 6666 88888888 111

2 55555 3333333 07

também terças

também quintas

208 33333 222

e o ramal, seu animal?

4444

de repente mudo mudo surpreendentemente mudo

5.

pensando em você
professores (se)expõem no parque lage
mas cadê você, clementina?
cadê? cadê você, carolina?

6.

pensando em você
humberto mauro salta
de minha gaveta
de seu cartão
de costas
de frente
num belíssimo
longshot
sobre
volta
grande
e mim
e você
e mim
volta
grande
volta
pra mim

7.

– hipergostoso ontem
 (quando?)
 sem chope seria melhor
– será, será da próxima
 se e quando
 (quando?)

8.

pensando em você
só pra dizer
 anna carol
 carolim
 carolanna
 não me deixa assim
 menina
 venha por onde vim
 carolina
não, anna, não se perca de mim
 – sua ci'n'gana!

ESCORPIALMA

... e quando os dentes não mordem
e quando os braços não prendem
o amor faz uma cócega
o amor desenha uma curva
propõe uma geometria.
Amor é bicho instruído.

Carlos Drummond de Andrade

e corremos
atrás da noite alcalina
e cantamos
cristina
minas
menina
a vez da voz
e cantamos
na foz de agora
fiapos de luz
estilhaçada
minas
more
os escorpiões na libra
os escorpiões e sua sina
calma
cristina
os escorpialmas devoram
a cauda da aurora
e cantamos
cristina
e cantamos
encharcados
de gurdjieff
e cantamos
– oh my zod!

e cantamos
cristina acorde
juntos nos juntamos velozes
dentro da minas noite menina
cristal de sonho arisco
vestal
de som
sal & risco
cris acorde
a lyra do pedro
cris acorde
o arcanjo da neide
cris acorde
a pantera da marly
cris acorde
o sol
o anjo-pai
tecido
fino-forte
que se desata
& explode
em solange padilha
cris acorde
já freme
o metálico martelo
de denise emmer
cris acorde
& olhe
no more mais mito
de sísifo agora
só arrecifes rascantes
na voz del cante
de mar
cus
cuscuz
e olhe

cris acorde

e cantemos juntos

amar a tina

marravilha

amar a tona

guayasamin

há mar a tona

kiss a mim

marravilha

cris

acorde esse trem dentro de mim

Rio, dezembro 1990

*Diz Neruda sobre Oswaldo Guayasamin, artista plástico equatoriano:
"Ele é um anfitrião das raízes, que invoca as tempestades".*

OLD-FASHION

para Cristina Prates

NADA

nem um
nada

nos separa

clara e leve

vai a vida
rara

grave e breve

estaca

o tempo tardo

tanto

nada

nem um

nada

nos separa

nenhum amor
de meia-estação

nenhum frisson

primavera-verão

nenhuma paixão

prêt-à-porter

nada

nem eu

nem você

nada-nada-nada

nem

um nada

a mais

nos s e p a r a

nem

nem

nós

old-fashion nó

canto tardo

tato

fala

sopro

TUDO

NO CORAÇÃO DA METRÓPOLE

| 84

veja
menina
o verso brotou
de arranco
na esquina
de ouvidor
oval da face que na noite dança
e continuou
martelo
açoite
com rio branco

veja
menina
como o poema
salta do bolso
dádiva
franzina
d'ávida vida
menina
fustigando a avenida

veja
menina
era um *deca*
veja menina às vezes proponho
biternárias sucessões atônitas

estilhaços de sol faiscas-sonho
dez sílabas marcadas pela tônica

veja
menina
era um *deca*
mas já
na esquina
de alfândega
o troço
ora pois
virou
pândega
depois
- NECA!

Rio, 1968

TRINTA OUTONOS OUTROS

para Therezinha

deitado estou sobre teu colo e amo
e sonolento durmo sobre estrelas

e de novo a cena clara clarão

havia noite estrada tanta e tanta
tanta ternura em nossas mãos amor

chispa o gordini no macio escuro
e em ti caído estou altivo e clamo
amor e tanto amor e sós e tanto
e tão sós sob esse luar-penumbra
sereno olhar que aponta o céu que escapa

há trinta outonos não te alcanço lua
vens navegando em vão desvãos de nuvens
surges e somes em mim louca presa

no teu encalço perco-passo trinta
outonos outros se os houvera assim

perto de mim longe de ti vasculho
noites reviro nuvens branca lua

amor estanca o tempo amor estanca

e fixa a imagem flou e que flua
sobre o banco e que impassível volte

volte teu rosto pleno plenilúnio
difuso e cálido plano de luz
oval da face que na noite dança

farol funâmbulo luar trapézio
luar me abraça e em cruz abra teu colo

tão claro colo em close raro e amplo
puro e primário teu corpo enlaço
deitado assim e terno e tanto e tão
tão delicada amor a mão em mim
descansa enfim teu rosto contra o céu

teu rosto assim oval esparsa lua

que vejo e sinto amor a me velar
teu colo amor tua mão cetim veludo
guardo aqui tua mão antemanhã
céu que desvela estrelas cegas súbita

lua que se enquadra se encaixa em concha

reluz teu rosto farol fresta facho
de outrora clarão que se locomove
chiaoscuro caro cálido colo
vem de volta vem comigo vem rosto

oval luar na noite sobreposto
teu rosto em vão desesperado busco

amor há trinta outonos já no encaicho

de ti que somes tão tênue tão terna
gravura luz no alto lua no asfalto

em ti deitado tão altivo e tonto
rumo ao rio amor e cegos de minas
luz contraluz sombras e nós empós
deitado em ti cativo e tanto amor
em fuga há tristes outonos tardos
e some lua estrada acima rosto
no vão de outrora luz suave e tonta

sol esse sono imposto outonal
marfim na noite brilho que se estanca
e nela amor amarela revejo

oval da face que na noite dança

no vão que em vão voando vou sem fim
no teu encaço perco-passo trinta
outonos outros se os houvera assim

NU

BRANCO

PRETO

BACK IN LIFE

para Bernadete/Berna/BAP

não
não quero morrer
pobre
e esquecido em valladolid

por você
redescubro o novo mundo
por você
sobrenado
os mares da américa
a geografia
de seu corpo

por você
recupero
este dia
entre as frestas
da alegria

não
não quero morrer
pobre
e esquecido em valladolid

por você
I'm singing in the rain
por você
I'm back in life again

TERRA À VISTA

para Cristina Terra

o chá
o charme
 o xale
 suave assombro
 ultraleve
 meu olho voa
em teu ombro
terra
terra à vista
 o tempo aproa
 e pausa
 e paira
 com ar
 de
 pira
 pirado
o poeta arde
 e ousa
 nunca é tarde
 é quando
 meus olhos sobre
 teus olhos
os rios-arcos
 de teus olhos sobre
 meus olhos teus
olhos meus olhos
 fixos em tua íris
 os rios-barcos
sobre meus olhos
 navegam teus olhos
 meus olhos teus

onde tardo
obstinado
tédia tração
minhas mãos
sobre
voando
tuas mãos
em mim
é quando
as muitas tuas
minhas mãos
em ti tombadas
teia entretecida
táctil
lépidas
tuas mãos
trama de alvoradas
é quando
surgido da sorte
o amor
o amor bateu
forte
vencidas
caem as defesas
de um forte
o amor bateu
forte
ardeu forte
o amor
bateu
sorte
o amor

ACÁCIAS

caem acácias
das platibandas
o dia venta
a noite adentra
gracias-gracias
cá tudo passa
e nada anda
estivess'eu
solto no céu
a ouvir a banda
em outra praça
pela varanda
gracias-gracias
não vou nem fico
e nada passa
o dia venta
a noite adentra
caem acácias
mas cá só ficus
cá tudo anda
e o sol desanda

A VOZ(*)

Quem, se eu gritasse,
em meio à legião de anjos
me ouviria?

Rainer Maria Rilke

noite e dia
na fina cama sem fim
16 horas dormia
o mar em frente

franja de azul que ele não via

sobre seus lençóis brancos
de dólares e tormentos
dois mil e quinhentos cada
dia trocados cada noitedia

o mar em frente
mas não mais o percebia
não mais *my way*
o mundo não mais
era do seu jeito

jamaís seria

frank apagava
e enquanto dormia
mamãe gritava

mas mamãe a voz
não mais ouvia

nem podia

nas profundas também sumia
a velha dama vagabunda
e estranha na noite que era dia

a voz por mamãe clamava

papai também por mamãe
gritava na cama simples
enquanto morria e se agarrava
a velhos lençóis molhados

vozes frias ao vento berradas
dia e noite em desalento

noite e dia frank apagava

papai morria
vovó não ouvia

Cataguases, 1997

() Em seus últimos meses de vida, Frank Sinatra dormia 16 horas/dia sobre lençóis italianos de US\$ 2.500,00, trocados e estendidos a cada manhã na imensa cama de sua mansão, cujas janelas abriam para o mar da Califórnia. Delirava o tempo todo, gritando pela mãe, morta em 1977.*

A NOITE DO IGUANA

How calmly does the olive branch
Observe the sky begin to blanch
Without a cry, without a prayer
With no betrayal of despair

Tennessee Williams

no leme treme tennessee
e seu solto iguana seu signo
do dia-noite atrás do dia
de um prior *fantastic*-indigno

john houston cede coco e rum
e burton bebe e be-bebum
trafega velhuscas turistas
e tentações lyon-lolita

gabriel na câmara foto
grafa fosca luz figueroa
luz mexicana ava-e-tarde
tesa na tela arde gardner

peixes frescos saltam no prato
vaga no écran ava qual eva
mar de maracas e mulatos
beach boys garotos de esfrega

tudo avatar tudo ava dar
na areia na água a suar
enfim se esfalfa a miss malaya
antes que a noite do céu saia

*Com que calma o ramo de oliva
Vê a tarde ficar menos viva
Nenhuma súplica ou ruído
Seu desespero não é sentido*

deborah kerr crava dilemas
anota versos do poeta-
nonno que na bengala bate
um certo ritmo de poema

*Um dia será essa luz tolhida
E então o zênite da vida
Terá passado e em tal momento
Começará um segundo alento*

nada que é humano me enoja
deborah fala e se despoja
enquanto sacana o iguana
some na noite mexicana

e vibra o poema do *nonno*
a neta anota e quer deborah
que reverbere em ava e burton
e gabriel-huston e todos

*Num intercurso inadequado
Para um matiz que é tão dourado
Pairar tal verde deveria
Por sobre a terra obscena e fria*

sus! sacana some o iguana
solto na ante-luz mexicana
e em sua voz fraca o poeta
seu poema assim nos completa

*Coragem! você não poderia
Fazer outra moradia
Não só no ramo tão dourado
Mas em meu coração assustado?*

O ÓPERA APAGA CARLOS SAURA

aqui estamos
 neste bar
 como tantos
e aqui
 como tontos
 roteirizamos
 a cine-história
o cinema
 não cria cuervos
 e camufla
 carlos saura
 carmen
 flamenco
 e seus luminosos de ópera
compassados
 incêndio às avessas
o cinema apaga saura
 e soçobra
o neón da noite
 guardas
 chuva
na calçada
chove
 chão
 chove
a cânticos
 e
 o céu cai
bota
 fogo

e aqui

nos inundamos de *tablao*

chope

cigarros

& *celulóide*

nos incendiamos

de *sapatilhas*

& *del cante jondo*

ali

o *cine-ópera paga/apaga*

el señor *saura*

O BONDE DA HISTÓRIA

d'après et pour Rosário Fusco ()*

o que muito vende
best-seller não é
sim o que sai sempre

não paulo coelho
– qual? qualé? qualé? –
fugaz passageiro

– a bíblia que é
fiel motorneiro

(*) "Best-seller não é o que vende muito, mas o que vende sempre. A Bíblia, por exemplo", dizia Rosário Fusco, citando Adonias Filho.

A(GUARDAR) GODARD

assim ressolto um sol cai n'água
um sol d'été que aqui soçobra

*à l'ombre de nous
restera toujours*
um sol-pierre barouh
*que nous brûle et nous dévore
encore-encore et encore*

paris até
été partout
un goût
(d'éther-nité)
à la bouche
paris le soleil
bateau-mouche

solta-se do céu
la tour eiffel
e ressurgue n'água
e some sob a ponte

e faz visage au pont mirabeau
e toma súbito a paisagem
pas de problême tudo belo-beau
lá-bas encore coule la seine

alors
mais, qu'est-ce que je peux faire?
– pierrot, j'sais pas quoi faire!
ma ligne de chance! ma ligne de chance!

antes que a linha de minha sorte avance

(a)guardar godard

le fou-bavard

pêut-être

lire appolinaire

Paris, verão 2006

NADA ESSA BALADA NO AR DO HARRY'S BAR

pela penumbra envolto em fumaça-martinis
ernest hemingway-só entorna seu last dry
nada no mar nada no ar um barco nada

hemingway mais não há e eu cá no harry's bar

nada na calle vallaresso: só san marco
nada no mar um barco no ar nada mais

hemingway mais não há e eu cá no harry's bar

papa rediz de nada mais só tenho nada
perto de papa nada medo nada mais

hemingway mais não há e eu cá no harry's bar

but back in harry's mister hemingway emborca
seu metro e oitenta e três a calva branca barba

hemingway mais não há e eu cá no harry's bar

fronteira entre o fato e a frouxa ficção
papa again papa bebe e baba seu cigar
hemingway mais não há e eu cá no harry's bar

de seu canto ernest olha o nada absoluto

na mesa de veneza nesgas – pouca luz
só passado-penumbra há no harry's bar

hemingway só fiapo de sol se levanta
e nem nunca de núncaras ali se põe

hemingway mais não há e eu cá no harry's bar

já balança seu barco ernest pra san marco
na praça pombos voam-sujam brancas barbas
pelas vielas tontas a vagar vai papa

hemingway mais não há e eu cá no harry's bar
sol sobre a sombra se levanta papa hemingway
e para sempre some ido sol de vidro

hemingway mais não há e eu cá no harry's bar

no escuro harry's a cismar e já moído
preso pela beleza que lá fora explode

hemingway mais não há e eu cá no harry's bar

por canais tortos ernest aderna à deriva
a entornar o corpo hemingway se esvai
e não mais vê pontes palazzos vaporetos

hemingway mais não há e eu cá no harry's bar

um tintoretto passa – perde-se no azul
o barco-hemingway desprende-se da poita
ao largo um sopro: cristal murano e mais nada

hemingway mais não há e eu só no harry's bar

REVIVER VENEZA

de maré de si de mim de outrora
vaga aqui na mesa onda que entorna
e escorre grave onde escrevo mar
e grito e grafo alto mar
rio de ruas recorte
relevo que se solta e cai sobre a aurora
no centro
na mesa
mar
de veneza
mar sem eixo
papel-palimpsesto"

RW, "minas em mim e o mar esse trem azul/1999

nada de
nápoles
pode crer
nada de morrer
pois
ver veneza
depois
reviver
veneza
pura
beleza

RODA EL MÓN I TORNA AL BORN(*)

per Montsé i Fabinho
i Tarumin, la filla
de la Sagrada Família

La poesia és un joc on,
sota una realitat aparent,
hi apareix una altra d'insospitada

Joan Brossa



nas ramblas
se esconde
dá volta o mundo e pra aqui volta
onde
um sax
vê-se
um cego

das ramblas
irrompe
surdo som
roda el món
i torna al born

no carrer de montcada
pablo abraça antoní
trêfegos trafegam
olhos alheios
ao medieval
mundo
os dois um só
sôfrEgo
se entregam
sem arfar

apressados pablantoní passam
sem olhar
santa maria del mar
apresados
caóticos
não há tempo-gosto
para o (g)ótico

eflúvios de els quatre gats
pablo beijabraça antoní
roda él mon
absinto
em tosca tasca
picasso introduz gaudí
no món-seu
de montcada

pinto logo sou
eu e cada
um
eu

você-meu pai
logo sou
 esse azul-tristonho
 sin sueño longe-blau
 onde
 fiz
esse don josé
ruiz

 mi padre blasco
 ruiz
 josé
 sueño
 azul
cenho
que com o seu se assemelha
 desenho
 que ao ver-te
destarte
 agora se dissolve
dest'arte
 não é
 verdade
 diluída
é sim mentira
 de verdade
construída

a casa battló a milá
a sagrada família
sua casa gaudí
 no parque güell
 sua casa a mirar
 é sim mentir'arte
de verdade

construída

na pedra no pó no parque

gaudí güell

battló milà

carantonhas

garras-gárgulas

tontas colunatas

a flutuar

roda el món

i torna al born

e surge e ressoa

o som do bardo

e a picasso

brossa

brada

veloz

e a gaudi

sua voz

ali

engrossa

vera-mentira sua

brossa

na poesia aposta

e rápido às ramblas

brossa e sua

bossa de bamba

brossa e sua

història

aquí és um home

aquí és um cadàver

aquí és una estàtua

roda el món i torna al born
o sax
some
o cego
come
dá volta o mundo que volta
pras ramblas onde se esconde

Barcelona, 2006

(*) Refrão tradicional de Barcelona, em catalão. O mundo roda e torna ao Born, o mercado medieval situado no bairro homônimo – onde se encontra, no carrer Montcada 15-19, o Museu Picasso.

VERALGARAVIA

para Juliana Torres

é giro
luso
é legal
verão
nuvens-ondas
verão
cegonhas
é belo
lusas
é fixe
cegonhas
sobre sobreiros
no longo céu da planície
desliza o sol
tarde auto-móvel
dourado plano de pinhais
no alto
longe-longe
falésias
gaivotas
falésias
longe-longe
o esvoaçar de gaivotas
anuncia ao largo
o mar do algarve

ali
lagos é giro
é gíria algarvia
essa brava-inculta
língua bué-de-fixe
que gira
e giro bué
gira e aqui aporta
porto-caboverdeana
cegonhas bué-de-fixe
giro-gira lagos
mar de língua verde
de fados
de mornas
algaravia
melopéia
virgem-vadia

MAR DE CAMÕES AMAR FLORBELA ESPANCA

– O que tens, bela? A que vens, Florbela?

– Mar de dor, dor a navegar, Camões.

Velas, clarões de carabelas velhas,
trôpegas, tontas sob o azul: canções.

– E tu, Luís, aonde vais, aonde?

– Mar de Camões amar Florbela Espanca

que se esvai: mar, Flor, bela flor: responde
amor, ao brado de seu bardo e canta.

Mas donde vens, vela, branca luz e tanta?

– Do mar me tens: mar, mar, maralto e largo

Flor D'Alma Bela da Conceição Espanca

esse mar, fado, mar de outroragora
doce amar, tanto mar que amar amargo.

– Flor, bela flor em desconcerto: chora.

NUNCA SEM POESIA

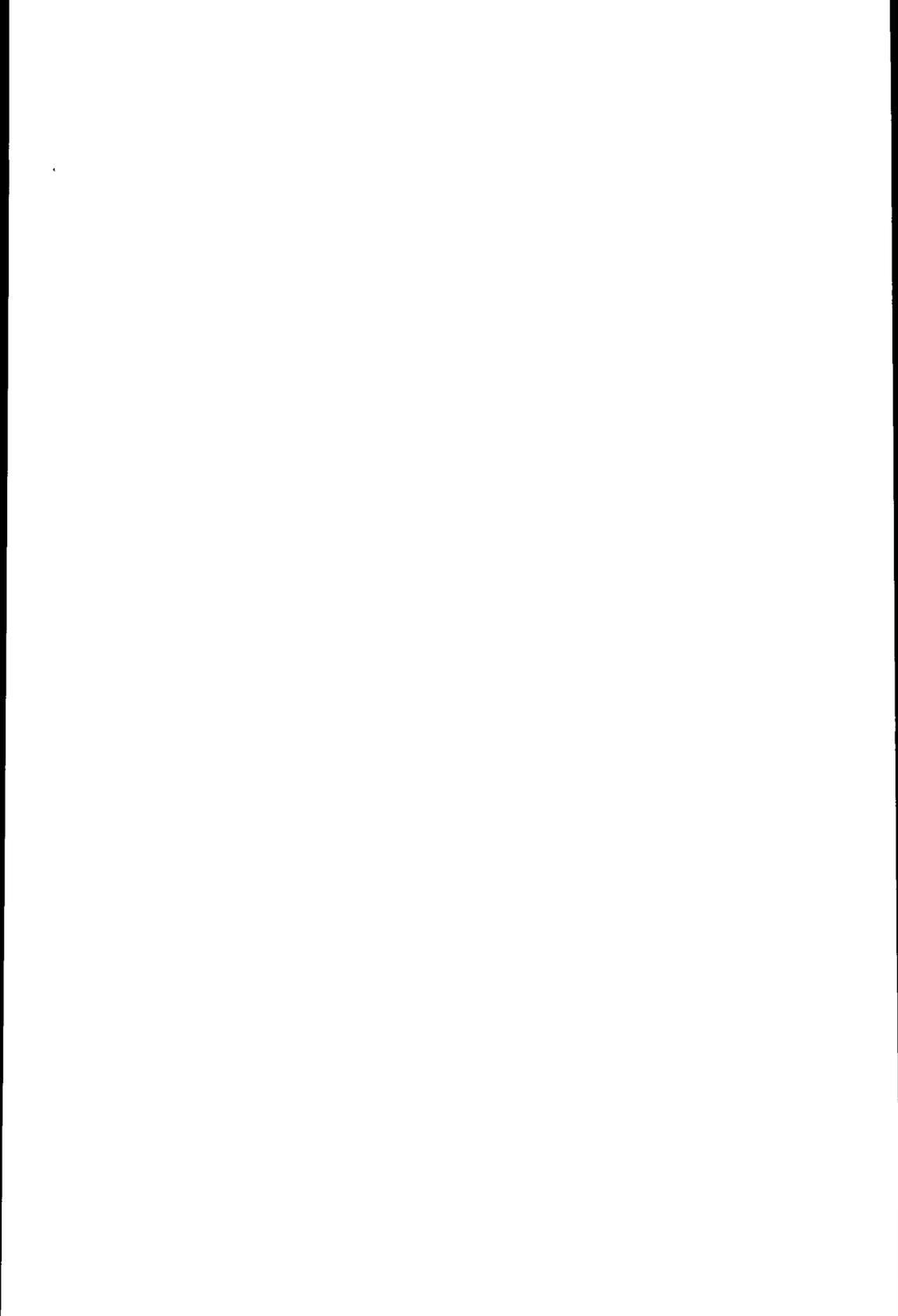
dois dias sem comer
sobrevive um ser
saudável: subvive

sem poesia, não:
não vive nem um dia
– nunca sem poesia

TEMPOS DE MINERAÇÃO

Uai! é o que se diz. Se o tempo vai
ou se fica em nós, e lastimável.
Uai! para a manhã, o outono, o espasmo,
para os muros das infância e o amor sumido.

Guilhermino Cesar

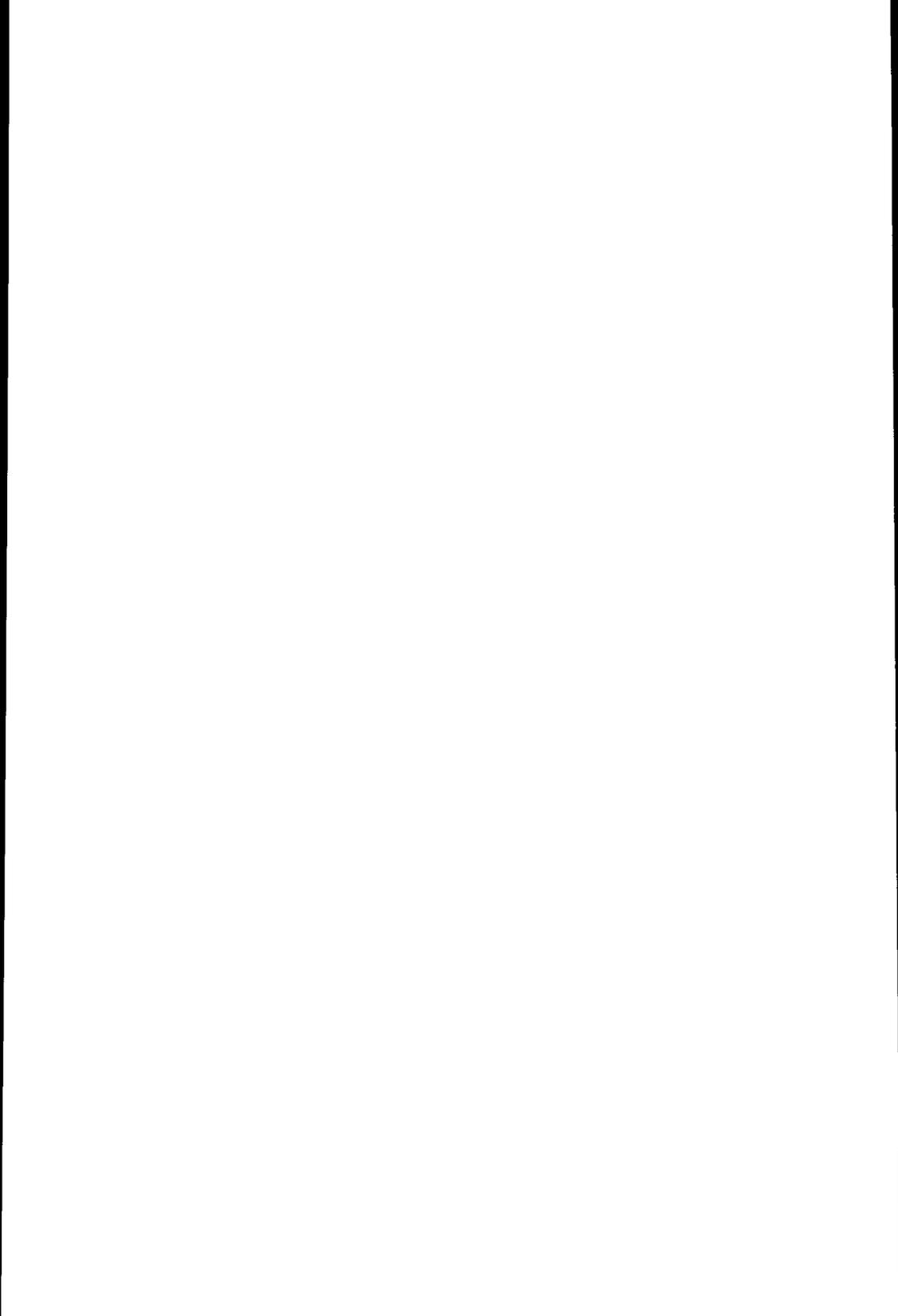


MINERAR EM MINAS

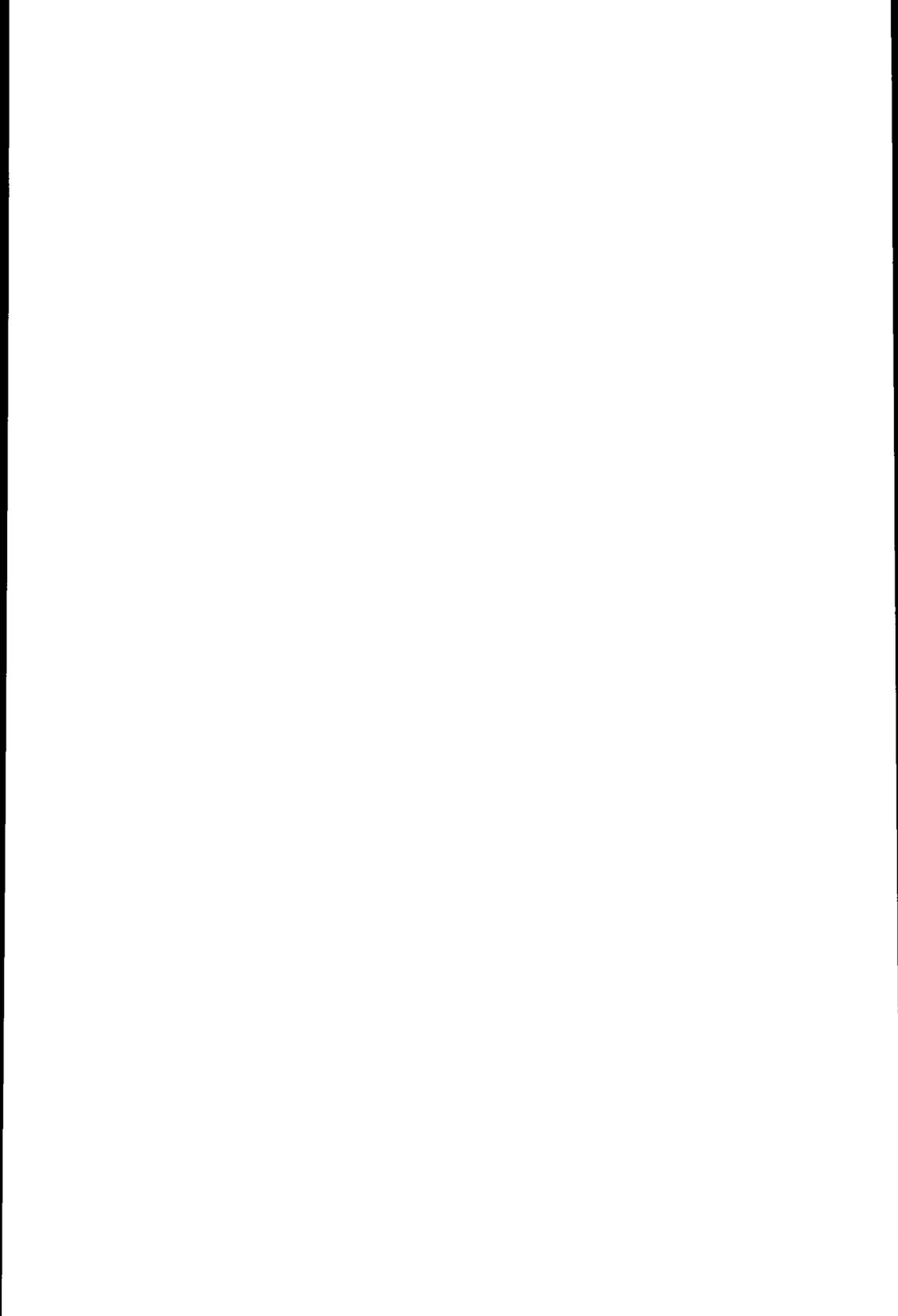
PALAVRAS-MINÉRIO

MINEIRAR EM MIM

PALAVRAS-MISTÉRIO



MINERAÇÃO



PARTIDA: FADE-OUT

corcel

monte

sono

fonte

sol

horizonte

monte

121

monte

monte

monte

sol

sono

cor

cel

A POESIA NOS BRAÇOS

quand

je la prend

dans mes bras

minerar

em minas

o pó do poema

quand

elle me parle

tout bas

mineirar

em mim

palavras-emblema

em meus braços

o pó do poema

a poesia recompõe

em meus braços

a poesia

m'a dit des mots

d'amour maudit

il faut boire

a poesia

jusqu'à l'ivresse

a poesia

tout sa jeunesse

anoitedia

a poesia

surdo som que entorpece

quando

a tomo em meus braços

e beijos

à la vie en rose

há que beber
pois
poesia pois

madame eternité

elle est retrouvée

o mar em mim
enluarado
em minas-minério

o pó do poema

minerado

em mistério

O SOL SOBRE A LUA

a Victor Giudice, *in memoriam*

Acabou-se o tempo
dos Quixotes de la Mancha.

Quixote hoje

vai de moto

vai de lancha.

Balu, via Victor

o poeta

às vezes

explode

com os meses

dejetos

desafetos

objetos

tocantes

&

torqueses

às vezes

o poeta

se desacerta

se irrita

se arreta

e bibirita

e reverbera

e reabilita

sujeitos

mitos

e outras patentes

verbos

complementos

e ungüentos

pertinentes

o poeta

às vezes

sente
a desvalia do sol
dos sóis
esse sol só
(des)assolando
os meses
os ritos
os deuses
os mitos
o fenecer de dias soezes
esse sol só
(des)iluminando
atônitos
perdidos
(sub)continentes
mas
atleta
cão-de-fila
joco-sério
o poeta se perfila
zozzo
entre o zanzar dos hemisférios
é um cão
como tontos
o poeta
entre
os tremoços

o triscar do almoço
e o sol
sobrando
acorda
entre o osso
e a corda
no pescoço
desacorda
o poeta
de novo
e de novo
se queda
e soluça
e se debruça
quimérico
sol
que se solta da rota
sol
sobre a lua
a soçobrar
do mistério

SIM-SIM: CINCO MINUTOS

poesia?
sempre em mente
cinco tempos
de um minuto

exatas dezenove e vinte e cinco
quebrados pés de um falso decassílabo

poesia?
simplesmente
corto o verbo
freio o verso

poesia?
tenho tempo
até trinta
sete e trinta

terça vinte
de novembro
zero sete

já voa
este século
entre séculos
já voa
meio incrédulo
meu poema

poesia?
simplesmente
cá esteves

laura rosa
born delayne
brasil sílvio
de castro ângela
o poema
carrocino

sim-saraiva
dalmo e márcio
só carvalho
só atalho
só alegria
simplesmente
poesia

poesia?
sempremente
tirocínio

poesia?
meu poema
sempre em mente
velocino
de açucenas

poesia?
te quero lírio e plena

poesia?
pés no palco
eu te alcanço
mãos nas mãos
te desejo

poesia?
não me escapas
nesta noite
não te solto
não te deixo

não agora

poesia
o poema
trabalhado

poesia?
o poema
só suor

poesia?
o poema
apanhado

poesia?
semeia
suas flores
o poema

poesia?
o poema
que se estende
meu poema
feito luva
meu poema
que se curva

cabe em ti
meu poema

cabe em ti
poesia
diadema

o poema
que se acende
e recende
açucenas

vim-te ver
poemeu
e me apressam
poesia

cinco tempos
de um minuto

poesia
o verso acelerado
em dois terços dobrado

poesia
meu poema

tenho tempo?
não me lembro
trampo estranho
tempo ganho

poesia?
simplesmente
cabe não
cabe sim
em falseta
meu poema
ampulheta

poesia?
simplesmente
cinco tempos
de um minuto

pra que mais?
voa a vida
para dentro
de si sempre
sempremente

um minuto
e outro e
noite-dia

te inspiro
te respiro
te aspiro

meu poema
meu empenho

meu poema
só te empenho

noite-dia
noite-dia
noite-dia

sempremente
poesia
poesia
poesia

meu poema
meu espaço
tudo que há
gil compasso

poesia me solto
saio do sobressalto
no rumo da alegria
seis sílabas até
te a tônica inté
tu tato tâmara
cetim que sabe a cama

larga as amarras grita: poesia um dia
mais um dia
poesia

noite-dia
mais um dia

tão-somente
poesia
simplesmente

vai a vida
vem o vento
sopro sim
sempre sopro
para dentro

meu espaço
é só tempo
vento-vento
vem poema

poesia?
simplesmente
cinco tempos
de um minuto

cabe sim
cabe não
meu poema
ampulheta

poesia
em minutos
cinco sim

me solto mais ao largo

poema-poesia
poesia-em-arco
pifa epifania

me alço na plenitude de um alexandrino
gotas de poesia no poema-ampulheta

poesia?
simplesmente
esse susto
essa alquimia

poesia?
sim passou

sete e meia
já e já
eis eu cá
sob luzes
que se apagam

cá no palco
cada spot
brilha e trilha
no proscênio

poesia?
essa gesta
esse gesto
obsceno

sete e meia
meu poema

vamos eia
eia vamos
tempo-tempo
controverso

tempo-espaço
tempo-físil

tempo-espaço

meu poema
poesia
meu ofício

Teatro Gláucio Gill/Rio, 20 novembro 2007
Poema lido em exatos cinco minutos
ao receber Troféu no Festival Carioca de Poesia.
Advertência: "Você só tem cinco minutos pra falar".

MINASCER



FLAGRANTE

tempo-claridade
instante pleno-fugaz
tarda o sol e tarde



VEM DA MATA O MENINO

vem da mata o menino
de mim das minas claras
de miniminas raras

vem da mata o menino
no alto-gerais traços
tontos trecos e trapos

vem da mata o menino
solta-se das gerais
de si minas não mais

vem da mata o menino
marilumina a lua
que blue e bamba atua

vem da mata o menino
dobra a noite a montanha
sobra o céu sol de antanho

vem da mata o menino
degredado vem veloz
trensloucado empós

vem da mata o menino
vem-vai-vai-vem agora
verde mato de outrora

vem da mata o menino
vem trem-do-mato tralhas
de minas imantadas

vem da mata o menino
alto mato seu trem
trem-do-mato trem-trem

vem da mata o menino
e do mato no asfalto
mata angústia mato

Copacabana, 29.01.91

HAVIA AVENCAS NA VARANDA

havia avencas na varanda
papai viajava
mamãe lecionava

as folhas verde-aveludadas
chiquito pescava
cacaí cozinhava

muro de amor-agarradinho
vovó costurava
e seu neto olhava

as samambaias sob o sol
rosa só brincava
lila enviuvava

MINASCER

florir entre a macela e a paina e a treva
florir imensamente e saber
que tudo em torno é uma imensa solidão
e a cumplicidade ansiada não existe

Octavio Mello Alvarenga, in Rosário de Minas

minas menina
há que nascer
ser meniminas

em miNascer
só pra saber
em minasCer

mato minério
trem louco vem
enverdecer

ser minastério
anoitecer
ser minaSer

ACQUA VITAE

acqua vitae
água

de vida
ardente

água

água

água

de minas

água benta

bendita

acqua vitae

UM DIA: AQUELE

vento nos ingazeiros tardo tempo
cai de encontro à pedreira esse céu plúmbeo
tristes tardes-cartazes cataguases

RIO POMBA A VAGAR

para Lina Tâmega Peixoto

pobre pomba a passar
só – fica quem quiser
só fica quem restar

parvo – pomba-mulher
da vida que só passa
enquanto vida houver

feliz ele que vaga
a passar a passar
entre vargens só várzeas

imagens a casar
com pastos paisagens
gente verdeazular

vai o pomba – miragem
a correr parda-impura
restamos sós à margem

PAISAGEM COM VACA

o sol sobre a estrada mata luz lilás
a vagar e a cagar a vaca vai atrás

sob o sol a estrada e é lilás a mata
a
cagar devagar e atrás
vem a vaca

a vagar a cagar atrás a divagar
o sol sobe a encosta

a vaca o rola-bosta

SUPERIOR

a vida por um cio
tudo bom tudo bem
tudo superior

assim superior
nada além do primário
cursou o seu hisbelo

tudo e tal e tanto
não bom legal ou belo
tudo superior

o mundo as surpresas
superior lição
e tanto e tal e tudo

que hisbelo se supera
e entre tantas querelas
superior prospera

desse seu só primário
superior-supimpa
hisbelo não se queixa

sim superior super
hisbelo só se supre
de lida pão pulsão

ulterior hisbelo
prima pelo primário
plano superior

da vida semovente
de elo plus que ordinário
superior hisbelo

SUSTO

para Betinho & Rosa

em ple
 na madrugada
 me acordam
 entre sustos
e solavancos

 mal vai
 vai mal o papai

branco
automático
 pulo da cama
de um só arranco
em pé
 na madrugada
calça
 tênis
casaco
 tudo prático

e a vida (ainda em pé) a teimar
a vida na madrugada a se deitar

 e saímos
 ai, minas
e saímos
 ai, minas

 a levar
de pronto papai pro socorro
noiteaforadentro

se fechando

e já agora

entre frio e cerração

o dia a se abrir

clarão colar coração

não desta vez

não ainda

ai, minas

ai, cismas

névoa agora

fumaça

baforada

esse pigarro

esse cigarro

que a evolar vai

e nada e nada

como se fosse

acima das nuvens

a flutuar

como se fosse

e nada e nada

lá embaixo

o rio doce

a flutuar fumaça na névoa-manhã

ruma do rio

uma aragem

apenas

um leve tremor

à margem

um susto

um leve-profundo

tremor

apenas

pena impura

nas folhas-paisagem

– morrer

no fundo

é sacanagem

breve

leve

aragem

VOA O VELHO VECTRA

Na estrada de Sintra ao luar, na tristeza, ante os campos e a noite,
Guiando o Chevrolet emprestado desconsoladamente,
Perco-me na estrada futura, sumo-me na distância que alcanço

Fernando Pessoa

velho hisbello meu pai
dizia ah dizia
carro só chevrolet
pela estrada seguia
é não? então não é?

voa o velho vectra
e sua voz vaivém
na estrada e seus nós
carro só chevrolet
é não? então não é?

voa o velho vectra
o tempo vai atrás
do pai e do rapaz
passa a prise debréia
é não? então não é?

pó do tempo futuro
faróis-giz muro riscos
corre minas matiz
da noite-chevrolet
é não? então não é?

vara a vereda o vectra
imbaúbas elétricas
de novo vêem hisbela
e seu só chevrolet
é não? então não é?

a trotar no passado
o verde-cinza azula
minas manhã e mundo
num só cabriolé
é não? então não é?

PELA MATA ERRA O POETA

para Alcione Araújo

na manhã de maio erra
pela mata erra o poeta
de minas erra pelo ermo
erra o poeta pelo erro
erra o poeta por não ser
em si manhã e por não ver
que ver rever reverberar
o erro não mais é errar
pelo mundo errar aspirar
errar pelo erro de errar
errar pelo tempo profundo
verticalizar o wer
neca de ronronar ron
alto espiar o mato-mundo
consigo segue com o vento
pela mata erra o poeta
e o caminho aqui se aperta

POLÍTICA MUNICIPAL

abraço apertado
sorriso dobrado

e só uma verdade absoluta

um torpedo
doutor pedro
pedro dutra

BH BLUES

descendo floresta
vem veloz a lida
ei-la: fim de festa
subindo bahia

veloz vai a vida
solta entre as frestas
subindo bahia
descendo floresta

subindo bahia
floresta descendo
todo-todo dia
noite-amanhecendo

veloz uai vida
subindo bahia
descendo floresta
sim: resta o que resta

PINDAMORAMINAS

não, não vo' m'embora
pra lua-pasárgarda
meu tempo é agora
– estrela, estrada
vem, menina – trem
belo-trem-bão – vem
ser meu tudo e o nada
alvo da alvorada

nó, ponto de cruz,
cruzeiro de prata
catedral de luz
virgem, virgem mata

virgem, virgem fruta
sim, sou sua gruta
cais-túnel-abrigo
– vem, vamos comigo

nada de pasárgada
– vem, vamos embora
pindamonhangaba
é aqui, aurora

vermelha, goiaba
vermelha, centelha
que não se acaba
no verde, vermelha

menina, menina
não trema, não tema
– sou sua alma gêmea
de pindamoraminas

sua calma extrema
não tema, não trema
– estrela, estrada,
minas madrugada

Leopoldina, 27.11.98

AH! HÁ CONTROVÉRSIAS

mudo o mundo muda
na praça sem pressa
sim: há controvérsias

um dito um não dito
novas tão funestas
não: há controvérsias

nada mal pressentes
fogo na floresta
sim: há controvérsias

fado: fogo-fátuo:
minas é o que resta:
ah! há controvérsias

não às reticências
chagas sem compressa
não: há controvérsias

o preço da pressa
o fausto da festa
ah! há controvérsias

cães na praça restos
no caos que atravessas
sim: há controvérsias

nada tal e qual
na vida adversa
ah: há controvérsias

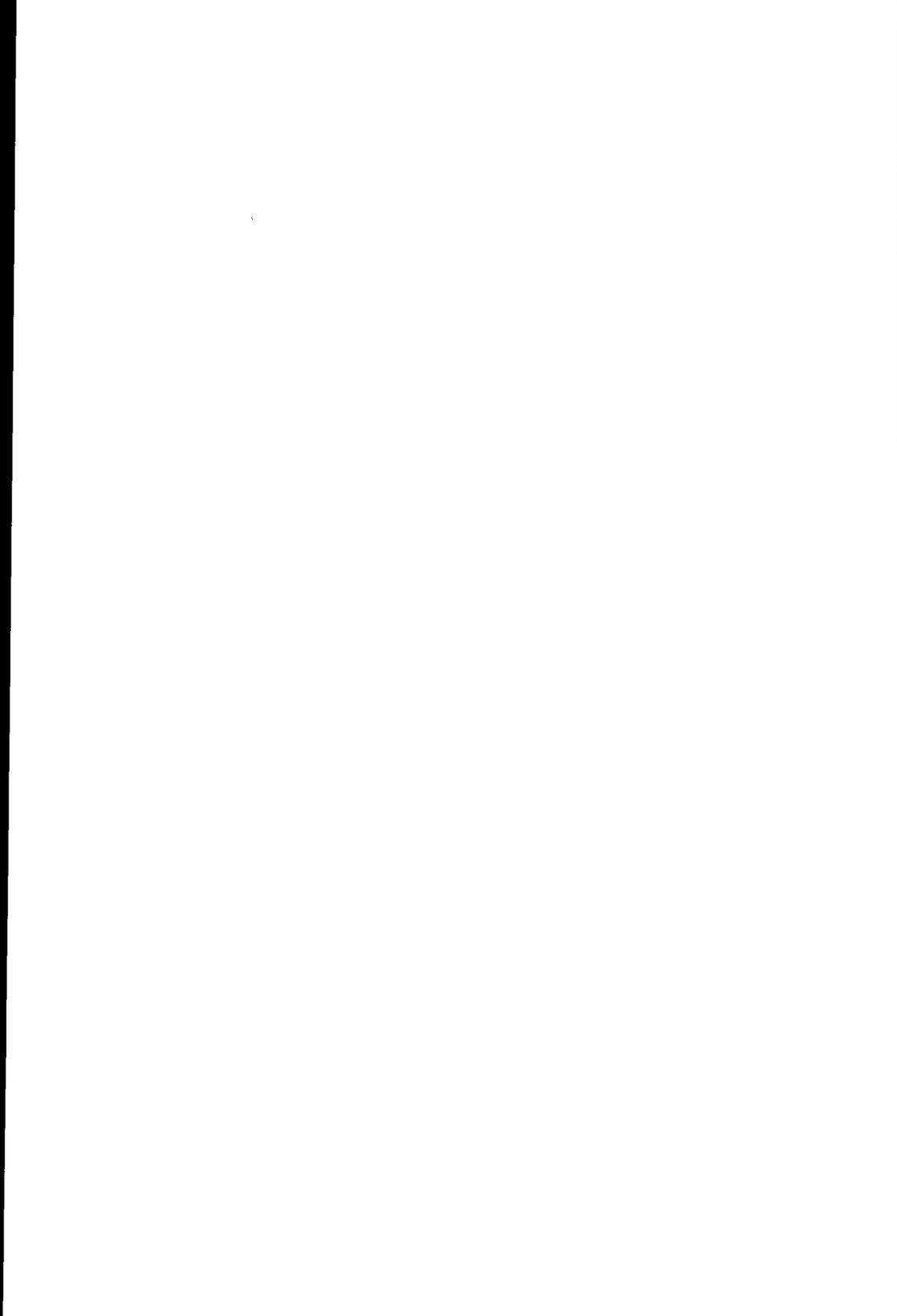
nem tangos nem tangas
só minas homessa
não: há controvérsias

o pó que perpassa
poalha sem pressa
sim: há controvérsias

em tudo uma fresta
o azul é o que resta
ah! há controvérsias?

e pronto e basta
chega de conversa
não há controvérsias

CINE-VERDE



ROTEIRO 97

a Humberto Mauro, em seu centenário

idade

INTERIOR/DIA

morro

poeira

contra-plongée

carro de bois

bostalgia

mocidade

ANTERIOR/NOITE

sépie

cachoeira

panorâmica

plano gerais

soldade

MAURIANAS

no princípio
a imagem
as nuvens
o vento
tudo o que se fixa
no mover do tempo
vem depois o verbo
em cachoeira
e vai-e-vem
e escorre pelas mãos
imagem-imagem-imaginação
sob a árvore
sobre o campo imenso
sentado
o olho-câmera
gira em plano geral
e se abre
sobre o mundo
parado-em-movimento
fruto que cai com o vento
que vai-que-nem
invento de menino
mato
luz
sol
morro

manhã de ponta-cabeça
de cima pra baixo
de baixo pra cima
luz
luz
luz da mata
o dia
aquele dia
aquele dia de pular porteiras
aquele dia e seu alento
o mover do barco
o lento andar do rio parado
tudo parado no movimento
aquele dia sem pensar no pensamento
pedra
redemoinho
rolar de cachoeiras
o sol nos olhos
carro-de-bois
bolas
bambolês
sons da mata
gerais
girando
girando
gerando o pedal da velha
o fogo a água a roca a roça o olho
o gato e seu pulo
o cão que acorda o pé
os pés do menino que se soltam
mãos que movem a roda
o engenho
o girar do mundo
o sol e seu desenho
no princípio
o fim de tudo

fita que se move
e fica na retina
pra sempre presa

à menina-dos-olhos que nos comove

a roda da infância
o chiar do carro
nuvens de bois em movimento
mato morro sol cana canga saga bruta
e pura
e pura e pura
fio de vida
que se desprende
e se fixa

maurianamente

ASCÂNIO EM 4X3 (*)

E, dentro em nós, uma sombra infinitamente maior

Ascânio Lopes, "Serão do Menino Pobre"

ressurge ascânio estranho e triste
suspiro, sombras de um serão
antigo-atávico: de antanho

vinte e três verdes vôos vão
o sol em volta, solidário
sobrado só, sol de subúrbio

pálido sol, quatorzevoltas
que em si assomam, sanatório
sereno – sol sombrio e seco

som que ressoa triste-estranho
escarro-toss-toss-escansão
ascaniascaniascaniascânio

(*) ASCÂNIO LOPES QUATORZEVOLTAS voltou pela última vez a Cataguases aos 23 anos, para morrer no dia 10.01.1929. Vinha de uma temporada de tosse e sangue no inferno (Dante-Rimbaud) de um sanatório de subúrbio em Belo Horizonte, aonde fora estudar Direito e acabou tuberculoso. Rosário Fusco dizia que a maior virtude do poeta era a sinceridade: "Sinceridade, coitadinho, até no sofrimento". Também Oswaldo A Britta, outro de seus companheiros na aventura da Revista Verde, ressaltava a 'sinceridade de sua arte', acentuando ainda sua extrema serenidade. Em artigo para o Cataguases, de 03.02.29, arriscava um epitáfio perfeito: "Aqui jaz o Poeta Ascânio Lopes e a sua serenidade". Suspiro, sombras, serão, sanatório, sol-sombrio: mais que meras aliterações, essas palavras tão sintomáticas no universo de Ascânio, surgem aqui como a própria ossatura do meu poema – forma & fundo. Este Ascânio em 4x3 surgiu/ressurgiu durante várias caminhadas pela areia de Copacabana após uma releitura de Ascânio Lopes - Vida e Obra (1967), ótima pesquisa de Delson Gonçalves Ferreira. Prática inaugurada pelo poeta Francisco Marcelo Cabral in *Inexílio*, este "poema-com-pé-de-página" vai assim para Ascânio Lopes, em homenagem aos 90 anos de seu nascimento (1906-1929). São quatro tercetos num clima mais para João Cabral que para Dante, mesmo porque octossílabos e sem a terza rima. Em Confissões de Minas, Carlos Drummond de Andrade registrava a perda de Ascânio e a amizade entre os dois poetas nos tempos de Belo Horizonte: "... Discreto até o fim, Ascânio Lopes foi morrer em Cataguases... distante, mas realmente bem perto de Ascânio, eu fui dos seus amigos mais certos... A Rua da Bahia não conheceu bem Ascânio Lopes, que passou por ela como um automóvel. Há os que sobem e há os que descem a outrora famosa via pública. Os que sobem gloriosos e aplaudidos e os que descem obscuros e silenciosos. O auto de Ascânio desceu com o farol apagado, sem buzinar, e desceu para sempre". (RW/Rio, 1996).

NAS BARBAS DO ENFADO

Refaço os pés no chão, a fazenda de Minas,
goiabas, pitangas,
mas uma coisa e outra se perdem
no zumbido do elevador que me suspende

Guilhermino Cesar

ave gui
ave alivia
ave a dor
elevado
azul no ar
obsoleto
de minas
guilher
niño
(me)
desguiava
(me)
espaventava
ave
guilher
menino minas
guilher
mino alva ave
salva
de pés de palmas
salve
cesar ave
guilhermenino
guilherminas
clarão sulfúreo
nas barbas do enfado

Balada pro Chico Peixoto



de meia-pataca
de céu e bicicleta
pastor

de carros de boi
e calças curtas
pastor

de textos
de texturas
pastor

de cavalos
de cascos
pastor

do verde
das minas
pastor

das mini-minas
de reminiscências gerais
pastor

de nunca mais
de nuncaras jamais
pastor

de sonho
de fumaça
pastor

de palavras
de lembranças
pastor

de fragminas
de momentos
pastor

de meia-pataca
de verde
pastor

pastor de nuvens

DUAS DÉCADAS DÉJÀ

rosário fusco que se foi físsil rosário fósforo
foi-se de fato fora do rastro do que já foi
rito rosto rateio ritmo rumo ruminação relíquia
sim sim porque sim porque nunca se foi

Um Rosário vale mais que três terços.

(R. Fusco, 1910-1977)

fulgor fugaz
que se partiu
rosa rio rosário

duas décadas déjà

prosário proa
prosário prumo
prosário ritmo

prosário rumo

rosário físsil
rosário fusca
rosário fosco

duas décadas déjà

rosário fiat
rosário faísca
rosário fósforo

rosário fusco

TRÊS CANTOS ARGELINOS

Argélia/1979

Verão em Alger

À l'heure où le soleil déborde de tous les coins du ciel
Camus

A cidade nunca foi tão branca como no momento
em que Ronaldo Werneck a olhou
lavada pelo sol que dispensara todos os prismas
e fuzilava os cristais de cal e alvaiade
até a cegueira.

Nada mais foi tão branco em sua vida
após essa dura ausência da sombra.

Toda luz que o fere
o olho a degrada em cor
por isso um mistério não perceber a serpente invisível
que manchou com seu raio verde
a súbita superfície da fonte.

Francisco Marcelo Cabral



EL-DJEZAIR EL-BEIDA

nouas

nouas

grita o árabe

por trás

de mim

do mar

de tudo

avenue mohammed V

três da tarde

tem alger la blanche

el-djezair el-beida

nouas

nouas

também grito

de la bière

e bebo

de um só trago

a cerveja

quente

birra-birra

de la bière

gente

de la bière

birra-nouas

nouas

um árabe

que só

embriagado

poetava

nouas

um humor

que bem lhes cabe

nouas
meu poeta
bebo
de sua bière
e a birra-vida é incerta
mas
que nada
entre cartazes
no calor do café
e de mãos dadas
rapazes
bebem limonada
maaloum
ça c'est normal
na calçada
argelinas
apressadas
trafegam
seus haïcks
seus ãadjars
com
penetradas
no frisson
da rua
presas
ao comovente
solitário
universo
de veladas vestes
inexpugnáveis
semoventes
tendas que ardem
na tarde
inatacáveis
à primeira vista
tendas afáveis
quando se arrisca
a nouas movido
locomovido

o árabe
se volta
e grita
el-nissa haninate
les femmes sont tendres
doces são as mulheres
el nissa haninate
e sorri
entre não-dentes
e a casbah
despeja
argelinos
no centro
da tarde quente

sinal fechado
um cão late
no trânsito
assomado
de dignité
merde
merde
à parte
o guarda
aponta signos
para meninos atônitos
sinaliza
faróis tardios
a quem só sabe
de moutons
e do lerdo transitar
cordatos
sem vestígios de sangue
os carneiros
de cada dia
atravessam agora
a extensão da mohammed V
paro
para souvenirs

e roses au sable
très belles
desço
sem rumo a el-marsa
ao porto
tropegando
em rosas
do deserto
birra-bière
decerto
em mercadores
tuaregues
vendedores
de tudo e nada
nada
tem de branca
argel
el-djezair
alger
sua cor-paisagem
é a de salvador
cor de passagem
mar que se esvai
miragem

HÔTEL DU PORT

bleu-blanc
assente no horizonte
o mar bifronte
azrak-abiad
comme-ça
mar-em-frente
à guisa de el-djezair
là-bas paris
comme
à el-djezair
comme ça
aqui em sidi-fredj
o dia se dilui
no hôtél du port
entre tetos verdes
e fiapos de branco
mediterrânea esparsa claridade
maaloum
maaloum
ça c'est normal
à l'algérie
maaloum
ça c'est normal
bebe-se riccard
pede-se um filet à tartare
regado a peau d'oignon
très
très bon cet vin là
lá fora
sobre o deck
o sol argelino derrete
turistas

windsurfistas
barcos bêbados
bêbados barcos
o mar faísca entre cascos
no saguão
bebe-se alto
e mau som
russos
japoneses
italianos
um francês
e seu lorgnon
ninguém
vê
ninguém
nem mesmo o árabe
ninguém
vê
ninguém
mas está
aqui
a linha do horizonte
e ninguém vê
o mar que a noite suga
maaloum
maaloum
em sidi-feruch
em staoueli
em cheragas
em cherchell
em tipasa
em alger
ninguém vê

mas
pas

de maaloum

el kamar fawka el bahr
la lune sur la mer
et voilà

c'est
l'éternité

e ninguém vê

a africana

lua

a tombar

mediterrânea

L'APRÈS-MIDI À TIPASA

para Zuenir Ventura

"Il n'est pas pour moi un seul
de ces soixante-neuf kilomètres
de route qui ne soit recouverte
de souvenir et de sensations"

Albert Camus, "Retour à Tipasa"

"mar de mim bifronte
mar do le hasard
la mer
la mer
la mère aussi à tipasa
ali o mar
por um triz
contra os rochedos o mar
la mère aussi de camus
chez tipasa
la mer aussi
se taisait
lumière étincelante
et froide
doucement à battre"

RW, "minas em mim e o mar esse trem azul"

à la route de tipasa
aberto som
que
aqui
com camus
corremos com
percorremos
com
albert o olhar

até nós

chega com

des souvenir et des sensations

voa entre plátanos

e tâmaras

o fiat de mohammed

à direita

o mar do meio sol soldado em meio

no alto

o chenoua

sim-sim

tipasa alors

perto-perto

venu du chenoua

um lointain chant

de coq

célébrait seul

la gloire fragile du jour

e trepidamos

trepidamos entre tâmaras

nas trilhas de cheragas

– dattes! dattes!

exclama mohammed

– thamar! thamar!

o coração me pede

– thamar!

solto ressoa em árabe meu eco

e solapa o sol antes que se acabe

– tha

mar!

*je parle
dans le soleil
et l'odeur des absinthes*

e descemos

voando

entre plátanos
& thamar-tâmaras

*bien pauvres sont ceux
qui ont besoin des mythes*

voici

*qui est rouge
qui est bleu
qui est vert*

ceci

*la mer
la montagne
les fleurs*

180

uma curva e

là-bas

oui

là-bas

c'est tipasa

agora sim

*j'écoutais en moi
un bruit
presque oublié*

comme si

mon coeur

arrêté

depuis

longtemps

se remettait

doucement à battre

oui

là-bas

está tipasa

des pierres

grellés

et des absinthes

o mar

la mer aussi

e ruínas

romanas

e belas

onde o mar

o mar onda

anda o mar

la mer aussi

se taisait

lumière étincelante

et froide

la mer

doucement à battre

o mar

o mundo

a recomençar

au-jour-le-jour

tous

tous les jours

todos

todos

os dias todos

sob luz intensa

sempre

nova

luz

a pris' mar

plátanos

tâmaras

absintos

e ruínas

la mer

cuirassé d'argent

aucun bruit

n'en venait

la vie

se passe

à chercher

cette ardeur

et cette lumière

nada só o mar e sol

e ruínas

romanas

e belas

como tâmaras

aucun bruit

nada

só a solidão do mar

risco de giz na tarde cinza

aucun bruit

agora

nem

sol

nem

une source

de joie

nem

le jour

qu'il fallait

garder

intacte

barulho nenhum
sobre a tarde

só restos de fausto
frente ao mar exausto

chove

agora

sobre os restos

de outrora

ruínas

que abandono

chove

em meu nariz

fios de sono

ali

a tarde meio gris

dans son cours

lá-bas

tipasa

s'en va

pour toujours

la mer aussi

só o mar e sobras de sol

só o mar e ruínas

romanas e belas

tâmaras tantas

o céu chove

sobre plátanos que comovem

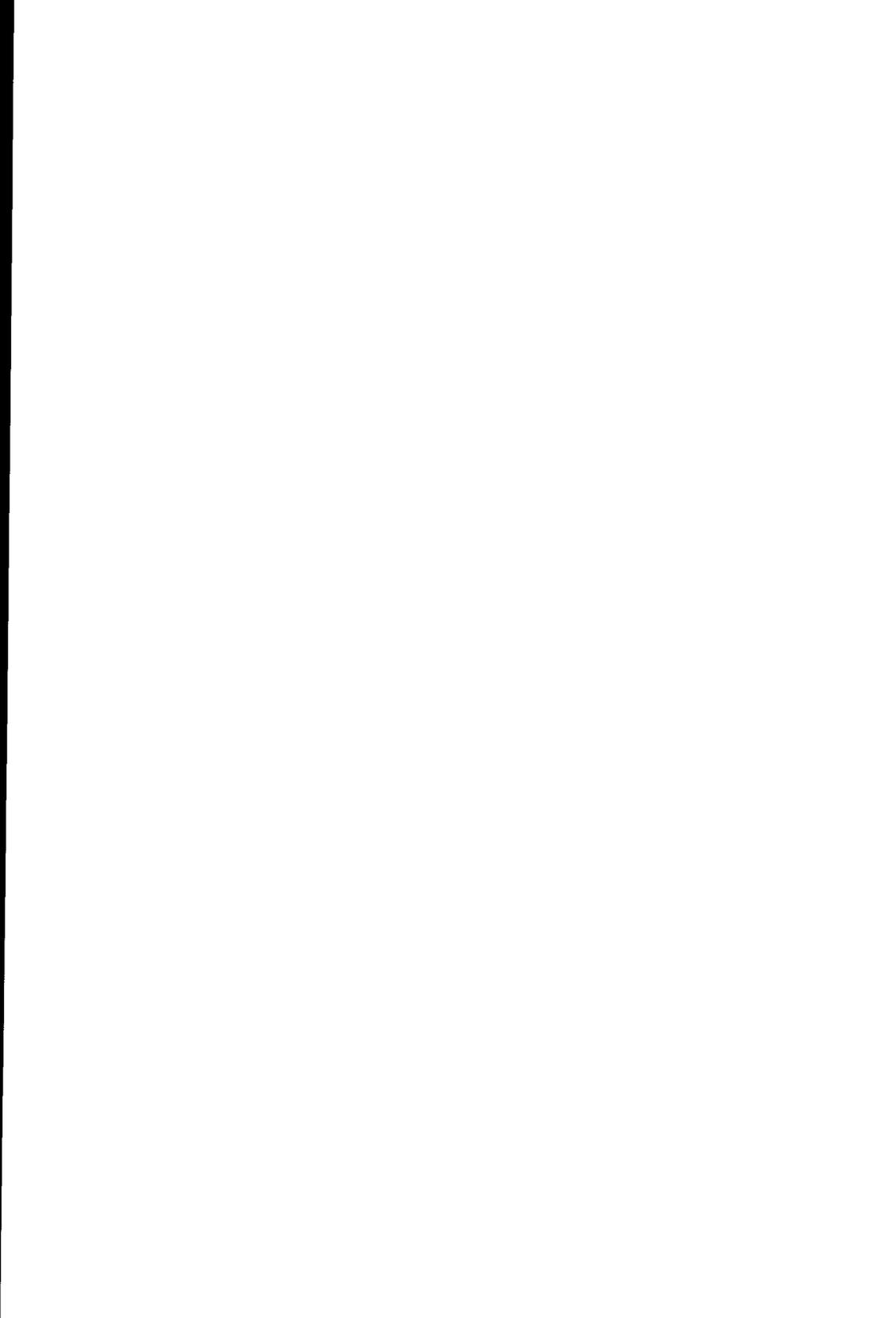


AO SUL DO EQUADOR

185

"Il faut qu'on plonge
tout de suite
dans le matérialisme
historique"

Oswald de Andrade
(psicografado em Paris
por Sérgio Ribas)



SCIENCE-FICTION

o homem não quer
megatons à tona
mas vê-se tristeza
cosmonostalgia

ECOSTINÇÃO

chauá
pintor-verdadeiro

jauá
pomba-de-espelho

cuiu-cuiu jaó!
cuiu-cuiu juó!

jauá
chorão
chauá
macuco

jauá!
crejoá pavó chauá flamingo crejoá juó

jacu-guaçu-crejoá-pararu

chauá
pintor
de um outro espelho

jauá
ou não há
um espelho outro
solto
em si em sim

chauá!
harpia de não mais guardar
chauá!
sol

solto
eco

crejoá!
silvo
selvagem

cuiu-cuiu
do fundo mais profundo

jaó
solto no mundo

cuiu-cuiu

chauá
jaó

Ó
JÁ!

TRAVO EXPORTÁVEL

alcaparras

ararutas

tupinambos

girassóis batateiros

tâmaras

ananases

mangas

mangostões

anacardo

marmelos

nectarinas

melões

damasco

pêssegos

jacas

mirtilo

timo

louro

&

açafraão

aspargos

alcachofras

azeitonas

kiwi

ameixas

súbito o sol

sabe a sal

amargo gosto

demarcado travo

um logro exportável
a preço de mercado

190

LUNETAS TROPICAIS

No Pão-de-Açúcar
de cada dia
dai-nos, Senhor,
a poesia
de cada dia.

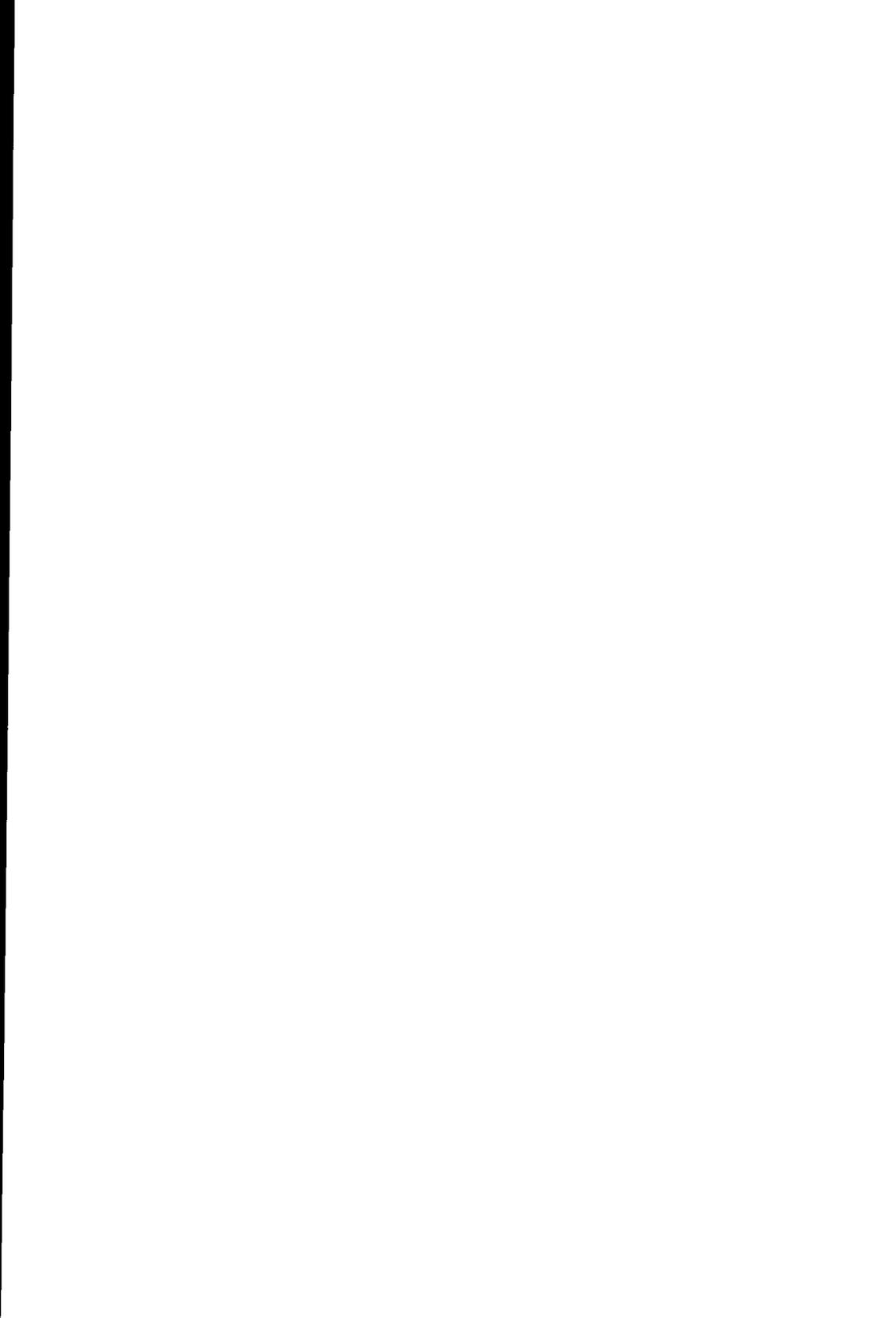
Oswald de Andrade

oh tangas!

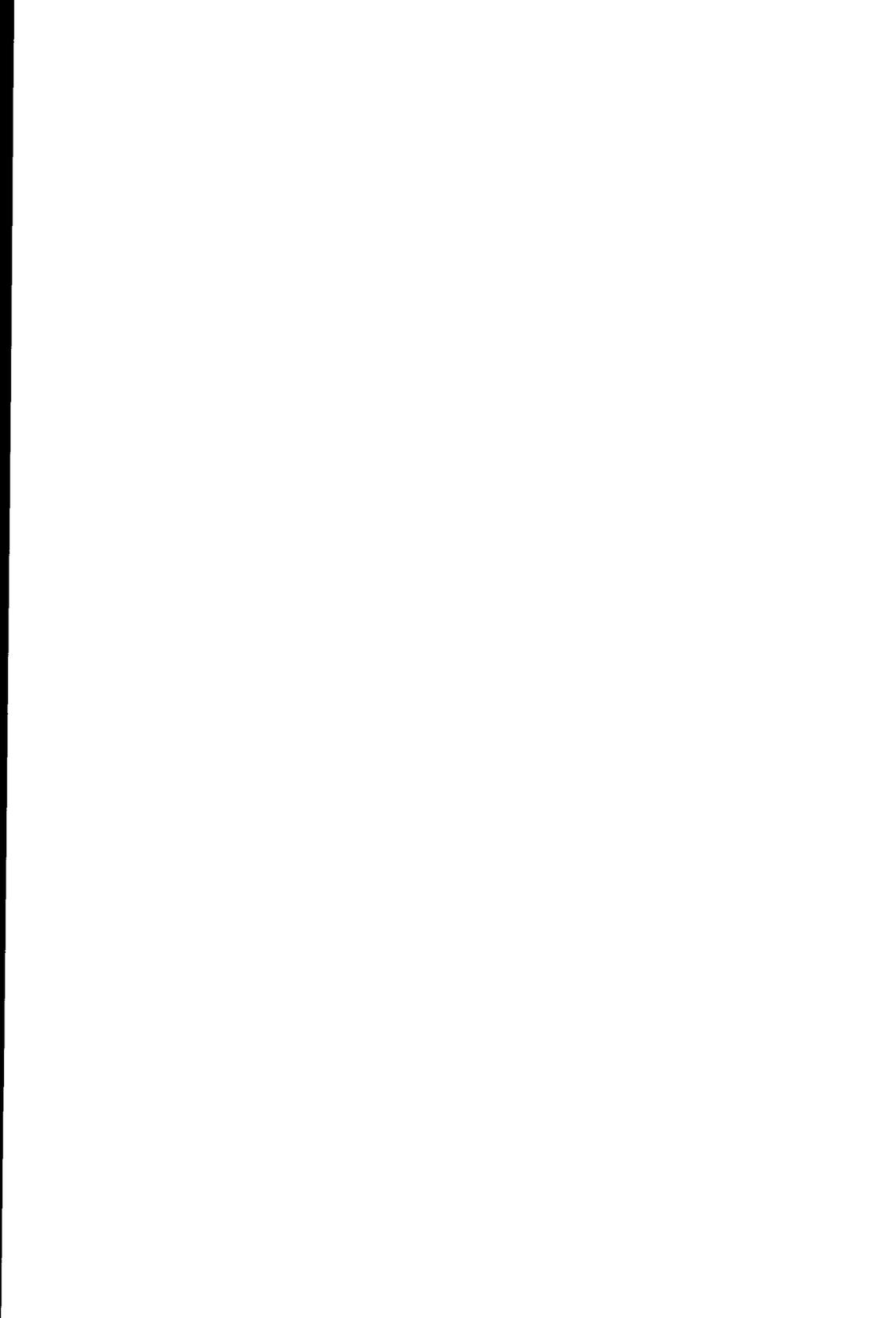
oh mangas!

oh tupiniquins

só miçangas!



QTO MAIS ME AFASTO



BYE, RIO: BYE-BYE

para Lidoka & Bayard

catito e sestroso
de mar-mareado
na volta do rio
só, só um bolero
anético-estético

leves, esqueléticas
bailar e bailar
com belas frenéticas
e nelas restar
– patético, pá!

no bar do alemão
rio a remoer
longe dos pivetes
comer e comer
todos dzicroquetes

CHRISTINRIO

1.

branco

o dente

brinco

o gelo

quente

seco

o eco

amarelo

o cristo

rito rascante

rito

rasgo

rio arisco

2.

george michael

sola

superstition

& o cristo me olha

de banda

writings on the wall

um muro

de som & marfim
entre a nightinrock
& mim

dark

is the night

acre

esse cais coalhado de caos

3.

dance

give you a chance
dance

o estádio

treme
freme
dance
the future may still
o estádio
give you a chance

4.

o cristo cruza
a noite-abraço
um só laço
vivo-veloz
voa na voz
de um/a
alba/troz
ó michael I
can't light
I can't
no more
I can't
of your darkness

5.

meio de soslaio
o cristo-baio
ensaia um requebro
& se lança ao som
das blackinvocal
nothing at all
caio
num rio
de coca
cola
café
& rock'n'roll

BALADA DO FOYER

Para Lúcia Martins

agorÁGORA

ágoraAGORA

encontro você

no ccbb

no cosmo sem culpa

o crédito em débito

com você no foyer

ágoraAGORA

no centro da cúpula

praça de outrora

olha que visu

entre estandartes

o vidro da cúpula

café-culturArte

vou expor você

no foyer

do ccbb

veloz veluz ver

te você vertigem

gerchman-glass-goethe

venha & aproveite

sonho e deleite

quero ver você

no foyer

encanto você

no ccbb

agorÁGORA

ÁGORagora

no foyer

só um som-momento

o azul vaza atônito
pós-céu de cimento
chão-dodecafônico
ilha
no asfalto
mar
de redondilhas
menor mar menor
aqui o seu lugar
mar redondo ar
mar de armadilhas
colunas-colinas
menores-maiores
veja que visu
o ccbb
a infra que tem
veja bem
meu big
ágorAGORA
agorÁGORA
ágorAGORA
quero ver
ver você
no foyer
do ccbb

RIO DE VIDRO

pelo vidro
da janela
de um lins-urca
a baía
o pão-de-açúcar
várias
as voltas
e vindas
malucas
manhã mais linda
que vem desse maio
largado em parada de lucas
essa claridade
embaça
a cidade
manhã mais linda
solavancos de maio
vista de vidro
de um lins-urca
densa a cidade tensa
nem pão-de-açúcar
há
ah mas há que amar
o ar
mar de aroma
a recender
no céu de maio
esse abril quase março
fervilha num fevereiro
e não dura agora

no janeiro

onde me esvaio

rio

de vidro

que escorre

dividido

Rio, 1997

QTO. MAIS ME AFASTO

mesmo a manhã
de maio desmaiando
pelo asfalto
mesmo o champagne
acima das sete quedas
mesmo o som das turbinas
sobrevoando o sono

quanto mais me afasto
mais de você eu gosto

em blumenau, o frio
- casinhas alemãs
emolduram o itajaí -
o vale do rio

qto mais
mais de v.

e já ali em itajaí
e já ali ligado
rio-mar-verão
camboriú & co.

qto mais me afasto
mais de v. eu gosto

castanha-de-caju
cera-de-carnaúba
sob o céu azul

qto. mais
mais de v.

na praia do futuro
em boa viagem
na mariscal López

assunção
fortaleza
nos arrecifes

qto. mais
mais de v.

um cheiro de mar
espera & esperma
mareando o mercado
dendê sarapatel & saravás
saltando das 7 portas da bahia

qto mais me afasto
mais de v. eu gosto

mesmo assim
mesmo a paulistice
mesmo a mesmidão
do minhocão

mesmo a mesmice
a média-luz

de um cabaré qualquer
mesmo o uísque mesmo
até mesmo o de assunção
a nos deixar lassos
mesmo-mesmo o não-sei-não
de gozos tímidos-esparcos

qto mais me afasto
mais de v. eu gosto

mesmo sob o crepúsculo
science-fiction
do planalto central

mesmo abrigado
sob a copa
& capa de sex-árvores
enlaçando goiânia
goianas & pés-de-cana

qto mais me afasto
mais de v. eu gosto

mesmo mesmo mesmo
a ternura do rio

ainda a mesma água
alisando as ancas
da cidad'eu menino

qto mais me afasto

mais ases
fora da oca
mais cataguases
mais catarioca

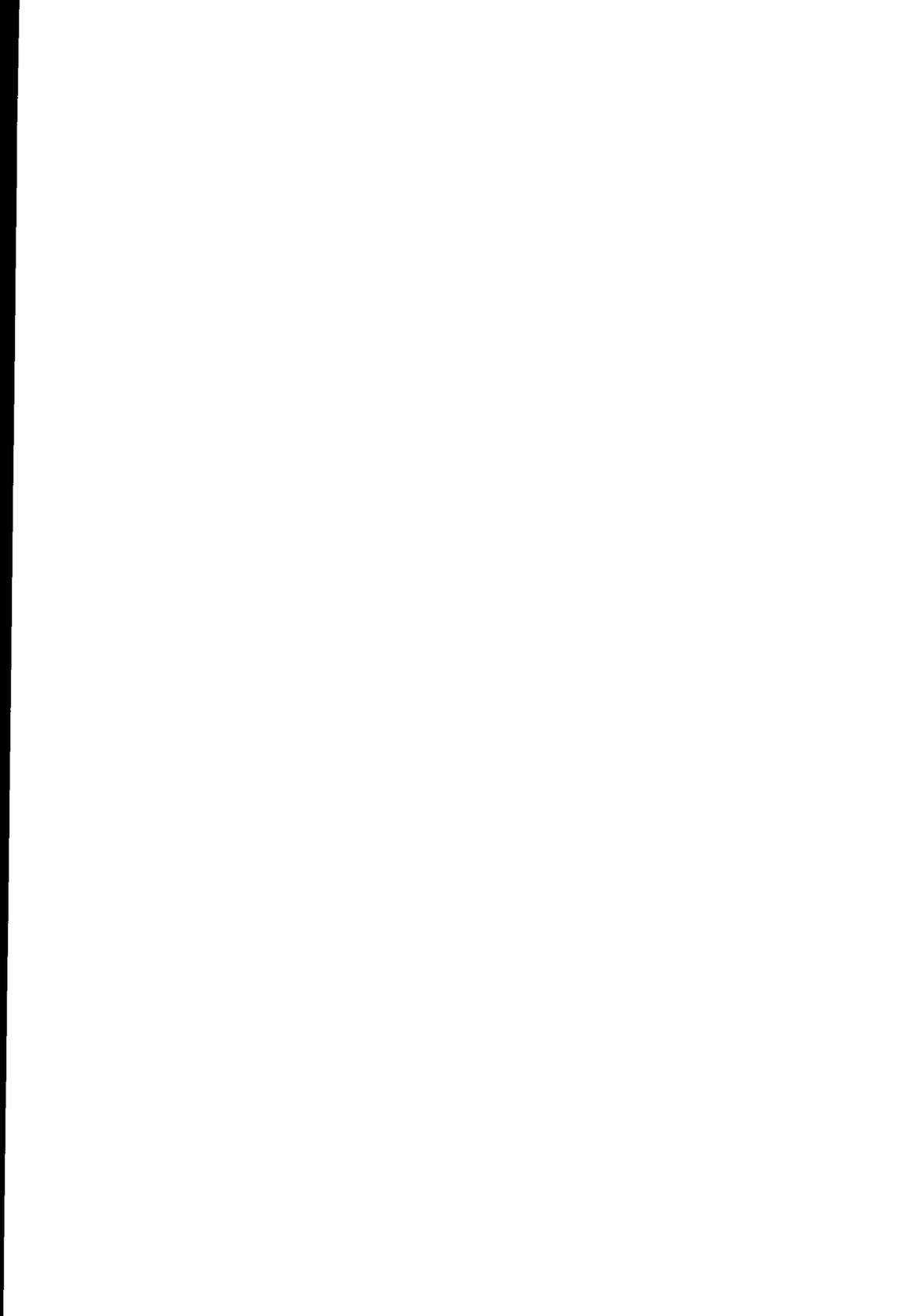
qto mais me afasto
mais de v. eu gosto

qto mais me afasto
qto mais me afasto
mais

mais rio de janeiro

sinto
quanto
de v. eu gosto

Fortaleza, 1978



QUATRO TEMPOS NATALINOS



NATAL LETAL

sábado é natal
sábado é letal

morrenasce
nascemorre

amargamassado

neném

belémblémbém

baluarte do acaso

crucificado again

solo
sino
sono

quem comemora
a dor quem chora?

VELHOS NATAIS

a Baden Powell

sim
 não existem mais
 sinos
meninos
 os velhos ais
não
 sim
 não existem mais
 sons
sonhos
 sinos
 címbalos
 símbolos
 sim
não existem mais
presentes
 no passado
meninos
 janelas abertas
na memória
 velhas histórias
não
 nós
 nozes
 velas
 nós na garganta
 velhas vozes
sim
 não
– que adianta?
 não existem mais
coisas que tais
 hoje só

só sons
estranhos
martelando
a madrugada
ruídos rompendo
interrompendo
janelas fechadas
a manhã
presentes-ausentes
hoje só
pressentes
os sinos
sim
os sinos
não
os velhos ais
uais de nunca jamais
não
noites
não
nozes
não
vozes
veladas vozes
de outroragora
sambam soltas
entre as frestas
da janela
de nunca
jamais
entre as festas
de velhos
anelos
belos
tanto
tontos
natais
atônitos

NATAL DE CASANOVA

já em dezembro
natal de prova
me surpreendo
de casanova

ano que vai
vida que vem
vem me ver vai
olha que trem

sai daqui sai
belém-blém-blém
nada é igual

tudo renova
a vida pau
pra toda prova

TREM DE NATAL

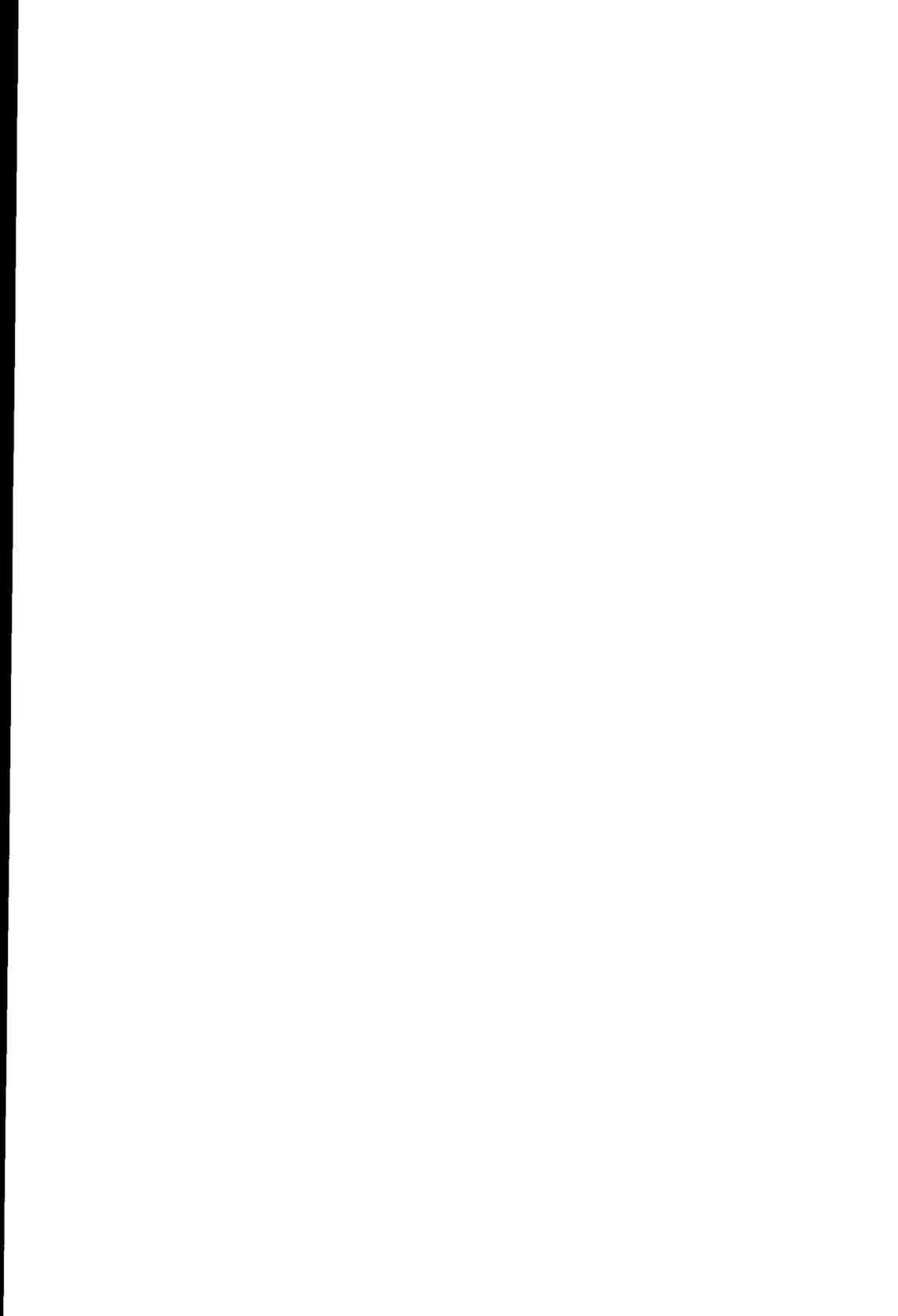
tudo tem tudo trem
do ano que vai e vem
pra você: este brilho
viajor, andarilho

ano que vem e cai
agora: berço-embalo
tudo sim tudo claro
tudo que vem e vai

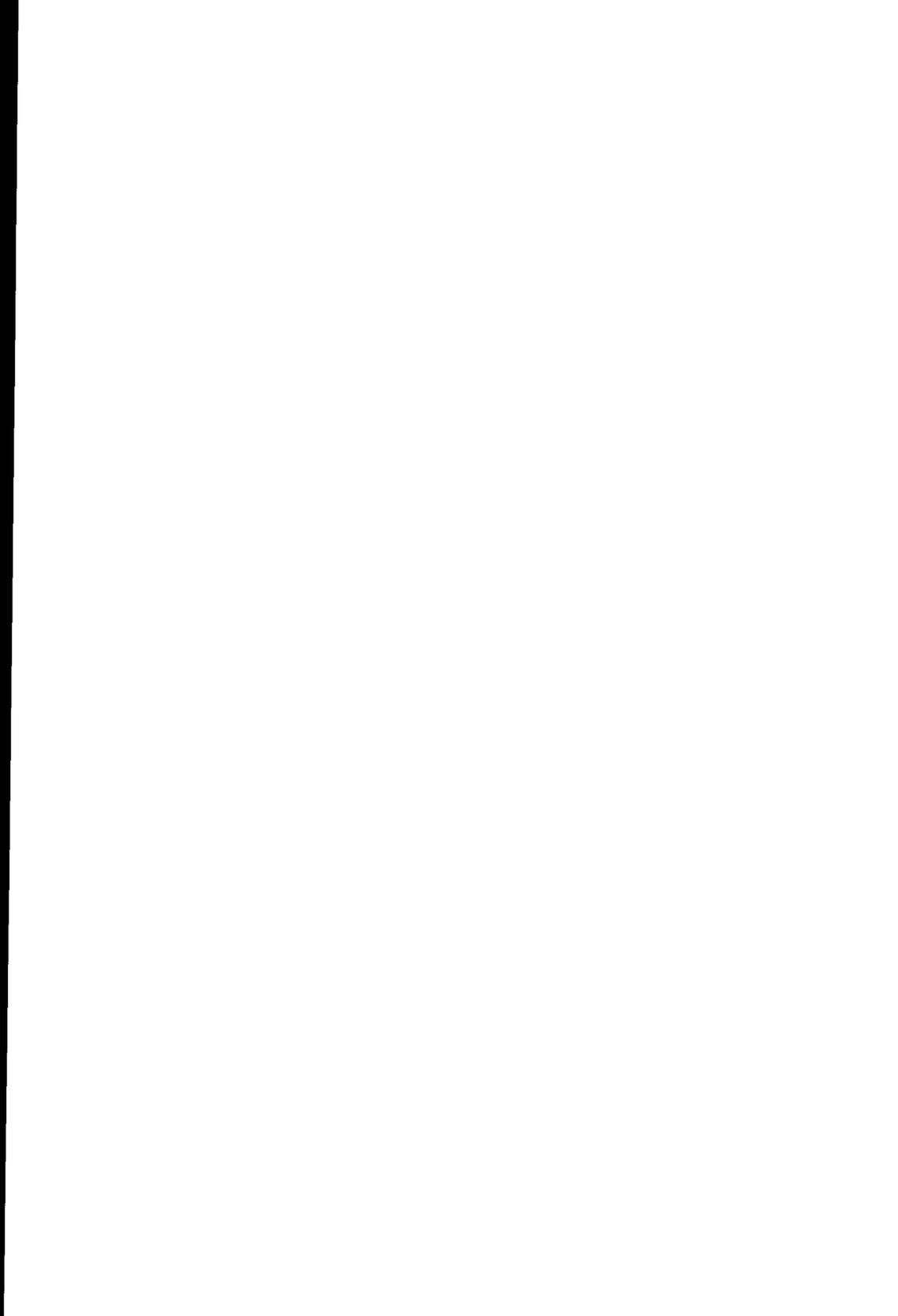
nada neste natal
nada nada fará
nada bem nada mal
nada ao tudo faltar

tudo improvisar
tudo novo janeiros
tudo ao deus dará
tudo de novo: ei-los

os dias sem estepe
um sambinha de breque
tudo salamaleques
do ronaldo werneck



CANTAR D'AMOR E D'AMIGOS



nunca
nunca mais
acordes alucinados
alucinantes
inesperados
nunca
nunca mais
baden de branco
e fala magra e mansa e magro
e tão mago e leve
como se no fim por vício
levitasse
como se pelas veredas de vinicius
seu violão voasse

ÍRIS-RETINAS

viu o mar
e ssssilva
assim
o poeta joaquim
íris-retinas!
íris-retinas!
que viva joaquín!
joaquim palmeira
de minas

DEDICATÓRIA



220

para regina, regininha
desse olhar tão verde
e *flo* fluminense tão
doce tão de antigamente
tão regininha que se
cataguasense fosse –
ou não fosse – e mauro
humberto nos anos
vinte a visse, vê,
veria, boquiaberto,
sua mocinha – já disse
não disse? – aquela vivaz
e bela, a do galã
audaz e ardente perdido,
perdidamente caído
pelo *olhar regininha*

aquele: farol,
lanterna, lanterninha
que pipoca e pipoca
dentro de mim: viva
diva veraz vivo
dilema de estrela,
da tela estrela, brilhuz
emblema de muitos focos
sonhos vivos, de cinema

Rio, agosto de 98

ZOEIRA & ALFAIA

para Marysa & Ric

antes que em desgraça

nosso mundo caia

um quê de chalaça

só zoeira e alfaia

diz ricardo maia

— eta pau-pereira!

QUERO MOÇA QUE

quero moça que
me leve de leve
sim: adrede neves

a quem eu dê asa
solta assim-som-nome
nuvem sol em brasa

só ser e escrever
coração-ardor
quero moça que

SEIS ANOS PROCÊIS

olha júlia que bonitinho
um celular um cachorrinho
se some-se um o outro fala direitinho
se sumiu-se o celular o cachorro late
se sumiu-se o cachorro o celular chocolate

ou bem toca-toca que latir ele não late

e assim a vida vai se levando-se
enquanto a gente faz seis anos
e finge que se não sabe-se

por mais que o mundo se acabe-se
se um celular se um cachorro
o mundo todo mundo é um só espanto

você canta enquanto eu conto
assim você encanta e encontra
um toque dois toques um latido
que cachorrinho mais atrevido!

CANÇÃOZINHA PARA MARIA TEILY

Gala dança e sorri
na noite branca
de Leningrado

Francisco Inácio Peixoto



de cataguases luz
corpo de sol e ébano
maria teily dança
na noite branca e sus!

alados tons e ritmo
no sobrevôo ei-la
dos pés a trama-teia

no ar suspensa e só
em seu arfar-encanto

fa-la-mi-dó retém

o sol em si o susto

no alçar do riso raro

toda alegria salta

no ar de ardor revém
do rés-do-chão e vibra

e cataguases soa

plena na noite branca
e se equilibra e voa

pulsar pulsão emblema

negro na cena clara
no passo-teily e luz

risco qu' em si sonhara
dança maria teily

e dança e dança e sus!

LEGENDA

em sépia e sempre
tanto tempo
e essa ausência
na curva cataguáis
chico peixoto
não mais
nem linhares
nem giudice
enfim
indesculpáveis acrobatas
fausto wolff
trapézio que não veio
nem chico cabral
nem jair ferreira
nem plínio filho
nem
nem p.j. ribeiro
mas nós
esses sós desatados
que, sus!, saltam do pomba e a foto e a ponte
onde
márcia
lina
mais eu
e sylvio lanna
e quincas
e um branco
sorriso
e gradim
e cairu

– sus!
sós no rio
indesculpáveis acrobatas
caímos
e sobre as águas da mata
andamos
sol que cega e arrebatá

Cataguases, dez/2002

CADÊ TERESA

*a Nuno Rebocho
e Teresa Salgado*

paraíba não é a mesma
cadê-cadê-cadê teresa

nuno também não vem: tristeza
cadê-cadê-cadê teresa

só-sozinho na mesma mesa
cadê-cadê-cadê teresa

vago no vazio qual lesma
cadê-cadê-cadê teresa

João Pessoa, 2006

MATUSALÉM NO PELOURINHO: CAYMMI ENTÃO EM SEU CAMINHO

dos deuses, é divino, diz-se
de delícias que do véu
da boca o céu ensandecido
se permite, céu, comportar

delícia, leve delícia,
é quando suave no céu
da boca solta-se a moqueca
o torresmo-vatapá, mata

de minas mel mar da bahia
de coentro e dendê e tropeiro,
mar de dentro, mar milenar
tempero de não se acabar

mar que entra pelo pelourinho
e aflora-adentro, mar que sabe
a céu, céu que paira na boca
e que assim tão sol se permite

gozar o dom do mar de minas
brocado baiano do além:
o zelo do afazer das mãos
da cozinha-matusalém

nem vem que não tem – aqui, tudo
tudo o que a baiana tem

ZÔO

a Sérgio de Castro Pinto

sérgio acaba de chegar o seu zôo
e as girafas cigarras se-se
e uma edição extra é sua zebra
pêlos de sol no derredor da testa
e o leão aqui metido a besta
um zôo um circo e ora-ora veja
amendoim quase pipoca e eu
eu ora vejo aqui meu caro nêumane
assim cheim de seus perequeteques
saravá saravá bendito seja
esse saudar todo do seu werneck

MENINAS, COS'È?



se de prata-neve sem fim
cobrisse meus cabelos seus
eu jamais os veria assim
cinza-branco-belos ateus

assim, rita, quero os meus



só tu, elisabetinha,
pra dançar assim, precisa
que nem uma maquininha
música leve-narcisa

bis, você bisa, não bisa?





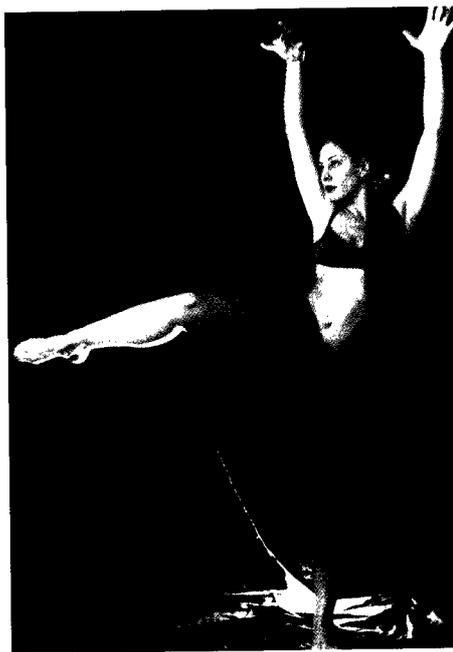
carol-carolina
perna nada fina
de dança que trança
menina embalança

que pernas-dança, que tranças!

teus pés teus passos tesos-tensos
se corres se caís se te alças

é o corpo que em ti dança, dani
luz que em si se move, sol, garça

ossos que ousam e se esgarçam



CHÉ-CHÉ, MISTER CHENG!

– your country is very colorfull!

o tosco inglês de mister cheng
chega entre ruídos e solavancos

avenida brasil
saturday night

– your country is very colorfull

seriam os luminosos
borrando a noite?

– no, the nature!

seriam os fachos de luz
o azul do aeroporto
meio science-fiction
que salta da cidade
fiction?

esse azul
de dentro

com seus nãos
seus néons

blue-fiction?

– no, the nature!

mister cheng voou 40 horas
revoou the country in 15 days

– no, the nature!

e pulsam neons
verde-vermelho
vermelho-verde

no sangue de mister cheng

– china is so far

so far

but

we are friends

– no politics!

but policy

many economic projects
no politics
but
trade & trends
we are so
so friends!
so so also
so so far
faraway
no galeão
entre o rio
e a ilha entavada
entre o fio
perdido
da meada
entre o não e o sim
aguarda-se
uma conexão
paris-pra-pequim
– very-very colorfull!
mister cheng
bebe cerveja
com fanta-laranja
& o mundo
se arranja
absoluto
absolutamente
jovem
nos 64 years old
bebo
uísque a caubói
saturday night
cerveja com fanta
& exalamos
& arrotamos
& fumamos
golden deer
factory in shanghai

saturday night
cerveja
com fanta
uísque
a caubói
o mundo
a vida
se sacode
a vida
como pode
– yeah! your country has so many cars
in china
we work by bus
holiday by bus
& bycycle
e do amarelo
de sua face
brota súbito
um
vermelho
verde
amarelo
vermelho
em permanente
trânsito
e mister cheng
não se cansa
de sinalizar
verde
amarelo
vermelho
& se repartir
& partir
atrás da esperança
– ché-ché mister cheng!

LINA LÊ-SE EM ARDÓSIA

A memória vai buscar uma menina de treze anos,
improvisando uns versos que teimavam em ser música.

De súbito, ela descobre que tocava a poesia.

Lina Tâmega Peixoto

tâmara lina
pomar de minas
turmalina
o fio tâmega
o xis de peixoto
seixo
ao sol
do pomba
lina-horizonte
peixoto
do tâmega
feixe-facho
de delicados dátilos
ânfora de anapestos

lina lê-se em ardósia
proeza-poesia
proesia toda-prosa
fina escrita e valia

SÚBITA SINUCA

anna

anda

anda

anna

o mundo é assim

sabe?

pode-não-pode

apenas uma ciranda

por mais que rode

por mais

que o mundo

amor

se acabe

assim feito um trote

um lance de quixote

onde cabe

amor

o amor

anna

sabe?

às vezes

sabe

a fruto ensandecido

a drama

por entre a trama

de seu tecido

anna

anna

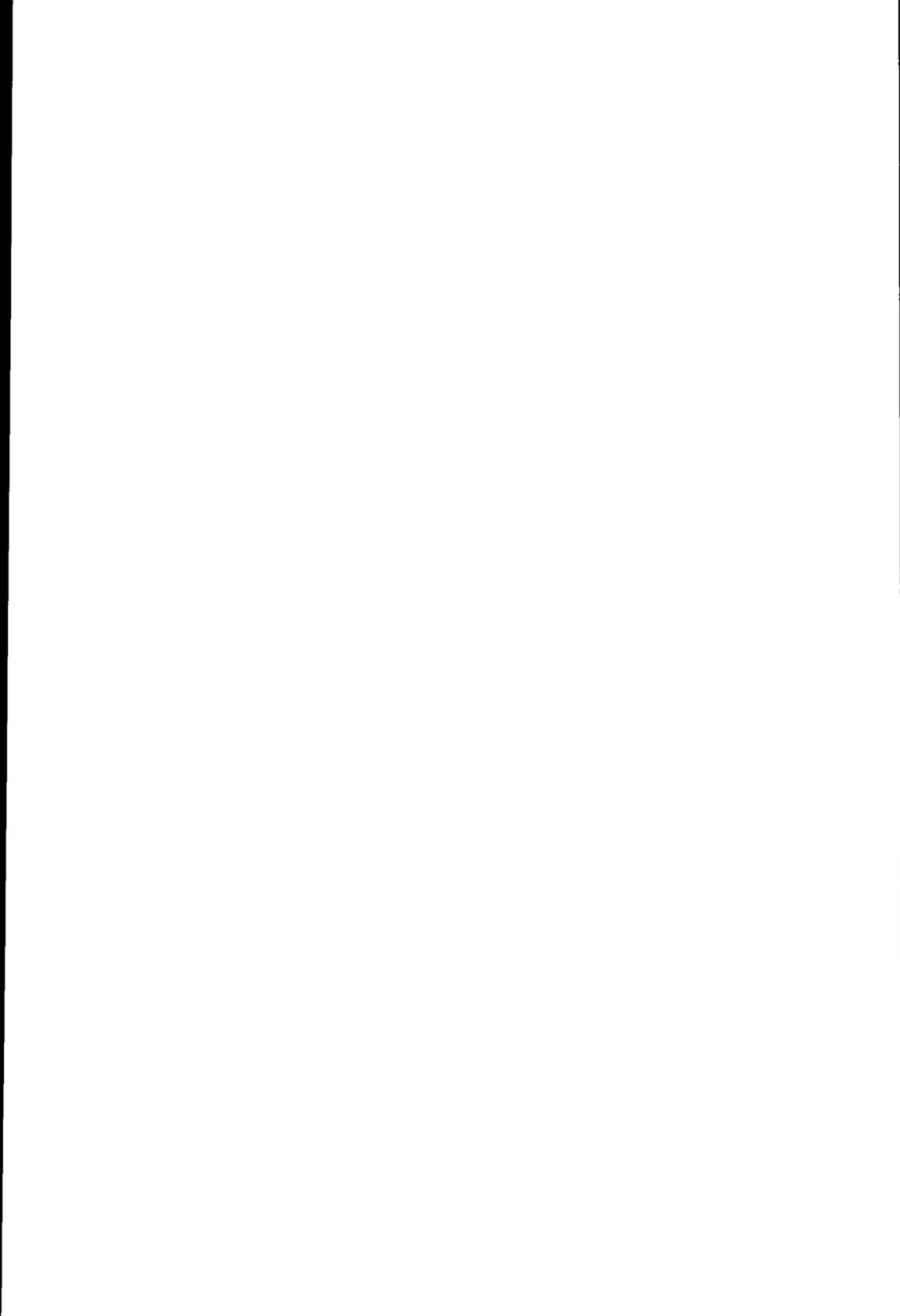
o amor

anda

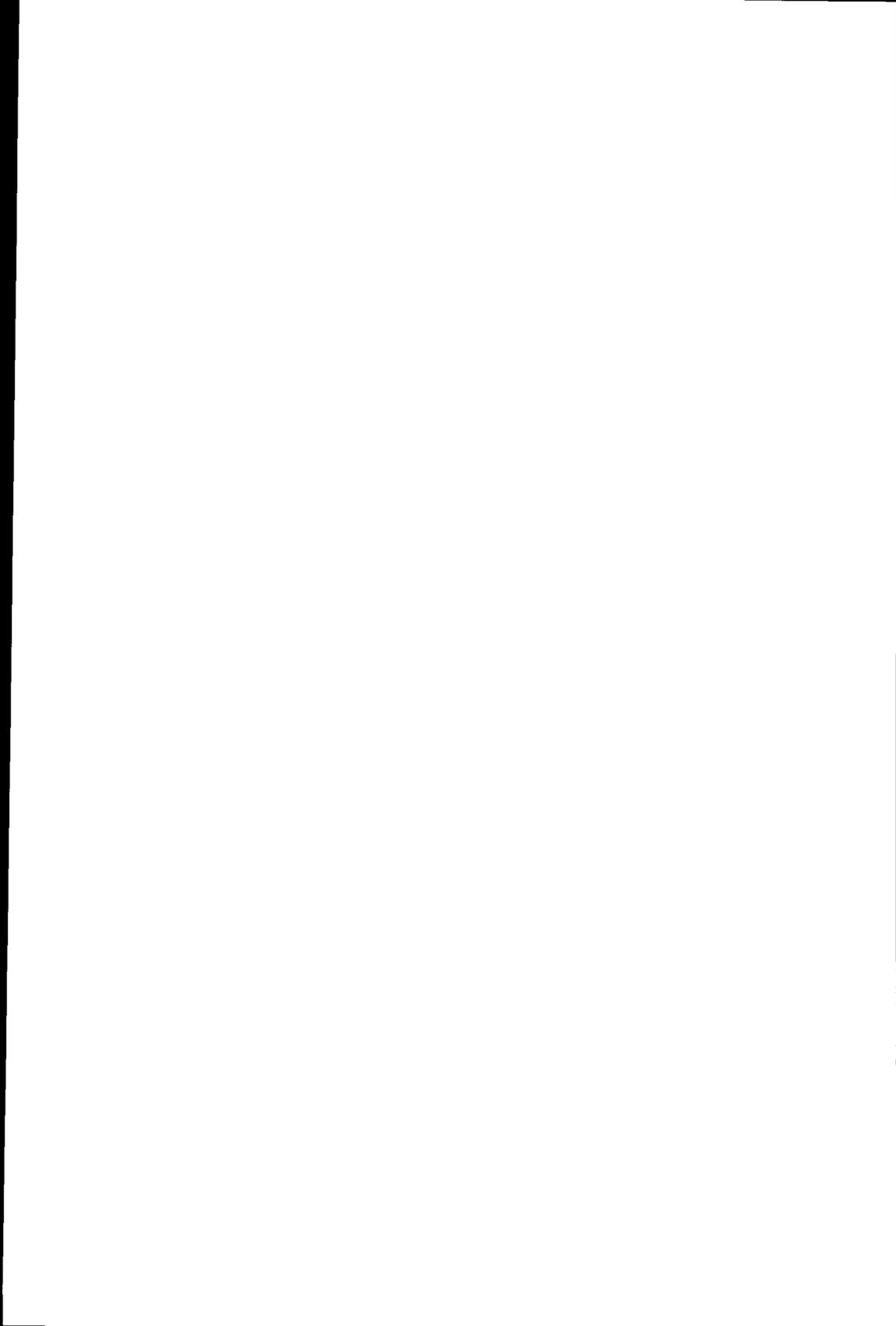
anda

o amor

às vezes desanda
às vezes se abre
às vezes caduca
sabe?
e é súbita
sinuca



SONETOS PRA QUE TE QUERO



SONETO DAS MEIAS PRETAS

a Henrique de Moraes

a solução meiática? mui prática:
chame moça afável, sem chilique,
suave a domestique a sabão-tanque,
ivobarrosamente, muito chique,

ou miltalonsamente, não tão nobre,
mas assim mode a não feri-la, pobre
domesticável nessas artes pretas
de meias soltas, sujas, sem mutretas

junte as duas num nó: pro cesto, sem dó
e sem dedos, e dado – casadinhas –
bem enlaçadas ficarão, e só

somem se a empregada for doidinha:
troca de pés e pares, sabão, pó
– e eis, limpinhas, as meias-calcinhas

DO SONETÁRIO DO GLAUCO

RW editou periódicos poéticos na linha do poema-processo,
movimento do qual foi representante em Minas.

Seu experimentalismo derivou, nos anos 70,
para o heterogêneo terreno do que circunstancialmente
se chamou "poesia marginal", mas em termos de
soneto (ora estilologicamente sintético, ora
estroficamente hipertófico) seu processo não é concreto
nem clássico, mas personalisticamente
werneckiano, o que inclui a esporadicidade.

Glauco Mattoso, no site Sonetário Brasileiro

SONETO & ½

vai num a
feto o verão
num a
braço num
só laço
no coração
de março

7 vezes 7 traços
7 meses pânticos
no alvéolo-
cisterna
– e só um sol
atômico
aderna

esperma
stress
estrôncio
no óvulo
alvo

novelo
atônito

ALDEBARÃ

o sangue, o tédio rubro
fluxo, fluxo de dor calva,
vence-me quando descubro
lençóis, desespero, alva

caro escudo essencial
a noite, redescoberta
ferida potencial,
finda só, nua, aberta

já não mais, helàs!, combato
anti-sono, o assassino
espanto, herói tombado

pela arena clara, o hino
lançado, o cruel fado
ressurgindo: sol sons símbolos

CONCEPÇÃO COM SOL

das dunas, das brumas, rociferando
o mar, mar, marcanto, mar marejando
calidoscópico liberto, o sol
sol já faísca verde-azul no anzol

por trás da aurora meu canto chegando
aberto, meu canto sol abandono
de um só sólido salto aconchegando
o sol, súbita noite-estrela-sono

somanhã de cores e escudo e espada

cai de um escuro céu e se dissolve
guerreiro de um tempo de sol e nada

a noite fascina, mas não resolve
meu canto é sonho, som de sóis libertos
onde cantamos juntos, claro, certos

RIMBAUD ME ROUBOU

mar que rimbaud retomou
ao largo bateau à toa
poita prumo proa
ouro-diss-eu seda à tona

mar de bruços na janela
onde divaga meu asco
arco vela casco
farol barco sentinela

mesclado de eternidade
molhado de tarde
mar mar melado de sol

onde nada só sobrou
mar d'or-feu anzol
mar que rimbaud me roubou

BRICABRAQUE



TERRÍVEL TORRESMO

terrível torresmo

desejar a si

très bon appétit

assim a sós mesmo

ERA UMA QUINTA-FEIRA DE UMA NOITE

a Paulino Machado

tinha assim uma lua meio besta
e a gente só a ver o são dragão
era só fim de noite fim de festa
e paulino carcava seu violão

e sem parar a lapa tocantava
até aconchegar seu-nosso sono
no portão na rua a se acabar

*miguelzinho
camisa-preta
meia-noite
e edgar*

tinha assim uma lua tonta em frente
um pálido clarão a ensinar
lua tântrica luz indiferente

era de noite
de uma noite daquelas
onde era a lua noite noite alta

era uma quinta-feira de uma noite
de quinta categoria
meio atenas meio esparta
uma quinta qualquer depois da quarta

uma quinta-mineira
alegoria
de nunca
jamais lua jamais voz que vazou
de uma espelunca

viola-quintandeira
desapressada

uma só quinta-violão jantar
feira na semana de amargar

besta quinta suspensa: que adianta?
só restar para sempre aqui gravada

ESCRITÓRIO

a embalar o filho
beijo
cafuné
enquanto
estrelas estrelam
explodem na janela
qual
a mais bela?
essa
aquela?
qual
o quê
o quê do porque do pois que
a embalar o filho
já estrelecido
até quando?
até como?
até por quê?
já tudo adormecido
no embalo
a embalar
mas
ainda
todavia
luz
luz vermelha
em frente
no topo
entre as nuvens
dentro
um violão
um porto
um rémy

e dicionários
tudo fechado
à esquerda
em
baixo
poesia poesia
poesia poesia
na parede
volta
benjamin
a obra de arte
de tardes muitas
e reproduções
gaughin
lautrec
modigliani
e do lado de cá
uma estante
sem
poesia
só
teoria teoria
teoria teoria
teogonia
cá do lado de cá
instâncias
um picasso
um portinari
tiradentrando
programas de teatro
o filme alemão
cahiers du cinema
cá do lado de cá
onde deveria estar
tudo que cá não está
em frente
entre as nuvens
uma luz vermelha

entre as teclas

uma luz vermelha

na entrenoite

uma luz vermelha

entre a luz

desponta

uma tecla

vermelha

trilho

que aponta

estrelas

a embalar o filho

Rio, 06.01.80

VATECÍNIO

nasci em bonsucesso
ora pois-pois por isso
sou vate faço versos

ou não: em cataguases
água às quase-quases
nadei amei cresci
puríssimo poeta
sou eu não sou eu sou
mero melro pateta

logo-logo amanhã
bardo de aldebarã
grande vate serei

eu tô rei tô que tô
belo bardo cotuba
retro erro retrô
cá ou em ubatuba

SOL ANTIGO

para Luiz Henrique Atienza

eu
caliptos

imbaú
bas

de bem contigo
de bem comigo
de bem com

todo mundo
mundo
mundo

muito mundo

ver

de tanta trilha

e azul

verdes veredas

e azul amor tanto

tonto

de tanto mundo
de bem

com muitas trilhas

de bem

com

tigo
migo

e com o amigo

de bem

te digo

de bem

com todos os sentidos

raros ruídos
reflexos

no monte
o eu
calipto
no longe
a
imbaú
ba
oba
manhã invade os sentidos
manhã na retina
a mesma
a sempre outra
manhã a mais
mansa manhã
sol que se dissolve
e chove
no asfalto
chove
no céu cobalto
chove
no rio
no mundo
chove em vão
fora de mim
aqui-aqui faz um sol assim
antigo
assim
amigo
e pulsa e pulsa pleno
um sol antigo
e brilha
faca
fáisca
um sol antigo
de bem contigo
com o mundo
e pleno comigo
me inundo
de um mundo

mundo

mundo

muito

muito antigo

de um mundo

mundo

mundo

que se solta

e salta

e pula-pula

jaú-jaú

que pulsa-pulsa

de baús antigos

eucaliptos

imbaúbas

ELEVA/DOR

busco o alto
chão-planalto

sobedescesob
edescesobdes
cesobdesceso
bedescesobed
escsobdesces
obedescesobd
escsobdesces
obdescesobde
scsobdesceso
bdescesobdesc
esobdescesobd
escsobdesceso
obedescesobde
escsobdesceso
bdescesobdesc
esobdescesobd
escsobdesceso
obedescesobde
escsobdesceso

perco o asfalto
solidão-cobalto

VÔO

mulher vôo quero voar
tecer asas contra
teu tédio-chão

o vôo enorme – além do azar
lançado solo a sol
só pra que me captas
corcorpoação pelo telstar

serei gagárin john glenn
ou titov – olhe
pássaro enquanto dormes

no alto a seu lado
a lua absoluta o sol
astronáutico o céu magnético

ELETRECÍSTICO

para aDRlana

vagalume e volks
noite sapucaia
terra dos três emes
de manga moretti
e moça bonita

nos anos setenta e tantos
sexta santa meia-noite
quebras-molas e quebrantos
foi-se a vela do volks

no neon: eletrecista
lia-se lá muito longe

se eletricista ele é
de letras pode saber
mas nada do métier
bom mesmo eletrecista é

esse sim no carro mexe
e de letra tira o ele
tricista só em si letrado

tendo assim pensado
tomei-o por bom
o *eletrecista*
lá iluminado

o seu nome assim
mozart maravilha

e filhos mecanicamente
lá enfileirados
seis agora seis

beethoven chopin
liszt haendel leibnitz
e esse villa-lobos
luz por toda a vila

essa sapucaia
de manga moretti
e moça bonita
dos três emes terra

eletrecidade
de árvore só árvores
moretti morettis
manga manga manga
fio fio terra
terra sapucaia

terra dos três mil
emes só de mozart
manga e moretti
e moça bonita

grito que nem vento
liszt! liszt! leibnitz!
– já-já! já pra dentro

voa o fusca noite
adentro chão luz
o mundo mozart
liszt iluminado
sol *eletrecístico*

UP-TO-DATE

josé & maria
convidam

eats and drinks

leve seu it

como opção

um swing

de leve

josé & maria
com-vidão

use seu charme
e não se alarme

coçar e comer
é só co-meter

NORDESTE

luz que desce
sol que cresce

me entontece
o nordeste

entorpece
me enlouquece

o nordeste
esse amor

que me destes
cor calor

só parece
sol bolor

o nordeste
que me destes

sol da peste
cabra só

uma prece
luz que desce

DO CORPO DO SER DO RESTO

com o corpo
apreender
esse sol cotidiário
ser como ele sol
brilho-asceta
mas
e isso
fora dos trilhos
e essa barriga
poeta?
não
não é barriga
mas pedra desconexa
é mera intriga de ocasião
e nada além de uma reles lombriga
sem meta
que inflou
da escravidão
da terra vem
de sua redondeza
como aqui estamos
para onde também
vamos
parvos-impávidos
armorial-planeta
ano-a-ano
terra aquele brado
do cassiano
do bardo ricardo
terra
com sua curva
de imemorial tristeza

cor e pó
formam
ou deformam
o corpo
há
que
vê-lo
esse corpo-aldebarã
por dentro do novelo
sem barriga lombriga dor-de-cotovelo
como num espelho
a cada manhã
deposto o sono
presto?
não presto?
ser seu dono
do corpo
do ser
do resto
corpo-corpóreo
de mistérios
arsenal
estopim detonado
em plena beleza
em toda sua redondeza
a curva de sua imemorial tristeza
a ressurgir da terra restaurada
e sem rugas
onde moram
os príncipes
os elefantes
as tartarugas
a ressurgir
ressoa
o brado do bardo
retomar
entre
tropeços
e
enganos
retomar
o exercício do cotidiano

ALVÍSSARAS & LANTEJOULAS

AS MANHAS DOS POEMAS

Francisco Marcelo Cabral

Meu querido poeta: ainda não se acostumou com as manhas dos poemas? Parece que mudam a cada leitura, para sofrimento de quem os faz.

Acho que foi Mallarmé quem disse que os poemas são abandonados. Porque inacabáveis. E você, especialmente, é um poeta de reverberações e estilhaços, de poemas que se espriam em todas as direções, como água atingida por uma pedra.

Como os dar por terminados?

Os *takes* do Jiddu Saldanha, mostrando-o "a braços com a poesia lida", além de plasticamente bonitos, têm um clima mais ronaldiano que os *filmlets* da trilogia que ele está fazendo sobre você.

Mostram você minerando sua poesia extremamente sonora; vê-se que você principalmente lê o que escreve, explorando os silêncios que se formam nas pausas da leitura como engastes das palavras.

Seu novo livro reitera seus estilemas, suas virtualidades, suas virtudes.

Além da audibilidade, você é o poeta mais visual e "visível" de Cataguases, o nosso embaixador no mundo dos livros. E eu sei do cuidado com que você os constrói fisicamente, reescrevendo-os a cada prova tipográfica. Um poeta em permanente ato de criação e recriação. E recreação, espero. *Ut delectat*, na lição de Rodolfo Agrícola, que Pound repete no seu Canto LXXIX.

Quer o quê?

A paz dos conformados com a própria mediocridade que pululam "pela" aí?

Ou essa inquietação fecunda que o fere, causada pelo rigor que a obra de arte exige para varar o tempo?

Você teve dois belos filhos sem as dores do parto. É justo que as sinta agora. Bem feito! Quem mandou cortejar as musas! Ficasse apenas com as mulheres que você canta tão amorosamente, tão delicadamente, tão sensualmente. E – ora, ora – tão abundantemente.

*E-mail do poeta FMC, Rio, 06 de março de 2008
(Em resposta a e-mail onde RW falava de suas
dúvidas quanto a alguns poemas de *Minerar
o Branco* e à própria finalização do livro).*

HOJE QUEM PAGA SOU EU. RONALDO WERNECK (CO)MEMORA A NOITE (AMERICANA)

Alexandre Faria

Ronaldo Werneck viveu seu *big bang* poético nos agitados anos 70. Trinta anos depois da estréia, seu mais recente livro transpira a inquietude e a insubmissão da poesia daquela década e, como tal, também não abandona o rigor do acaso. O jogo verbal fundamentado na espacialização e nos achados em que o corpo das palavras se desmonta e se remonta, além do teor pontual e cotidiano (melhor seria cotinoctâmbulo) dos temas são aspectos que contribuem para dar leveza à poesia e causar essa impressão de que o poema foi um presente do acaso. Mas há, nessa aparência, um rigor poético e um compromisso vital que, também sendo uma marca geral da poesia que surgiu com os pós-tropicalistas e a geração mimeógrafo, precisa ser bem compreendido.

Contrariamente ao que se pode pensar de uma poética de vocação menos formalista, o verso que está à mercê do acaso pode ser a forma mais original, porque primeira, de realizar aquela utopia poética do distante Beditino bilaquiano: a trama que disfarça o emprego do esforço. (Paradoxalmente, para alguns poetas do período, este propósito realiza-se como o fingimento da dor pessoana, ou seja, alguns poetas disfarçam tanto o esforço que de fato não o empregam). Formas (e não fórmulas) constituem o diferencial que faz com que a poesia dos anos 70 reate com o modernismo de 20, unindo as duas pontas de um período que, então, apontava para o esgotamento. Depois disso, a poesia brasileira irá experimentar o ascetismo acadêmico – o poeta abandona as ruas e vai direto para as Faculdades de Letras do Brasil.

É em boa hora, portanto (não só para se reler aquele período, mas também para se pensar a poesia de hoje), que Werneck dedica-se a revisitar e a relançar seus poemas, bem como a compor novos. Já saíram *Minas em mim e o mar esse trem azul* (1999), que contém a republicação do livro *Pomba poema*, de 77; *Revisita selvaggia* (2005), mais do que uma revisão, uma recriação do livro *Selva Selvaggia*, de 76; e este *Noite americana/doris day by night* (2006), que, em 1a. edição, reúne, não cronologicamente, poemas que datam de 1971 a 2006. O auxílio luxuoso de fotografias do acervo pessoal do poeta, de que essas edições se valem, dão ao projeto, mais do que o sentido da revisão, certo teor do que poderia ser lido como uma autobiografia poética onde, no lugar de os poemas recontarem a vida, esta é reinstituída a partir deles. O projeto que estes três livros indicam é o de uma visão retrospectiva que permite realizar com plenitude e maturidade a idéia de colar poesia e vida. Não por acaso, em seu texto apresentado no colóquio *Relendo a poesia dos anos 70 aos dias atuais*, na Universidade Federal de Juiz de Fora, em 2005, publicado no livro “Anos 70 – Poesia & Vida” (Editora UFJF, 2007) Werneck defende:

O objetivo do poema é fazer poesia. Ele é o condutor, o meio (no jargão dos “vasos comunicantes”) de “passar”, de “comunicar” poesia. Então, o poema só existe para produzir poesia. Se ele não produz... babau, “Seo” Nicolau. Já no cinema, no teatro, nas artes plásticas, na alta costura artística, o babado é outro. Assim, vamos esclarecer: poesia é meta; o poema, veículo.

Este rigor poético de quem quer colocar programaticamente o poema colado à poesia, o verso colado à vida, não poderia prescindir do olhar para o erotismo e para a boêmia, como há em *Noite americana/ doris day by night*. O erotismo cola-se à poesia como origem e fim; e talvez seja a melhor evidência de que o discurso poético não se submete às regras da representação literária. O poema não tem como finalidade mostrar/representar a vida, mas ser, constituir-se como inteireza e suplemento para a vida. Isso pode até deixar dúvida em outras temáticas, mas, na do erotismo, vida (origem) e existência (fim) são as próprias peças do jogo fingir/ser, tanto para o poeta, quanto para o leitor.

Até que o livro de Werneck brinda algum possível leitor-voyeur com deliciosas imagens, mas esse voyeurismo é cindido: a noite, o gozo e o prazer dramatizam-se no limite do ser. No percurso de suas páginas, “umas cavavam a dor / outras matavam de amor // umas eram um achado / outras apenas melado” (Umas & outras, p. 119). Forjamos nesse trecho uma relação metalinguística a fim de dar exatamente o tom do que parece ser o livro: um convite ao leitor para que, com o poeta, (re)visite boates e bares da noite, carioca sobretudo, mas também de outras cidades do Brasil e do mundo. Gozo, riso, beijos e cheiros noturnos se sucedem *pari passu* com a fruição da leitura poética, em idas e vindas dos versos e das datas, que aparentemente se forjam ao acaso dos lugares e dos trocadilhos. Nelas, poeta e leitor quase viram companheiros a compartilhar mesas e moças em ruas da Lapa, galerias de Copa. Digo quase porque um detalhe tensiona essa troca entre o

leitor e o poeta: o acaso é urdido num profundo jogo referencial e imagético. É como se o poeta convidasse o leitor ao balcão e exigisse: “Hoje quem paga sou eu!” (lembro um sucesso de Herivelto Martins e David Nasser, na voz de Nelson Gonçalves, mas fico apenas com esse verso, pois a canção antiga contém o moralismo da dor de cotovelo, o que Werneck evita com habilidade). O resultado poético é a curtição que desloca a perspectiva moralista, ao fundir a opção pelo jogo verbal (muitas vezes poliglota) com a vocação lúdica para a vida.

Assim, a voz daquele que (co)memora é capaz de produzir imagens poéticas como quem segmenta e reordena fotografias. Isso presentifica tudo no espaço em branco/preto dos poemas (e das fotos). Espaço que, a despeito das referências à poesia concreta e à práxis, vanguardas com que Werneck dialoga, remete também ao efeito *day by night*, ou à *Noite Americana* de Truffaut, mecanismo cinematográfico através do qual lentes específicas criam um efeito de noite numa filmagem diurna. É esse espaço, também, que acaba se instaurando entre a boêmia (poesia) e a escrita (poema), tornando o leitor um neófito, se não na vida noturna, “entre putas & putos, travestis & rufiões & patéticas strippers” (p. 160), com certeza na “puta palavra puta” (p.25), que é introduzida com a inteligência de quem, na lição oswald-machadiana, não divorcia o amor do humor.

(...) hamlet's try again –

meter

ou não

me

ter

(Pérolas e porcos, p. 66)

Tal estratégia, neste caso emblematizada pela dúvida de Hamlet, realiza com tenacidade o objetivo maior da poesia, que é redimensionar o humano via linguagem. A opção pelo erotismo reforça e radicaliza

essa conduta, ao desqualificar a experiência do dilema existencial e moral (seja humanista ou cristão), deslocar o ser da profundidade essencial para a superfície dos sentidos e, finalmente, afirmar, com radicalidade de procedimentos e de princípios, a vida.

É dessa forma, então, tomado pela surpresa do acaso, poeticamente construído por Ronaldo Werneck, e em contato com metafísica forjada na pele da vida, que o leitor vai melhor gozar a *Noite americana/ doris day by night*.

Suplemento Literário de Minas Gerais, número 1309, fevereiro de 2008

DEO GRACIAS: MOACYR SCLiar

Ronaldo: obrigadíssimo pelos livros, que já comecei a ler, absolutamente maravilhado com teu talento! Para ficar apenas com um exemplo, "deo gratias", com suas "veredas de veias avariadas" é antológico! Grande abraço do fã Moacyr Scliar.

E-mail do escritor Moacyr Scliar, Porto Alegre, 2007

SOBRE RW

Tanussi Cardoso

Em 1976, chegou às minhas mãos o exemplar de um livro encadernado, plastificado, com capa em preto-e-branco, imitando aqueles rolos de filme de cinema. O título era "Um Cine-poema de Ronaldo Werneck", da Poemação Produções. A capa trazia uma imagem-foto (não se sabia bem se de homem ou mulher, de cabelos longos, nem se estava de costas ou de frente). Sobre essa imagem, um poema concreto ou processo, que começava num S, abria-se em s, e (se), após, s, e, l (sel), depois *selva, selvag*, esse "g" se dobrava (*selvagg*), *selvaggi*, e terminava em *selvaggia*. Como num foto-cine que se ia construindo fotograma por fotograma, milimetricamente. Era diferente de toda e qualquer produção marginal/independente comum àquela época.

Esse livro não saiu da minha cabeça e da minha cabeceira por muito tempo. Tudo o que eu entendia por poesia se concentrava nele: síntese, criatividade, elaboração, gozo, prazer, sensualidade, selvageria, gibi, cinema, música, foto, jazz, colagens e até poesia. O pouco e o muito – nunca o de mais!

Ronaldo Werneck inscrevia naquele livro a súmula do que viria a ser o seu trabalho poético: contenção (conter a ação), silêncio e explosão. Ou seja, uma obra aberta e escrita com o poder de união dos contrários. Contra a dicção costumeira. Com tradição. Contradição.

Não era à-toa que na contracapa ele se autodefinia assim: "poeta-trinta e dois anos - mulher-filha-gata-miopia – agora selva selvaggia – do verso ao gráfico – do haicai ao processo – é isso ou aquilo – doze anos de Ronaldo Werneck – às vezes mudo às vezes não – o

poema é tudo: emissor e emoção. Suor, insight, calor, coração.”

E o livro se abria como se construísse um grande roteiro-poético de um filme: num plano geral. Com muita ironia, informava: “Este cine-poema ainda não foi premiado em Cannes, Veneza ou Moscou, mas... dan-dan-dan-dan...”. Seguia-se um pensamento glauberiano e uma ficha técnica completa: protagonistas, argumento, cenografia, montagem, assistente de direção (onde ele enuncia seus poetas prediletos), continuidade, direção de fotografia, laboratório, layout, trilha sonora e produção.

E afirmava: “Todas as semelhanças com seres vivos, mortos, natimortos, redivivos são puramente intencionais”. Seguiam-se: roteiro e direção, do próprio. E o “filme” começava com duas epígrafes de Dante, sendo uma delas a famosa: “Deixai toda esperança vós que entraís”.

E o “filme-poema” começava com palavras de Rosário Fusco, belíssimas, numa espécie de mea culpa do poeta, se desculpando, quase humildemente:

“A única novidade é o sol.
Nem Deus inova: por isso,
O moderno é o eterno.
O ser é: o criado na sua
Intransmissível solidão”.

(Rosário Fusco)

Iniciavam-se, então, as 10 seqüências de 86 planos de um cine-poema, que fala basicamente de seu material de trabalho: a palavra e o homem. Assim, foi através desse livro instigante, intrigante, belo, inovador, criativo, de 185 páginas – coisa raríssima na época – que conheci o poeta Ronaldo Werneck.

Em 1977, o poeta lança “*pomba poema*”, talvez seu trabalho mais famoso, um longo poema lançado pela Prefeitura Municipal de Cataguases, no centenário da cidade.

Anos mais tarde, o conheci pessoalmente, nos muitos eventos de poesia por esse Brasil afora: um ser especial, alegre, tranqüilo, quase-tímido, bom-de-bico, bonachão, inteligente e poético. Ronaldo respira poesia, música, livros, cinema e amor pelas mulheres. Muitas vezes, a poesia de um poeta esgota-se em seus livros e poemas. Não, Ronaldo Werneck é uma espécie de continuação de sua poesia – como se fosse um filme-poético em contínuo movimento.

Um dia, tive o prazer de ir a Cataguases (não por acaso a terra do cinema nacional, de Humberto Mauro), numa noite inesquecível de 2005, dedicada ao Werneck – lançamento de seu livro *Revisita Selvaggia* –, e pude comprovar o amor que aquela cidade tem por ele. Ele é uma unanimidade.

Mas foi em 1999, quando do lançamento de seu livro *“minas em mim e o mar esse trem azul”*, que me deixei morrer de amores pela poesia de Ronaldo Werneck. Nele, o poeta reedita o seu famoso *“pomba poema”*.

Na minha opinião, esse é o livro do amadurecimento de Ronaldo, onde ele consegue amalgamar o eu lírico com o “cineasta” louco e “selvagem”. Onde a música de Minas deixava um pouco os acordes do rock internacional para se permitir cantigas e toadas simples, blues harmônicos, quase solenes. Havia ali um poeta impregnado pelo mar da poesia, pelo inexistente mar de Minas, daí, um mar imenso e sem fronteiras – o mar da imaginação.

Em 2001, sempre tentando linguagens novas para sua arte, Werneck lança *“Dentro & Fora da Melodia – Que papo é esse, poeta?”*, canções, poemas, paralações em CD, onde canta e diz poemas e canções.

Em 2005, numa reunião de qualidades estrondosas – gráfica e lírica – publicada pela Ibis Libris, da nossa amiga Thereza Motta, *“Ronaldo Werneck Revisita Selvaggia”*, já agora aplaudido por Alcione Araújo, Fábio Lucas, Luiz Carlos Maciel, Hugo Pontes, Luiz Ruffato, Zuenir Ventura e outros.

É uma *“Selvaggia”* revista e ampliada, onde até a

mim é prestada uma homenagem, com fragmentos de um poema que fiz dedicado ao poeta, depois de me extasiar com seu livro, "Minas em mim".

Em 2006, vem "Noite Americana – Doris Day By Night", também um belíssimo trabalho da Íbis Libris. Sempre música, cinema, mulheres, bebidas e poesia – temas recorrentes.

Bem, desculpem esse roteiro amoroso e mal-ajambrado, mas falar de Werneck daria uma odisséia – e não caberia nesta "night".

Texto lido pelo poeta Tanussi Cardoso no palco do Teatro Gláucio Gill em novembro de 2007, durante o XI Festival Carioca de Poesia, onde RW foi homenageado com um troféu

NOITE AMERICANA, DE RONALDO WERNECK

Elaine Pauvolid

"Noite americana - Doris Day by night", quinto livro de poemas de Ronaldo Werneck, mineiro de Cataguases: não se trata de um estudo, trata-se de vivência, de poemas que brotaram muitas vezes nas mesas da boemia carioca.

No título-poema, homenageia o cinema, tema de "Selva selvaggia" (1976), seu primeiro livro e "Werneck revisita Ronaldo Selvaggia" (2005). Noite americana é o artifício cinematográfico para filmar a noite durante o dia. Doris: DAY, atriz e cantora norte-americana das décadas de 50 e 60, que fez sucesso com estilo sensual e ingênua, ou falsa ingênua. DAY BY NIGHT, um disco dela: Day by day/day by night. Tais desdobramentos da leitura são apenas alguns dos possíveis. Posfácio do autor conta que Doris Day é uma personagem de nome fictício, uma prostituta. Espécie de heroína, dá

ao livro ares de epopéia pós-moderna. O fato de não antecipar, deixa-nos buscar as chaves que dão sentido aos poemas distribuídos pelo livro. O livro traz ainda um fragmento de um poema inédito de Rosário Fusco, como um brinde.

A forma, neste e nos demais livros, traz forte influência de Mallarmé (1842-1898), reflexos concretistas e do movimento poema/processo. Também há poemas com versos em suas seqüências tradicionais lineares, poemas líricos. Permanece, na distribuição de versos pela página, na utilização de tipos gráficos diferentes e de espaços em branco, operando variadas combinações semânticas ou em versos lineares, sua poética, seu estilo. Temas recorrentes neste e nos outros livros do autor são o local onde vive, as pessoas do lugar, o cinema, a música e a história da poesia através de epígrafes, ou citações que constroem uma cartografia dos lugares e afetos e pelo quais passou ou foi atravessado.

Vejamos o poema haikai do xique-xique, no que se refere aos significantes, posto que a distribuição gráfica se perderá na transcrição: "antes/ love na night/ agora/ arrulhos no táxi/ um cão que lambe escuro/ lânguidos latidos." Se o tom barra pesada parece vir à tona em alguns poemas, em outros é abrandado pelo lirismo. De balada de toda parte transcrevemos o trecho: "(...) escrever tem hoje/ novo quilate / quando outro outubro / de novo bate / o mar/ as ondas / o verde-azul / queria dar-te / pois outro outubro / em mim bate / do tempo a primavera / inda é parte / outubro outro e outro/ outubro/ de novo bate / amar faz parte / e outro outubro / de novo bate (...)".

A obra de Ronaldo Werneck desafia o leitor a buscar os sentidos possíveis de seus poemas bem à moda de Mallarmé que dizia que "um poema é um mistério cuja chave deve ser procurada pelo leitor".

UM MOSAICO EM TORNO DO TEMA

Mário de Oliveira

Prezado Ronaldo, recebi na semana passada o "noite americana doris:day by night" de título original e edição supercriativa. Fiquei logo satisfeito por nele re-encontrar o Noite Africana, poema de que tanto gosto. Demorei a escrever, para me dar tempo de ler o livro, você sabe, livros de poesia não se lêem de uma enfiada, mas pouco a pouco. Trata-se de um livro surpreendente, pois não conhecia o seu lado "maldito", meio Charles Bukowski meio Baudelaire. Sua poesia sempre me fez pensar nos pintores impressionistas, pontilhistas. Você cerca o bicho pelos sete lados, com pinceladas precisas, vai formando um mosaico em torno do tema, tornando-o caleidoscópico. Tudo com muita cor e muita agilidade. Aliás, você consegue o mesmo efeito na prosa, na crônica. Me arriscaria, dizendo que você é um poeta-cineasta, faz poesia com a câmera na mão e, claro, uma idéia na cabeça. Dou-lhe os meus parabéns e agradeço imensamente a gentileza de me mandar tão belo livro, que me acompanhará para sempre.

Do Rio, por e-mail de 22.07.2007

DE BRAÇOS COM DORIS

Vera Valverde

Mon cher: Passei ontem todo o dia de braços dados com Doris. Não fui a Copacabana com ela, seria perda de tempo já que ela demonstra conhecer de

perto e do avesso – bem mais do que eu, ainda cá estando! – aquela orla e aquela espuma de lá... Estive na Gávea, apresentei-a a alguns colegas meus da Literatura da PUC a quem prometi ceder-lhes a companhia assim que der... Mas já se revelaram encantados com a bravura da sua linguagem poética! Isto é só preâmbulo para dizer que, ao ler seu novo livro, fiquei pensando em como não nos encontramos por estes caminhos que você registrou ao final de cada poema... Saí do convento em 1970 e também estava à procura de mim nas mesmas mesas dos bares e lugares por onde você não por acaso andava! Coisas do destino! Mas isso não quer dizer que eu não tenha penetrado em cada gota de absinto e de expectativa que os seus versos revelam. Demais. Preciso finalizar dizendo que a-do-rei? Beijios orgulhosos de quem se sente tão bem ao seu lado, desde que andávamos juntos pelos corredores do Grupo Escolar Coronel Vieira...

Do Rio, por e-mail de 30.03.2007

SEDUÇÃO VERBAL

Jair Ferreira dos Santos

Grande Roni: Recebi seu livro ontem. Está muito bonito, muito bem editado, é uma beleza de se folhear, de se ler. Acho que eu conheço a maioria dos poemas que estão ali. No que li, encontrei o velho Roni de guerra, o rei do ritmo, do corte, das sensações, das assonâncias, das paronomásias, em suma o seu arsenal de sedução verbal. Parabéns. Grande abraço.

Do Rio, por e-mail de 10.10.2006

RONALDO EM VERSO E OS PRAZERES NOTURNOS

Marcelo Lopes

Preciso confessar que poucas vezes um livro de poesias provocou em mim emoções/ações/reações tão agradáveis e diversas quanto este que Ronaldo Werneck está nos presenteando. *noite americana doris: DAY BY NIGHT*, que se escreve assim mesmo, já está, certamente, entre as melhores produções deste nosso poeta cataguasense. Entre outras sensações afloradas durante a leitura, chamou-me mais atenção a concisão, a objetividade e a força adquirida, ou melhor dizendo, o poder de cada palavra no texto/poema. Ronaldo, um poeta consagrado e reconhecido, com *noite americana*, talvez tenha chegado ao ápice nesta árdua e difícil tarefa de garimpar as palavras e colocá-las no lugar exato, como se elas tivessem sido criadas para serem usadas somente ali, naquele poema. Vendo assim, parece fácil, coisa banal, mas é só para os que têm muito talento, como Ronaldo Werneck que, além disso, possui uma inesgotável capacidade de aperfeiçoar-se a cada lavra. Por isso, também, a leitura de seu mais novo "rebento" é um prazer inigualável.

Três em um, ou seria um livro em três? *Noite americana - doris: DAY BY NIGHT* - Fácil noite falsa, podem ser capítulos soltos ou livretos separados, que o poeta preferiu uni-los em uma obra maior. Os três se entrelaçam e se entrecortam, formando uma peça recheada de prazeres visuais e outros tantos subentendidos, muito bem acondicionados no ambiente fechado, escuro e enfumaçado pelos cigarros que povoam as casas noturnas cariocas, pano de fundo ou ponto de partida para o esfuziante mundo que Ronaldo Werneck nos apresenta a cada nova página, a cada novo verso. O clima "noir" esta todo aí, na medida certa, sem excessos, carências, nem precipitações. E sinta-se à vontade,

caro leitor, nesta *boite copacabanense*, onde garotas esculturais dançam seminuas à sua frente, oferecendo-lhe muito mais do que seus corpos: o prazer, em sua forma pura.

Mas o deleite ainda está pela metade. Entre textos e fotos, ler apenas os poemas não basta, nem tampouco ver somente as fotografias, aliás excelentes e muito bem escolhidas. Imagens preciosíssimas, eu diria, (enquanto lembro daquele personagem de Dom Casmurro, o José Dias, que adorava os superlativos) porque não são apenas imagens em branco & preto, mas, em alguns casos, poemas visuais geniais e, em outros, o complemento perfeito para o que foi escrito na página ao lado ou vice-versa. São fotografias com cortes e recortes criativos, caras & bocas melindrosas, mulheres apaixonadas, bêbadas, de corpos reluzentes, onde a libido transborda das páginas, propositadamente. Afinal, noite carioca e prazer poderiam muito bem ser sinônimos.

Como de costume, li o livro de trás para frente, uma mania que não sei quando nem por que começou. E, lá na página 132, de *doris: DAY BY NIGHT* deparei-me com um pequeno poema. O título em si já avisa a aridez e o ambiente no qual o leitor vai entrar. De cara, percebe-se que *asfalto* incomoda, não está pronto. Porque pede/exige a interferência de quem o lê. Nele, Ronaldo brinca com as palavras soltas, sem pontuação, dando a liberdade de ler o texto do jeito que cada um preferir, pontuando-o ao seu modo, fazendo uma interpretação pessoal, enquanto fala de um amor que anseia ser correspondido. Nada de sintonia, de afinidade, o amor não acontece ali.

A força das palavras explode e causa o efeito desejado e muito mais devastador nos pequenos poemas, como em *lady acaso*, sobre o qual também quero chamar a atenção do leitor. Ele está na primeira parte de seu livro, denominada *noite americana*, e tem apenas três linhas. Trata de um casal que se vê pela primeira vez, por acaso, num corredor, e vai terminar de

se conhecer na cama. Em onze palavras o poeta nos conta uma ardente história de amor e desejo. Poesia no sentido mais do que literal, feita por quem tem o perfeito domínio da técnica e da arte de escrever. Ronaldo sabe o que faz e o faz cada vez melhor. O que ele não tinha nos mostrado até este livro era essa sua capacidade de se reinventar em palavras cada dia mais fulminantes, precisas, e de transformar fotografias de nus e seminus banais e, às vezes, tecnicamente ruins, em poesia visual e na mais pura arte. Fico imaginando o que ele ainda guarda para nos mostrar no futuro.

Jornal Cataguases, 03.09.2006

A “NOITE AMERICANA” DE RONALDO WERNECK

Fábio Lucas

Como arbitrar o sentido de *Noite Americana/Doris Day by Night* (Rio/Cataguases, Íbis Libris/Poemação, 2006) de Ronaldo Werneck? Forte pressão nostálgica inunda o conjunto de poemas, numa reminiscência signo-existencial que remonta de Dante e chega às vanguardas. Lida com as memórias, conscientes ou inconscientes, do berço natal até a embriaguez da vida noturna. Tudo em busca de algo que não existe e testemunha os limites da espécie humana.

Das belas epígrafes que presidem alguns textos, talvez a mais legítima seja aquela de Antônio Maria, que bate “na eterna procura/de alguma coisa/que não deve haver.” (p. 159).

A nova obra de Ronaldo Werneck refaz a conjunção de imagens visuais (foto-montagens) e literárias (lirismo poético-metafórico). Tudo com o vigor e o

acerto do entusiasmo e do poder criativo.

Tudo é falso e verdadeiro naquela versão do erotismo day by night. Nunca o poeta se encontrou tão bem nos seus elementos de composição. Noite Americana não passa de uma ressurreição. O tríduo musical (jazz), verbal (experimentalismo morfo-sintático) e sensorial (lírico-erótico) se recompõe. O poeta em alta velocidade. Além disso, a ilusão cinematográfica da "noite americana" (Truffaut) se faz presente.

Que se pode encontrar no subsolo da obra de Ronaldo Werneck? O poeta redime o trocadilho, usado sem pobreza de espírito. Em "dark/drunk", por exemplo, temos um caminho/descaminho que vai da bela imagem do motor-de-arranque até o desprezível "motor de araque" (pp. 26-29).

O palavrão assumido é geralmente bem colocado, sem intenção de chocar. A rima por vezes aponta com verve circense, saudável, mais para rir e alegrar. As aliterações se encadeiam de modo funcional. O espaço gráfico é utilizado sem exibicionismo sectário. O poeta se vale da tentação do olhar-cinema (movimento) e do olhar-retrato (repouso-investigação) para atrair o leitor. De tudo resulta um lirismo de fina tessitura, de quem se apóia em Silva Alvarenga, Alvarenga Peixoto e Cláudio Manuel da Costa.

O percurso imaginário dos poemas faz a viagem Paris-N. Y. Daí, os idiomas afluentes: Francês e Inglês. Chega-se ao Rio de Janeiro via New Orleans (Paris-Texas?). Os saltos mais ousados dos espetáculos, do cabaret ou da boate, são os vôos Cataguases/Montmartre.

Necessariamente os cicerones serão Virgílio, Jean-Paul Sartre e Rosário Fusco. Ora um, ora outro, conforme a circunstância. Para o itinerário da "noite americana" (Doris Day by Night) aconselha-se Hollywood-Truffaut.

O livro de Ronaldo Werneck é, portanto, para ver, sentir, co-participar. Evoca um tempo que se despede. Quem diz que a poesia morreu na grande aldeia global, fria, pragmática e cruel, é porque só lê notícias de jornal. No Brasil, até os mestres da prosa, Millôr Fernan-

des, Luis Fernando Veríssimo e Flávio Moreira da Costa não resistiram à expressão poética. Ronaldo Werneck já é poeta reincidente.

*"Literatura/Revista do Escritor Brasileiro",
Ano XVI. No. 33, Brasília, Nov. 2006/Abr. 2007*

PARA RONALDO WERNECK, O POETA QUE ESPERO VOLTAR A ENCONTRAR EM CATAGUASES

Olinda Beja

Em ti nascem palavras como folhas
em troncos desnudados
palavras sons risos solfejos
gotículas de néctar qual zumbido de insecto
em corola de flor
contas de rosário em mãos de peregrino

Em ti nascem palavras que são murmúrios de rio
seixos cor-de-fogo em margens de primavera
aroma de pinheiro exuberante e puro
resinoso e sagrado
como nos primórdios da humanidade

Em ti se respira o latex do poema
o mastigar da palavra
qual nenúfar a desabrochar
sobre as águas cálidas de um lago

FAROL NA BEIRA DO CAOS

Geraldo Carneiro

De repente, Ronaldo Werneck, o poeta de Selva Selvaggia, se torna um farol na beira do caos do bas-fond. É ali que o poeta refunda o seu reino, entre suas deusas feitas de álcool e de absinto. Ainda se ouvem ao fundo as sereias do Rio Pomba, na sua Cataguases mítica, cujo Virgílio da nova (nem tão nova) geração é o poeta Rosário Fusco, numa invocação que é um primor de ironia *made in Minas Gerais*. Mas, a nova paisagem de Ronaldo Werneck é povoada por musas que revoam nos inferninhos ou paraísos artificiais de Copacabana.

Se antes a linguagem de Ronaldo era filtrada por uma razão que se desejava a salvo da selva selvagem das paixões, agora sua nova ponte se edifica entre as vanguardas da poesia e da vida. E antes que algum aventureiro se aventure em trocadilhar na ilha em que o Ronaldo fundou e naufragou a sua Dóris, esclareço que nenhuma dessas vanguardas é vã. A primeira, porque mantém a linguagem retesada (em todos os sentidos), reduzida ao seu sumo: sem as plumas de qualquer retórica que pretendesse dar às palavras uma solenidade de salmo ou sermão. A segunda, porque é a pátria em que se encenam as cenas da memória de Ronaldo, em sua Recherche e, com o perdão da má palavra, sua proustituição: a única memória que, depois de tantos anos, mantém a vida merecedora de ser lembrada.

Aqui, nesta poesia do bas-fond, a palavra só se mantém acesa quando amparada nas asas da vida. O resto é silêncio, ou são ecos e estilhaços das falas engendradas pelas alegorias do desejo. E, de repente, embora confinado nesta moldura conceitual rarefeita, explode o lirismo de poemas como:

de repente
me calo
e deixo ao galo seu ofício
tão inesperado
tão súbito
e violento
esse cantar
tão cantar
esse cantar
tão nunca mais
tão auroras
tão sinfonia
de perdas & pardais
tão cantar
esse cantar
tão agudo
tão grande
tão ancho
que a ele
me agarro
gancho
para mais
este dia
que ofereço à poesia

É extraordinário como esta poesia que se deseja descarnada, despojada dos ornamentos-clichês, detona a emoção precisa de cada momento vivido nos cabarés de Copacabana. Que, ao final da viagem, se transforma numa *Coney Island of the Mind* – ou, se me permitem uma tradução datada e circunstancial, no Tívoli Parque da imaginação. E lá, nessa paisagem encantada pelos versos do Ronaldo, cada uma dessas putas, cada um desses vadios terá direito a cheirar sua dose de éter em pétalas de rosa, como se cheirava na Belle Époque, e conquistar a sua prise de eternidade.

REVISITA SELVAGGIA DE RONALDO WERNECK

Sérgio de Castro Pinto

É sabido e consabido que as vanguardas foram uma faca de dois gumes: benéficas para quem delas se utilizou abdicando da pirotecnia, sem se submeter passivamente às suas palavras de ordem e, por outro lado, maléficas para quem recalcou o lirismo, o “eu profundo”, para enfatizar o discurso metalingüístico, as vertentes meramente livrescas, em detrimento da experiência vivida e transfigurada através da linguagem poética.

Nunca é demais repetir: “O poeta parnasiano era mais poeta quanto menos parnasiano fosse”. Pois bem, conquanto aplicada a um determinado período da lírica brasileira, a observação de Mário de Andrade pode-se desdobrar e recobrir todos os demais períodos indistintamente, desde o barroco, passando pelo árcaico, romântico, simbolista, até as vanguardas. Quer dizer: assim como “O poeta parnasiano era mais poeta quanto menos parnasiano fosse”, também o poeta concretista...

Ronaldo Werneck reeditou (revisitou?) “Selva Selvaggia”, cuja primeira edição data de 1976. E o fez acrescentando novos poemas na linha dos anteriores. É um lídimo representante das vanguardas, apenas com um diferencial: os seus poemas sempre passaram emoção ao leitor, mesmo num momento em que a sensibilidade do poeta brasileiro se mostrava recolhida, envergonhada, cheia de pruridos. Em suma, é um vanguardista que mesmo investindo no poema visual, a exemplo do engenhoso “Manhattan”, comove o leitor, diferentemente dos que, complicando a disposição gráfica do poema, por pouco, muito pouco, não descolam a retina de quem o lê (?).

Salvo engano, foi Affonso Romano de Sant’Anna

quem, discorrendo sobre os poetas vanguardistas, concluiu que eles não tinham família. Ou, se tinham, simplesmente a omitiam em seus poemas. Ronaldo Werneck, embora vanguardista, não perde a ternura. Tanto que a distribui com todos quantos compõem o seu universo familiar ou com os homens de um modo geral, pois a sua poesia, felizmente, não é só linguagem, virtuosismo com a palavra escrita, mas "sentimento do mundo". Daí a permanência da maioria dos textos que integram o primeiro "Selva Selvaggia", cuja nova edição – acrescida de novos poemas – saiu com o selo da Editora Íbis Libris e com o patrocínio da Cia. Força e Luz Cataguazes-Leopoldina, Fundação Cultural Ormeo Junqueira Botelho e Governo de Minas Gerais.

*Coluna de Sérgio de Castro Pinto, Jornal "O Norte",
João Pessoa, 15.06.2006*

UM CINEMA DE POEMAS SONOROS

Pedro Maciel

Ronaldo, querido: obrigado pelo envio do livro "Selva Selvaggia Revisitado". Se ainda estivesse comentando livros que gostaria de ter escrito, provavelmente comentaria este livro que é um exemplo de enigma poético. Um cinema de poemas sonoros. Às vezes é preciso ler de olhos fechados. Apesar de que a sua poesia é uma conversação de imagens. É puro cinema. Parabéns pelos poemas que não precisam de qualquer explicação. Abraçosempre.

De São Paulo, por e-mail de 25.01.2006

CLAREIRA ABERTA

Laís Corrêa de Araújo

Ronaldo Werneck: só agora – janeiro – posso sentar-me para agradecer e “revisitar” Cataguases e sua atmosfera. Com que alegria reli sua obra já extensa e de bom peso. Infelizmente, estou dentro ainda da fumaça de um derrame e é difícil sair deste buraco! O que fiz, no entanto, pela clareira aberta de sua luminosa arte de compor. Obrigado, sempre. Laís, pelo Affonso também.

Carta datada de Belo Horizonte, 11.01.2006.

290

PÓS-BANDEIRA & BAUDELAIRE

José Maria Dias da Cruz

Ronaldo: Recebi os livros e estou adorando. Tenho pensado muito nessa crise em que vivemos, que tão bem você retrata e testemunha. Quanta sensibilidade, quanta criatividade. Seguem citados uns versos brilhantes, diria baudelairianos:

“patético

pungente

patusco

demente

no tempo de moço

muita namorada

agora sou um troço

só me fazem caçoada”

Belíssimos esses versos. Quantos entrelaçamentos, quantas referências, quantas figurações e percepções simultâneas! A partir deles, ao acaso, escrevo estas impressões que não são tão pessoais como parecem. Escrevi umas notas para o Chiquinho (*o poeta Francisco Marcelo Cabral*) onde dizia que o poeta também é um geômetra. Vejo muita geometria nesses seus versos. Há questões de espaço, tempo, vários níveis de realidade e percepção. Mas neste e-mail não falarei por esse viés. Arrisco-me a pisar em um terreno que não é o meu.

Será que posso dizer que você é um poeta pós-Bandeira? Uma Pasárgada sem Rei? Isto me veio de repente como uma idéia que não me soa como absurda. A verdade é que seus livros chegaram em boa hora. Penso, entre outras coisas, em mudar-me para Florianópolis. Lá estarei ao lado de minha filha e meus netos. Continuarei trabalhando. Sou Braqueano e aqui seguem dois pensamentos deste mestre: "Destruir toda idéia para se chegar ao fatal." E estranhamente sua complementar, "Jamais aderir." Quem sabe, lá terei mais tempo. Não mais como em Pasárgada, creio, como você tão bem está percebendo, pois lá não seremos jamais amigo do Rei.

Tenho um projeto: escrever um texto sobre o cromatismo de Cézanne. Não está ainda em ordem, mas tenho quase tudo em minha cabeça. Seus livros e o do Chiquinho muito me ajudarão. Falta-me sossego e uma grande distância dos jogos de conveniência os quais vêm envenenando as artes há tempos. Segundo Duchamp, desde a época de Courbet ("O veneno" mesmo, tal qual Baudelaire previu). Atualmente esses jogos acompanham o ritmo desse louco capitalismo. Segundo o sociólogo Robert Kurz, "Quando os loucos estão em maioria a loucura é dever do cidadão."

Você já pensou que o espaço cibernético pode ser muito interessante para os jovens artistas? Muito mais interessante tem sido, entretanto, para o capital que agora se movimenta a uma velocidade alucinante. Picasso, esta figura tão ambígua e atualmente uma

grife, guardava seus visíveis e táteis dólares embaixo do colchão. Hoje o dinheiro é abstrato. Os jogos de conveniência assemelham-se já a uma máquina cujo funcionamento só os que a manipulam sabem os segredos. Isso é um fato tão real! Criticá-lo, parece-me, será sempre uma posição irreal, abstrata mesmo ou de quem nada está entendendo.

Se vivemos uma crise, primeiro temos que diagnosticá-la, tendo de um lado o campo visual, o mundo, e de outro os olhos, limite do mundo. Além do mundo uma transparência absoluta, um não sei o que inviolável... Resumindo, são tantas as contradições! Seus livros, penso, são quase os diagnósticos. Digo quase porque não acredito em conclusões. Nesse sentido, parece-me, você está se movendo em espaços entre os poemas. Tentando reconstruir essa paisagem urbana descrita tão bem pelo Chiquinho: "pelo néon ensandecido do/ comércio de coisas inúteis". E você diz: "o néon/ borrando a madrugada".

Gostei das fotos cortadas em ritmos agora inúteis, pois querem ordenar, por fora, o que não podemos perceber, por dentro, dos momentos presentes. Como pintor, digo: Artista é uma coisa. Plástico outra. Está aí uma contradição que, talvez, já não mais se resolve por uma síntese.

Fiquei, não sei o porquê, do lado ético e estético do Artista... (como você diz, patético). O lado plástico é moldável, e poderia tê-lo assumido, mas neste caso teria que me moldar também ao ético e estético. Daí ter entrado em um estado de insolvência. Esta, tão bem prevista por Cornélio Penna em sua "Declaração de insolvência" escrita em 1927, ou por aí.

Escrevi umas notas sobre o novo livro do Chiquinho (*Livro dos Poemas de Francisco Marcelo Cabral, 2003*). Penso que você já deve ter lido, mas anexo-as, pois elas podem esclarecer muitas coisas que estou vendo em seus livros. Para surpresa minha e com muita alegria, lá estão elas na Fortuna Crítica do livro do Chiquinho. Com muita admiração, do José Maria.

TESOURO ENCONTRADO

Pedro Paulo da Silva

Ronaldo: naveguei em poéticos mares azuis com Bus Stop, Cinerama/68 e especialmente com Rota: Fellini entre muitas outras pérolas neste Tesouro Encontrado que é sua coletânea de poemas Rota/Nino/Rota segura e cultural. Clave de sol musical nas palavras e formas em toda coletânea. Re/vi/vivi-me-emocionei com os mitos do claro/escuro do cinema. Sunset Boulevard evaporou-se na poeira do tempo. Feliz Natal!

Carta datada de Cataguases, dezembro de 2005

TODAS AS VOZES DE UM POETA

Ronaldo Cagiano

O poeta mineiro Ronaldo Werneck fez um delicado encontro de contas com sua vida literária, que contabiliza trinta anos de intensa produção poética e outras atividades artísticas. Com a revisita a "Selva Selvaggia", obra publicada em 1976, lança um novo olhar sobre seu trabalho, agora enriquecido por novos poemas e performances criativas.

A reedição desta obra, que funde texto e imagem, tem uma carga semântica particularíssima. O autor reuniu toda sua experiência com as linguagens, para fazer um balanço estético, utilizando de todos os recursos que a arte e a comunicação possibilitam, projetando suas vozes e experiências textuais e oníricas. A poética werneckiana, além de incorporar uma profunda relação metafórica com

o cinema e o vídeo, assimila os recursos de dois universos aparentemente antagônicos, mas que sob sua pena se complementam simbioticamente – a tradição e a vanguarda – permitindo um diálogo entre gêneros, autores, tendências, escolas e visões.

Ronaldo Werneck pertence a uma geração que teve a felicidade de conviver com um mundo em que os padrões estéticos experimentaram profundo escalonamento de valores e uma inigualável efervescência. Um tempo em que as rupturas, as vanguardas, a experimentação, o questionamento dos cânones, seja na literatura, no cinema, no teatro, na arquitetura, na música e nas artes plásticas, deflagraram um fecundo ambiente de renovação da arte, propiciando, assim, uma arguta visão crítica de escritores e pensadores, o que, inegavelmente, favoreceu o arejamento da produção intelectual e a renovação das linguagens. Sua poesia é caudatária desse clima e reflete toda uma inquietação - formal, política e pessoal.

Com “Selva Selvaggia” revisitada, RW oferece um painel bastante peculiar de sua heterodoxa oficina criativa, que não envelhece, senão assimila novos parâmetros, sobretudo do mundo tecnológico e da comunicação online que possibilitam levar a arte de qualidade cada vez mais longe, diminuindo o fosso entre a civilização e a barbárie.

Nesse inventário afetivo, valorizado por uma visão conceitual sobre a poesia que realizou, como se pode colher da caudalosa fortuna crítica reunida, o autor contribuiu não só para a compreensão de sua proposta poética, mas também do momento histórico e dos processos literários em voga naquela época. Uma obra de inegável qualidade, referencial e histórica, comparável com a importância cultural dos autores que fizeram e continuam fazendo de Cataguases verdadeiro laboratório de idéias e movimentos culturais.

“Correio das Artes”, Jornal União, João Pessoa, 05 e 06.11.2005

Jornal “Opção”, Goiânia, 13 a 19.11.2005

Caderno “Pensar”, Jornal Estado de Minas, 19.11.2005

VOZES DE FÔLEGO E SENSIBILIDADE

Elias Fajardo

Dois poetas de uma mesma geração colocam seus versos no mundo, dão seu recado com fôlego e sensibilidade. Afonso Henriques Neto produz um livro, no mínimo, curioso. Na primeira parte, "Voz do sol: o poema da cidade", um longo poema em que, segundo Bruno Zeni, o autor alinhava "imagens exuberantes e terríveis que tendem a escapar do controle racional, organizadas num ritmo calculado e envolvente como música". O poeta enxerga a metrópole como um rio que "vai passando, vai mordendo os próprios limites, margens de terra e fósforo e linguagem, gengivas de luas elétricas, estrela salobre".

Afonso faz parte de uma linhagem de grandes poetas mineiros e pertence à geração que, na década de 70, renovou a poesia brasileira, explodiu seus limites, brincou, pintou e bordou. Nesta obra da maturidade, ele não renega as fontes em que bebeu, exercita-se com facilidade entre o humor, o palavrão, o cotidiano e o lirismo mais terno. E revela um perfil surrealista, capaz de usar sem pejo imagens grandiloqüentes para, logo em seguida, mergulhar em franciscana simplicidade.

O papel transitivo das palavras

Segundo Aduino Novaes, "lemos a obra não como uma grande metáfora, mas como a tradução daquilo que define a cidade contemporânea: seu caráter necessariamente transitivo e lugar de expressão das formas 'ocultas' da experiência. Para dar forma a essa experiência, o poema recorre ao papel transitivo das palavras. Nenhuma delas traz um sentido em si, mas depende da posição e do funcionamento instantâneo do poeta e de cada transeunte". A segunda parte do livro, "Diário de megalópolis: o delírio do labirinto", combina fragmentos, prosa poética e ensaios sobre autores em cuja obra as imagens da cidade ocupam lugar central, como Santo Agostinho,

Thomas Morus, Le Corbusier, Baudelaire, T. S. Eliot, Kafka e James Joyce.

"Selva Selvaggia" foi publicado em 1976. Quase 30 anos depois, Ronaldo Werneck revisita sua obra, acrescenta novos poemas, observações, cartas, opiniões a este livro emblemático. "Selva Selvaggia" tornou-se importante pelo seu conteúdo de renovação e audácia (foi estruturado como se fosse um filme) e, nele, o autor experimenta de um tudo: concretismo, poema processo, invenções em que a palavra é tomada e supervalorizada em seu aspecto gráfico, fotos, ilustrações, desenhos, figuras geométricas de onde jorra poesia. Isto tudo levou Luiz Ruffato a escrever na orelha do livro: "Ele se forma claramente entre as hostes dos barulhentos bárbaros que questionam o estabelecido, que se rebelam contra o antigo, que se batem pelo novo".

O poder de atravessar o tempo e as tradições

Para lançar o volume, o autor mineiro também inovou: propôs, em forma de carta-resposta, um "contrato arisco", oferecendo a obra em tom de poesia e humor e recebendo encomendas de nomes como Carlos Drummond de Andrade e Affonso Romano de Sant'Anna.

Tantos anos depois, a poesia de Ronaldo, que é o que mais interessa, continua forte e combativa. Alguns não de achar excessivo que ele mapeie toda a trajetória do livro e imprima nesta nova obra os muitos elogios que recebeu ao longo de décadas. Mas o autor expõe também algumas pauladas que levou, como uma severa carta-crítica de Domingos Pellegrini Jr. Que é uma verdadeira lição de rigor literário.

Como conclusão fica a impressão de que um bom poema tem o poder de atravessar o tempo e nem importa muito se é concreto, abstrato, se tem raízes numa ou noutra tradição literária: o importante é a sua capacidade de nos fazer alçar vôo.

CONCRETO NAS SELVAS

Luiz Ruffato

Segundo Luiz Ruffato, é insano tentar firmar as referências da arte de Ronaldo Werneck

Creio que talvez possamos admitir que exista um movimento artístico intitulado “pós-modernismo” e que sua característica primordial seja a da intertextualidade, ou a explicitação do diálogo que estabelece com a própria arte. Explicitação porque não só admite mas mesmo denuncia sua filiação. Nesse sentido, pós-moderno é Ronaldo Werneck, que em 1976 lançou a primeira edição, agora revisitada, deste Selva selvaggia. Em boa hora, aliás, pois há tempos quem quisesse conhecer esse livro, elogiado, à época, por humores tão díspares quanto Moacyr Cirne e Luiz Carlos Maciel, Wilson Coutinho e Fábio Lucas, deveria pedi-lo emprestado a leitores ciumentos ou buscá-lo em empoeirados sebos.

Em Ronaldo Werneck tarefa insana seria tentar firmar as referências de sua arte, pois onivoramente o poeta constrói seus textos, cujo resultado é como um sofisticado molho que leva inúmeros condimentos, mas de tal forma que o sabor final, embora saiba a cada um deles, torna-se num outro, único e indissolúvel. O autor salpica ali e aqui predileções, mas, sabiamente, nós, os leitores, devemos desconfiar de tamanha generosidade. Isso porque se nos deparamos num poema com ecos (evidentes) de Mallarmé, noutro ouvimos (distante) escansões de cantigas de ninar, espriadas numa mágica infância.

Que a paixão de Ronaldo Werneck pelo cinema torna-se nesse livro quase obsessão é um fato. Basta tomar seu depoimento – “Selva Selvaggia tem como epígrafe uma ‘tirada’ de Glauber Rocha (...) e foi estruturado como se fosse um filme” – e perceber a presença, além do genial baiano, de Eisenstein e Fellini

conduzindo “tomadas”. E toda terminologia nos remete ao universo fílmico: são cortes, montagem, takes, planos, seqüências, argumento, cenografia, roteiro, direção.

Mas, é a arte literária que se esparrama em cada recôndito dessas 428 páginas. E, se são vários os interlocutores de Ronaldo Werneck, não o é sua filiação. Ele se forma claramente entre as hostes dos barulhentos bárbaros que questionam o estabelecido, que se rebelam contra o antigo, que se batem pelo novo. Nesse sentido, é no “pensamento concretista” que ele se radicaliza – não no concretismo, mas na “tradição concretista”: Gregório de Matos Guerra, Sousândrade, Oswald de Andrade, Augusto e Haroldo de Campos, no Brasil; Mallarmé, Rimbaud, Pound, Maiakóvski, Cortázar (sim, Cortázar, o ficcionista, o ensaísta), no exterior.

Côncios, agora, deleitemo-nos com o que se oferece aos nossos paladares: Ronaldo Werneck.

Jornal do Brasil, Caderno B, Seção Livro, em 15.09.2005

O CLÁSSICO E A VANGUARDA

Lázaro Barreto

É claro que hoje as expressões concretismo, neoconcretismo, poema-praxis, poema-processo e quejandos estão desusadas, quase obsoletas, remetendo ao lugar comum de coisa datada, mesmo considerando que qualquer coisa que tenha um referencial passadista é gratuitamente taxada de datada. E na verdade só mesmo o que não sucumbe ao rolar dos anos e eras é que se sobrepõe ao círculo da temporalidade e dispensa o passado e o futuro porque é sempre coisa presente.

Muitas e grandes obras de arte são assim eternamente atuais – e também algumas idéias, imagens e pessoas transcendem as respectivas datas de irrompimento e fixam-se no calendário como os ritos de passagem que se deixam passar mas que em si mesmos não passam na turbilhonante imensidão do tempo.

Por mais chamativo e gracioso que seja o arranjo das vogais e consoantes sem as palavras consecutivas e ordenadas na folha de papel, nunca substituirão a imagem pictórica da arte plástica, que vai mais diretamente ao assunto visado, sem os rodeios simbólicos do visualismo artificioso. Lembro-me que uma vez, quando um poeta concretista do Suplemento Literário do Minas Gerais (de BH) disse ao então poeta discursivo Adão Ventura que a palavra tinha morrido, recebeu em resposta do último o pedido: “Você me dá então sua máquina de escrever?”.

É certo que a evolução dos costumes nem sempre é programada e que a poesia brasileira tinha que transigir no envoltório do perpassar das etapas históricas que influi no comportamento das pessoas, resultando na naturalíssima sucessão de estilos e formas de expressão da angústia de viver num mundo regido pela batuta da interminável rotação das esferas cósmicas. É natural, pois, que os chamados estilos de época reciclem seus objetos, seguindo ou puxando a esteira das renovações comportamentais, adquirindo conotações e nomeações ocasionais sob o influxo de um pretendido avanço vanguardista.

Assim transcorrem os ciclos, romantismo, naturalismo, parnasianismo, modernismo, concretismo, surrealismo, pós-modernismo... tudo se encadeando no rol dos trâmites normais, com as naturais distorções e acertos: a infeliz prevalência influenciadora de Oswald sobre Mário de Andrade, os concretistas enviesando pelo desatino do poema-processo, optando assim pela facilidade dos apressados e não pela argúcia erudita dos irmãos Campos e outros igualmente aquinhoados. E tudo aconteceu como está registrado

e contextualizado. O que se quebrou diamante não era, como diria o sempre bem lembrado Drummond, autor que jamais será relegado ao passadismo, que criou seu estilo sem nunca abdicar do experimentalismo das formas.

Outros bons exemplos de instigadores do assíduo experimentalismo não faltam. Ainda agora estamos novamente diante do incontentável e voluntarioso Ronaldo Werneck, novamente abrindo portas e janelas para tantas claridades inspirativas. Ele acaba de lançar em grande estilo o livro Ronaldo Werneck Revisita Selvaggia, que surpreendeu Zuenir Ventura pela "polissemia, polivalência, politalento" de um habilidoso manejador de signos que ama a palavra a ponto de movê-la no espaço gráfico com a desenvoltura de mestre, reavivando-a no vai-e-vem das destinações e remetências, no arranjo visual do cine-poema de seus artifícios por assim dizer intuitivos. Uma boa revivescência para todos. Bem haja, pois.

Coluna de Lázaro Barreto in Agora/ Divinópolis, 03 a 09.09.2005

TRANSPoesia DE RW

Trajano Valpassos

Agradecendo, com pipocas estelares, a chegada à vista minha, atenta e aprovativa, de Selva Selvaggia revisitada, numa edição-ônibus, que percorre campos e matas, matas e montanhas, montanhas e rios, de Minas e do mundo, e vai desaguar no mar esse trem azul, aduzo que:

Sempre fiel à sua Cataguases dos verdes anos e dos anos da Verde, a transpoesia de RW envereda

desde/por iluminadas trilhas pré-renascentistas, passeia, com Rimbaud, Mallarmé e Apollinaire, pelas margens das vanguardas de ontem, visita pessoas, tempos e modas da modernidade brasileira, mergulha como platéia e cineasta nos filmes de Eisenstein e Fellini, e, lúdica, joga com grafismos e imagens que modernas técnicas lhe deparam.

A transpoesia de RW, fazendo destas meio e fim, “compondo” uma visão do mundo a partir de um canto de província, quantos de seus poemas não nos remetem, não por similitude, claro, à atmosfera lírica da Arcádia mineira?, mesmo sem aquelas visões de selva e ravinas, penhas e fontes, rebanho e pastores.

Nessa edição-ônibus, ônibus que é, há lugares reservados para o tanto de amigos e colegas escritores, para admirados e admiradores, para os meninos perdidos da Terra dos Poemas Gráficos, há lugar para toda essa gente de boa cepa, copa e capa. E até para mim, cristão não-confesso, embora estejamos sós no Universo, quem sou eu?

Digo e repito: RW é bom mesmo. Não há controvérsias. E Minas tem uma enorme saudade do mar que nunca teve. Abraço grande do Velho Traja.

Carta datada do Rio de Janeiro, 23.08.2005

CINEASTA DA PALAVRA

Hugo Pontes

Minha convivência literária com o poeta Ronaldo Werneck data de 1965, quando freqüentávamos as mesmas páginas das publicações de nossa época de adolescentes. Assim, pude acompanhar a trajetória do

autor que, no salto para o futuro, ficamos conhecendo pessoalmente aqui em Poços de Caldas. Isso fez com que ficasse consolidado o nosso conhecimento e o respeito pelo trabalho de cada um. O autor é natural de Cataguases, onde iniciou suas atividades literárias no ano de 1961, junto com os irmãos Joaquim, Pedro e Aquiles Branco Ribeiro, Paulo Martins, Plínio Filho, Célio Lacerda, Carlos Sérgio Bittencourt, Ana Maria Cabral, Aécio Flávio Guimarães e Jorge de Oliveira.

A primeira publicação do grupo foi o jornal "O Muro", seguindo-se SLD/Suplemento, Literatura, Difusão. Depois, vieram os jornais Totem e Tabu. Tudo isso para, em 1976, o autor enfeixar seus textos em livro de grande sucesso na época, "Selva Selvaggia", reunindo seus experimentos poéticos desde 1961 até 1976. Seguramente, nesses anos todos, lendo e comentando os livros, estabeleci – para mim – o seguinte conceito sobre os poemas de Werneck:

"É o cineasta da palavra que – sem desfazer-se de sua origem – continua poeta visual por excelência". Dessa forma, podemos reafirmar que, saudando a antologia "Ronaldo Werneck Revisita Selvaggia", numa retrospectiva, volta a dar vida neste início de século a uma obra que foi sendo construída ao longo de 45 anos de pura dedicação à literatura e ao poema.

DO AUTOR

A Feiticeira– de Jules Michelet, tradução. 1ª. Edição Bru-
guera, 1971. 2ª. Edição Círculo do Livro. São Paulo, 1975

Contos de Hoffmann– de E. T. A. Hoffmann, tradução. Edi-
tora Cedibra. Rio, 1972

Selva Selvaggia - Um cine-poema de Ronaldo Werneck.
Poemação Produções/Gráfica Vespertino. Rio/Petrópolis,
1976

Pomba Poema. Poemação Produções/Prefeitura Muni-
cipal de Cataguases, 1977

Cataguases é Cachoeira– 100 Anos de Humberto Mauro.
Funarte/Prefeitura Municipal de Cataguases, 1997

Minas em mim e o mar esse trem azul. Poemação Produ-
ções/Cia. Força e Luz Cataguazes-Leopoldina/Fundação
Cultural Ormeo Junqueira Botelho/Lei Estadual de Incenti-
vo à Cultura de Minas Gerais, 1999

Dentro & Fora da Melodia. Que papo é esse, poeta? CD
gravado ao vivo, com canções/poemas/parlações. Poema-
ção Produções/Cia. Força e Luz Cataguazes-Leopoldina/
Fundação Cultural Ormeo Junqueira Botelho/Lei Estadual
de Incentivo à Cultura de Minas Gerais, 2001

Ronaldo Werneck revisita Selvaggia. Ibis Libris & Poema-
ção Produções/Cia. Força e Luz Cataguazes-Leopoldina/
Fundação Cultural Ormeo Junqueira Botelho/Lei Estadual
de Incentivo à Cultura de Minas Gerais, 2005

Noite Americana/Doris Day by Night. Ibis Libris & Poema-
ção Produções/Cia. Força e Luz Cataguazes-Leopoldina/
Fundação Cultural Ormeo Junqueira Botelho/Lei Estadual
de Incentivo à Cultura de Minas Gerais, 2005

A SAIR

KIRYRI RENDÁUA TORIBÓCA OPÉ –
humbertoMAURO revisto POR ronaldOWERNECK
HÁ CONTROVÉRSIAS 1 – *Prosa pós-patética*



Impresso em novembro 2008
nas oficinas da Loyola.
Composto em Myriad Pro, corpo 10 pt.

Não encontrado este título nas livrarias,
solicite-o diretamente à editora.

Manuela Editorial Ltda. (Arte Paubrasil)
Rua Doutor Amâncio de Carvalho, 182 ao 206 - Vila Mariana -
04012-080 São Paulo, SP
Telefax: (11) 5085-8080
www.artepaubrasil.com.br

